

Defesa Nacional



CEL. RENATO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FIGUEIREDO

MAJOR JOSE SALLAS

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Vol XXXII

Brasil — Rio de Janeiro, Agosto de 1945

N. 375

SUMÁRIO:

	Pages.
Editorial	219
Estudo Histórico Geográfico — Gen. Onofre Gomes de Lima	223
O Corpo de Saúde do Exército — Gen. Castro Ayres	235
Excertos — Trad. — Cel. R. B. Nunes	241
Souza Dacca — Virgílio Corrêa Filho	265
Localizador — Cap. Marcio de Menezes	275
Como vejo o emprêgo da Divisão Blindada pelo Alto Comando — Maj. A. C. Muniz de Aragão	281
Caxias e Osório — Cel. J. B. Magalhães	289
Um Batalhão do Exército em Itajaí — Maj. Emanuel de Almeida Moraes	313
Deodoro, o Magnânimo — Cel. Felício Lima	335
O Serviço de Informações no Regimento de Cavalaria — Cap. D. C. C.	341
Rudolf Kjellen e a Geopolítica Alemã — Orlando M. Carvalho	351
O que a engenharia vem realizando nesta guerra	357
Livros Novos	363
Revistas em Revista	369
Boletim	375
Noticiário & Legislação	379

EDITORIAL

O Brasil atravessa um dos mais sérios momentos históricos de toda a sua existência.

O seu destino está em jogo. Nessa perigosa encruzilhada da humanidade, quando, ao calor da fornalha de uma guerra que incendiou toda a terra, se refunde aceleradamente a estrutura social e econômica de todos os povos, o Brasil, país novo, com deficiências substanciais em matéria de circulação, preparo técnico e aparelhamento de produção, e com uma organização social, em geral, do maior primarismo, é um campo essencialmente propício às reformas que se anunciam, mas por isso mesmo são maiores, são imensos, os riscos que nos espreitam.

Tratase para o Brasil de um largo salto, por que devemos atingir as avançadas etapas para que marcha a nova estruturação do mundo, sem ter experimentado, pelo menos em escala suficiente, os estágios intermediários, em que outros povos fizeram longa preparação.

Em todo caso, temos a nosso favor uma linha de tradição política secular, e uma ordem moral assente em valores que são os próprios valores da nossa formação.

Será, pois, à base desses valores e dessa linha política, que devemos enfrentar as transformações do após guerra, se quisermos resguardar a personalidade nacional.

— : —

Tendo presente todas essas reflexões, a figura do Duque de Caxias surge logo como a nossa melhor fonte inspiradora. Neste 25 de agosto, o patrono do Exército, mais que da nossa homenagem, será objeto da nossa demorada meditação.

Reflitamos no seu exemplo. Se foi o soldado máximo do Brasil nos campos de batalha, se sempre conduziu à vitória os exércitos que comandou, também acudiu pronta e devotadamente aos apelos da pátria para guiá-la como cidadão.

Camaram-no muitas vezes, em momentos críticos, para que galvanizasse as dificuldades, apla-

casse as paixões, impusesse a ordem. E o grande soldado assim o fazia com a sua energia serena, com o seu equilíbrio imperturbável, com a sua inigualável autoridade moral, com o seu intransigente patriotismo.

Mais de uma vez governou províncias e governou a nação. A pátria dispôs tanto do general como do estadista, e este não desmereceu aquêle; ao contrário, são ainda admiráveis os serviços que prestou nesse terreno.

Agora mais uma vez se apresenta claro e irrecusável o papel histórico das forças armadas no destino do Brasil.

Nesta hora, portanto, busquemos inspirações no exemplo de Caxias. E como o seu espírito vive no espírito do próprio Exército, podemos confiar. O Brasil há de superar íntegro e fiel a si mesmo a aguda crise política em que ora se debate, bem como o lógico reajustamento social e econômico que se operará no mundo de após-guerra.

Estudo Histórico Geográfico

General ONOFRE GOMES DE LIMA

1. — Significado e grafia da palavra México.

O vocabulário, segundo bons etimólogos mexicanos, é corrupção do nome náhuatl México, cuja pronúncia é Meshico (o "x" como o "sh" inglês ou o "ch" francês), que se compõe do radical "Mexi" de Mexitli, e da terminação "co". Mexitli seria o nome de um dos sacerdotes aztecas que fundaram a cidade por volta de 1325. Perde a desinéncia tli ao absorver o sufixo "co" que indica lugar povoado. Assim México (com a sonância náhuatl) significaria Cidade de Mexitli.

A prosódia atual em que o q é pronunciado guturalmente como o "j" espanhol, encontra numerosos opositores, não sendo muito raros os bons autores que grafam a palavra com "j", certamente para se porem de acordo com a pronúncia que prevaleceu. Mas, em obediência à etimologia, a grafia atual, oficial e corrente, é com "x" embora esta letra, antifilológicamente, tenha trocado seu "som" náhuatl brando pelo aspero do "j" castelhano.

2. — Posição astronómica.

O território se estende entre os paralelos $14^{\circ}28'00''$ e $32^{\circ}43'30''$ Norte, e as longitudes de $86^{\circ}46'00''$ e $118^{\circ}23'00''$ W. Gr., considerada a Ilha de Guadalupe, abrangendo, portanto, $31^{\circ}37'00''$ de largura. A longitude máxima da parte continental é $117^{\circ}80'00''$, no extremo N. W. da Baixa California.

Cortado mais ou menos ao centro pelo Trópico de Cancer, fica aproximadamente com metade na Zona Térrida e metade na Temperada.

As coordenadas do Capital (Observatório de Tacubaya) são: L. $19^{\circ}24'17''$ e Long. $99^{\circ}11'41''$.

O primeiro Meridiano passa pelo Observatório de Tacubaya. Com referência a ele, as longitudes são: $12^{\circ}21'00''$ L. e $19^{\circ}16'00''$ W.

Tendo em conta as longitudes extremas, o território é coberto por três fusos horários limitados pelos meridianos $82^{\circ}30'00''$, $97^{\circ}30'00''$, $112^{\circ}30'00''$, $127^{\circ}30'00''$ e cujos meridianos centrais são respectivamente $90^{\circ}00'00''$, $105^{\circ}00'00''$ e $120^{\circ}00'00''$.

México tem, portanto, três horas legais, correspondentes aos três meridianos centrais e menores que a de Greenwich respectivamente, 6, 7, e 8 horas, e que correspondem às zonas oriental, central e occidental, cujos tempos são designados de Leste ou do Golfo, del Centro e del

Oeste e se encontram em correspondência com os três tempos dos E.E.UU. chamados: Central (Vale do Mississipe), das Montanhas, (Montes Rochosos) e do Pacífico.

Para facilitar as relações com os E.E.UU., particularmente no referente à concordância dos horários de trens, México adotou a partir de 1932, como hora oficial para todo o país a Hora do Golfo (hora Central d E.E.UU.), excetuando a parte norte da Baixa California, cuja hora legal é a correspondente ao meridiano central de 105°.

3. — Situação geográfica.

A situação do México é céntrica em relação aos demais países do Continente, porque ocupando a parte meridional da América do Norte, seu território se prolonga pela região istmica da Centro América.

É limitado por três mares: Oceano Pacífico a W. e S. e Golfo de México, e Mar dos Antilhas a L.; e por três países: E.E.UU. ao N.; Guatemala e Belice ou Honduras Britânicas (colônia inglesa).

4. — Território, divisão Pentagráfica.

Sendo cinco os elementos bastante distintos que compõem a área do país, os autores mexicanos adotaram a denominação de Divisão Pentagráfica para a classificação que usam.

Consta o território, primeiramente, de um elemento continental — que é o essencial, a que se juntam os outros. De sua parte N.W., e quase completamente desarticulado dele, se desprende o longo e estreito apêndice da escarpada Península de Baixa California, enquanto em seu extremo S.E. a Península de Yucatán, como se fôra uma plataforma de pouco relevo, avança para o N. Os dois outros elementos são o Isthmo de Tehuantepec, onde o território se estrangula demasiado (215 kms) e o insular que compreende numerosas ilhas adjacentes ou afastadas.

Em consequência de sua situação astronómica e de sua forma, México tem vantagens e inconvenientes. Enquanto a produção agrícola é favorecida porque pode contar com plantas desde as tropicais até as de clima frio, a aridez e a seca tornam improdutivas extensas regiões desérticas, castigadas umas pelos ardentes raios solares e outras pelas baixas temperaturas ocasionadas por ventos glaciais do norte.

Prolongando-se para S.E. constitui o laço entre as duas grandes massas Continentais, e o caminho obrigatório por terra entre elas.

Banhado por ambos os lados por oceanos, são imensas as possibilidades que facultam uma ampla expansão marítima, em benefício de um intercâmbio comercial cuja extensão e volume não é temerário prever.

A história geológica mexicana registra interessantes e variados episódios que oscilam entre alternativas de levantamentos, afundamentos, deslocações e dobramentos de terrenos; avanços e recuos dos

mares vizinhos, e outros grandes transtornos que tem experimentado o solo, desde a era primitiva até os tempos atuais.

Emergida do oceano universal na era arcaica, a grande cordilheira que é a Serra Madre Ocidental e Meridional, sofreram afundamentos e deslocações posteriores que a reduziram às atuais ilhas de rochas cristalinas que apresenta.

Não é impossível, porém, que fôra México uma grande península do Continente norte-americano, orientada de N.W. a S.E. que mais tarde se afundara em grande parte no mar e se cobrira de sedimentos primários (períodos silúrico e carbonífero) até hoje encontradas.

Parece que são da era primária as séries de rochas intrusivas que acompanham as arcaicas no sul da República, na Serra Madre Oriental e a península da Baixa California.

Da era secundária são testemunhos depósitos triássicos e jurássicos sob-postos a sedimentos do período cretaceo, cujas formações ainda cobrem grandes extensões das altiplanicies do centro e norte, da Serra Madre Oriental e da Cordilheira Meridional. Ao findar-se este período, enquanto as terras se levantavam o Atlântico recuava, começando, então, os dobramentos das rochas calcáreas ("calizás") que constituem a Serra Madre Oriental.

Tudo indica ter havido na era terciária, enorme atividade geológica, durante a qual se multiplicaram os dobramentos na direção N.W.—S.E. Deslocações tremendas deram, então, origem as Serras Madre Oriental e Ocidental. No centro (Sistema Tarasco-Nahua) abundaram formidáveis erupções de rochas. O Atlântico continua perdendo espaço no N.E. (Tamaulipas) e particularmente no S.E. em consequência de formação de Yusatán. No Pacífico destacou-se do Continente, durante o período miocênico, a península da Baixa California, primeiramente como Ilha que posteriormente se veio a soldar pelo norte.

Nas últimas centúrias cenozoicas, grandes e repetidos terremotos sacudiram as terras emergidas e deslocaram as rochas graníticas das Cordilheiras Oriental e Meridional; mares de lavas encheram as sinclinais e terras baixas. Assim se soldaram numerosas ilhas, aumentando a continuidade do terreno e originando os lagos de água doce, do interior do país. Neste momento geológico irromperam através de fendas nas rochas mais antigas jôrros de metais, líquidos ou gaseificados, que resfriados vieram constituir os veios e jazidas minerais, de que é tão rico o país.

Durante o pliocênico a vida vegetal e animal teve prodigioso desenvolvimento, como têm comprovado os restos fósseis de vertebrados gigantescos encontrados em diferentes lugares, particularmente no porto ("tajo") de Tequixquiac.

Ao iniciar-se a éra Quaternária o território apresentava quase a forma atual, tendo o mar deixado as terras a descoberto. Numerosos lagos, porém, remanesçiam como testemunhando a evolução geológica em seu ciclopico e demorado processo. Prosseguiam através dela, as atividades vulcânicas as erupções de rochas basálticas atingiram o apogeu, sendo muito encontradiças nos vales tarasconahuas na Mesa de Anáhuac. Os dilúvios ativaram extraordinariamente trabalho de erosão; os profundos lagos interiores da éra terciária foram tornando-se mais rasos e amplas planuras costeiras se formaram nos sopés das cordilheiras. Somaram-se assim ao bloco terciário extensas comarcas em Sonora, Sinaloa, Tamaulipas, Tabasco, Campeche e Chiapas ao mesmo tempo a península de Yucatán se separou das Antilhas.

Em síntese, todos os elementos geológicos do solo mexicano podem agrupar-se em três partes sumamente características e bastante compactas, que se limitam reciprocamente entre si, salvo pequenos núcleos insulares que estão encravados nas partes vizinhas.

Primeiramente se distingue a Zona de rochas arcáicas ou cristalinas que é a mais antiga e menos extensa, formadas por grandes massas graníticas, gneisica e rochas esquistosas. Ocupa a estreita faixa entrecortada ao longo do Pacífico, alargando-se na parte meridional para chegar até as proximidades do Golfo.

Limitando-se com os terrenos arcáicos, segue para Leste o grupo de rochas eruptivas modernas, do final da éra terciária e da época pos-terciária. Estende-se principalmente ao longo da Serra Madre Ocidental, do Sistema vulcânico Tarasco-Náhuas e da Mesa de Anáhuac.

Prolongando os terrenos eruptivos, ainda para Leste, está a grande massa de terrenos sedimentários, que somada a outras extensas porções isoladas, alcança valor superficial mais ou menos equivalente a soma dos dois grupos anteriores. Há sedimentos quaternários, terciários e secundários; predominam extraordinariamente os cretácicos da éra secundária que constituem principalmente as dobras da Serra Madre Oriental.

Deste estudo geológico se conclui que na gênese do solo mexicano laboraram principalmente o metamorfismo, o vulcanismo e a sedimentação.

Os geólogos admitem que o vulcanismo teve marcado papel na modelagem do solo mexicano. Embora os relêvios vulcânicos tenham caráter local, as imensas extensões que ocupam as rochas eruptivas em Sonora, Chihuahua e demais Estados por cujo solo se desdobra a Serra Madre Ocidental, assim como nos de Michoacán, Guanajuato, Querétaro, México, Hidalgo, Puebla e outros do centro e sul, demonstram a grande importância que teve o vulcanismo no modelado do solo. As forças vulcânicas destróem com enorme violência, mas também

são de uma rapidez assombrosa. Ilhas e montanhas têm sido destruídas em um momento, enquanto outras se ergueram em pouco tempo. Exemplos desta dinâmica, veemente e rápida se encontram na formação do vulcão Jorullo (1759) que em menos de um mês levantou seu cône a mais de 500 metros acima da planície em que surgiu.

Em nossos dias vem ocorrendo a formação do Paricutin que como o Jorullo cresceu centenas de metros em um mês e em cerca de um ano sumergiu sob suas lavas o Povoado de San Juan Parangaricutiro. O processo de evolução deste vulcão está completamente documentado em registros de observação consignados hora a hora de cada dia e em um repertório minuciosíssimo de fotografias e fitas cinematográficas, de modo que vai ser possível estudar em detalhe o processo evolutivo do fenômeno e depurá-lo de conceitos sem fundamento científico.

Freqüentemente ocorre que os efeitos das erupções atingem a largas distâncias. A do Colima em 1913 lançou cinzas até Guadalajara por um lado e a Uruapan León, San Luis Posot por outro. Na violentíssima comoção que experimentaram os Andes em Abril de 1932, sete bocas, em uma área de 300 quilômetros, vomitaram tanta cinza que chegaram a Montevideu, situado a 1.400 kms do vulcão mais próximo e se calculou que em Buenos Aires (1.200 kms afastado) caíram cerca de 3.000 toneladas de resíduos. E agora no caso de nascimento e crescimento do mais jovem filho de Plutão — o Paricutin — além do soterramento do Povoado de S. Juan Parangaricutiro e da sepultação sob lavas de extensos espaços baldios e cultivados, sua participação de nascimento chegou até México (Capital) na forma de uma suave chuva de suas negras cinzas.

Conforme à compreensão dos geólogos, a atividade vulcânica no México, que é provavelmente continuação do intenso vulcanismo que começou no fim do "cretáceo" ou princípios da era "terciária" (no eoceneo) tem diminuído acentuadamente, mas com alternativas de maximas e minimas.

Tal atividade que no inicio devia ser geral, foi-se limitando no ocidente e no centro depois foi decrescendo de norte a sul até apagarse completamente na Serra Madre Ocidental. Na atualidade os fenômenos vulcânicos se manifestam apenas na seção meridional das rochas terciárias eruptivas, compreendida entre os paralelos 18° e 22° e com eixo de maior intensidade proximamente ao longo do de 19°, com tendência a decrescer de L para W. Os vulcões Colima, Cehoruco e Paricutin assinalam agora as comarcas mais ativas.

A maior parte dos vulcões ativos, semiapagados ou adormecidos se acham no bordo meridional da Altiplanicie (Mesa de Anáhuac), imediações do paralelo de 19° disseminados sem ordem pelo sistema orográfico Tarasco-Náhua, principalmente, que limita pelo sul com o mais recente "afundamento" do solo mexicano, ou seja a "grande depressão Austral", por isso chamada o Vale Jovem, pela qual se

desenvolve o leito do rio "Balsas". A zona vulcânica prolonga-se em sua parte ocidental, em forma de arco que termina em Nayarit, ao sul do rio "Grande de Santiago" e chegando ao "Pacifico" por outra parte. Denomina-se "Eixo Vulcânico", a faixa mais ativa, estendida do Golfo ao Pacifico, ao longo do referido paralelo de 19 graus.

O aspecto geral do solo na parte continental, é o de um imenso e trapézoidal tronco de pirâmide de bases não paralelas. A superior constitue a vastíssima e elevada Altiplanicie Mexicana que se inclina para o N. e N.E. e se prolonga no território norte-americano.

O esqueleto orográfico está formado pelas grandes cordilheiras da "Serra Madre" que depois de convergirem na parte S.E. do país formando o intrincadíssimo "Nudo Mixteco" se estende pela América Central, até o "Golfo dos Mosquitos". Já unificada a "Serra Madre" diminui sua elevação que baixa a pouco mais de 200 ms no Istmo de Tehuantepec", para em seguida alçar-se novamente e atingir mais de 4.000 ms na fronteira com Guatemala. Solda-se a esta parte a baixíssima "Peninsula de Yucatán", cujos pontos mais altos se elevam apenas entre 100 e 200 ms. Finalmente, do extremo N.W. se desprende a montanhosa e larga faixa peninsular da Baixa California, que segue para S.E., numa direção quase paralela à Costa.

Divergindo do "Nudo de Mixteco" se desenvolve o sistema orográfico continental na direção geral de N.W. Com a denominação de Serra Madre Meridional até o vale do Rio "Balsas"; inicialmente para o N. (até o Cofre de Perote) e depois no rumo geral N.W. sob o nome de Serra Madre Oriental até o Vale do Rio Bravo, formando a parede oriental da Altiplanicie Mexicana, cuja borda meridional é uma sua ramificação de direção L.W. denominada sistema Tarasco-Náhuia que separa a bacia do Balsas da dos rios Santiago e Lerma; ao N. do rio Santiago, também com orientação geral de N.W. a Serra Madre Ocidental, primeiramente próximo ao Pacifico e depois gradativamente afastando-se dele, até a fronteira dos E.E.UU. em cujo território se prolonga; na direção geral de S.E., até a fronteira Guatemalteca com o nome de Serra Madre, simplesmente.

Um exame mesmo superficial do relevo faz ressaltar facilmente as pequenas facilidades que apresenta às comunicações, circunstância de suma importância sob o ponto de vista militar.

O divisor geral das grandes vertentes externas segue a direção S.E. — N.W. e o formam: A Serra Madre de Chiapas, a Serra Atravessada (no Istmo), o "Nudo Mixteco", parte da Serra Madre Oriental e do Sistema Tarasco-Náhuia, vários serranias que cruzam a Mesa de Anáhuac, desde Ajusco até a Serra de Candela na Serra Madre Ocidental e por fim esta própria Cordilheira até a fronteira dos E.E.UU.

Como se vê, a divisória não segue equidistante de ambos litorais. Nas Seras de Chiapas a vertente do Pacifico verte bruscamente as águas pluviais para estreitas planícies costeiras, enquanto ao N. se

estendem larga e suavemente escalonados os vales de Mexcalapa, Grijalva y Usumacinta.

Passado o Ítsmo, para N.W., sucede o contrário: a aresta se aproxima do Golfo, pois é definida pela Serra Madre Oriental; volve a W. até Ajusco e depois novamente N.W. permitindo assim a formação dos amplos vales do Balsa e do Lerma.

Finalmente a S.E. de Zacatecas se bifurca, indo um ramo pela Serra Madre Oriental e outro pela Ocidental, deixando entre ambas extensos bolsões.

Comparando os dois grandes declives exteriores notam-se algumas diferenças entre seus respectivos cursos d'água. São as mais frisantes: os rios do Pacífico em geral são mais rápidos e de regime torrencial e salvo alguns trechos dos principais, entre os quais o das Balsas, não são navegáveis a não ser por embarcações pequenas; os do Golfo são mais caudalosos e dos que correm por amplas planícies costeiras são navegáveis, em longas seções, certos como o Pánuco, o Grijalva e seu afluente Usumacinta.

Os principais são: na bacia do Golfo, Bravo do Norte, San Fernando, Soto I.^a Marina, Pánico, Tuxpan, Cazones, Tecoluta, Nautla, Cotextla, Branco, Papaloapan, Coatzacoalcos, Tonalá, Mexcalpa Grijalva, Usumacinta e Candelária na do Pacífico, Altar, Sonora, Yaqui, Mayo, Fuerte, Sinaloa, Culiacán, San Lorenzo, Piastla, Acaponeta e San Pedro ou Mexquital, Santiago, Balsas, Papagayo, Ometepec, Verde, Tehuantepec e Suchiate que limita o país com a Guatemala. Na península de Yucatán só o Hondo que é limítrofe com a Colônia inglesa de Belice pode ser mencionado. Na da Baixa Califórnia, devido à sua configuração orográfica não existem propriamente rios; apenas torrentes, a maior parte do tempo secas e impetuosas quando chove, têm curso entre altos barrancos e sobre fundo pedregoso ou arenoso. Das bacias interiores, correntes geralmente de curto desenvolvimento, são assinaláveis: o Casas Grandes, o Santa María, o Carmen que são chihuahuenses e formam lindas lagôas na comarca de N.W.; o Nazas, Aguanaval e o da Cadena que desaguam na região laguneira, ao sul do Bolsão de Mapimi. O principal é o Nazas.

Os rios mexicanos se alimentam de várias maneiras. Alguns como os da Califórnia e muitos da Altiplanicie só coletam águas das chuvas: são verdadeiros rios torrenciais. Outros, muito numerosos, procedem de mananciais perenes ou intermitentes ou recebem os desgelo de neves invernais. Certos deles que têm curso perene, se alimentam pelos três modos.

Os fatores que mais influem no regime fluvial mexicano são: a topografia, o regime das precipitações e a extensão do curso.

Numerosos lagos e lagôas existem no território mexicano. Pertencem a 4 categorias: os de "emissão" que são eles próprios mananciais perenes; os de transmissão, resultantes do alargamento ou extra-

vasão de leito de rio; os de recepção ou deságue em que se lançam cursos d'água e os formados em crateras de vulcões extintos, como o do Nevado de Toluca.

As principais zonas lacustres, fora da faixa costeira, se encontram nas depressões "Llanuras Boreais", na vertente interior da Serra Madre Ocidental, na Mesa de Anáhuac e na península de Yucatán.

Todos estes lagos têm uma tendência natural ao desaparecimento, quer por deságue ou por evaporação e infiltração. Sua vida depende do clima, da topografia, da natureza do solo e em certos casos da ação humana. O de Texcoco, nas cercanias da Capital, está sendo secado para aproveitamento de sua área. Os das Llanuras Boreais, estão desaparecendo com relativa rapidez. Tudo concorre para sua extinção: seu leito plano e pouco profundo, o clima desértico, quente, que os seca constantemente, seu fundo pouco impermeável de argila arenosa, a grande quantidade de aluvião que não cessa de entupi-los e a ação humana. O lago de Tlahualilo que antigamente cobria a Região Laguneira está hoje transformado em região de imensos algodais e plantações de cana, milho, hortaliças e outros valiosos cultivos.

As numerosas lagôas que na época das chuvas se formam nos Estados de Chihuahua, Coahuila, Zacatecas e no norte de San Luis de Potosí, são apenas restos de lagos terciários e quaternários do período cretáceo.

O relevo do solo mexicano influí extraordinariamente na forma dos litorais vizinhos. Estes são muito diferentes segundo correspondam a planuras ou tenham por limite rápidas ladeiras de próximas serras. Daí os dois tipos bem distintos que apresentam os litorais do México: um pouco profundo e suavemente inclinado e outro, profundo e de brusco talude. O primeiro oferece o aspecto de plataforma submarina de nível pouco inferior ao das águas. A elle corresponde todo o litoral oriental e algumas extensões do ocidental, principalmente no golfo de Tehuantepec e da Califórnia a W. da península d'este nome. A plataforma continua tanto mais larga quanto mais afastada se encontram as Cordilheiras. Ao norte de Yucatán a plataforma se estende a maneira de banco em mais de 200 kms., sem atingir a 100 ms. de profundidade. Na Califórnia os litorais são altos e penhascosos, particularmente o oriental. São também muito recortados. No ocidental existem trechos de costas baixas, principalmente nas proximidades das baías de "Todos Santos", "Sebastian Vizcaíno", "Ballenas" e "Magdalena".

O litoral do Mar das Antilhas é perigoso à navegação, pelos arrecifes que lhe correm as longo, sobre tudo na porção setentrional.

O perímetro territorial mede cerca de 14.200 kms. aproximadamente assim distribuídos:

Litoral do Golfo, até o Cabo Catoche.....	2.500 kms.
" Mar das Antilhas.....	600 kms.
" Pacifico.....	7.400 kms.
Fronteira com os E.E.U.U.....	2.700 kms.
" Guatemala.....	850 kms.
" Belice.....	150 kms.

O maior comprimento em linha reta é de 3.080 kms., desde o extremo N. da Califórnia até a desembocadura do Suchiate, no extremo S.E. A maior largura mede 2.070 kms. na parte norte, desde Tijuana a Matamoros. E a menor estreiteza 215 kms., no Istmo de Tehuantepec.

A área de todo o território é de cerca de 2.000.000 kms², ou mais exatamente 1.963.678 kms².

Sendo o país cortado quase pelo meio pelo Trópico de Cáncer tem uma metade na Zona Tórrida e outra na Temperada do norte. Assim lhe corresponderia um clima cálido bastante uniforme, algo temperado na parte norte, porém a altitude e outros fatores modificam muito este clima geral. A influência da latitude pode observar-se, sobretudo, nas pequenas diferenças que o clima apresenta nas zonas costeiras.

As altas cordilheiras da Serra Madre e as mesas da Altiplanicie exercem sobre o clima mexicano uma influência benéfica. Prova-o a trajetória das isotermas anuais e a grande variedade de climas observada no país, desde o muito quente dos vales do sul até os glaciais da Serra Nevada e de outras terras altas. Esta influência depende das condições locais de relevo e em particular da situação, forma e altura das cadeias montanhosas e de sua orientação em relação aos ventos dominantes.

Os regimes térmicos estão subordinados ao relevo. Tendo em conta a temperatura e a altitude, as terras mexicanas estão comprendidas na divisão clássica de terras quentes, temperadas e frias.

As primeiras se encontram a sul do Trópico, nas partes baixas das vertentes, até 800 ou 900 ms. de altitude. As zonas mais quentes são o Vale do Balsas, a região costeira do Golfo de Tehuantepec e a península de Yucatán, cuja temperatura média é de 28°.

No Istmo de Tehuantepec e sobre tudo nas colinas do interior de Yucatán o calor é mais brando. No litoral do Golfo do México vai minguando gradativamente para o interior pela influência da Serra Madre Oriental. Não obstante, as ondas de calor se internam até a Altiplanicie pelo vale do "Pánuco" e principalmente pelo do Bravo, atingindo a Região Laguneira e o Bolsão de Mapimi. Também são cálidos os litorais do Golfo da Califórnia.

As terras temperadas se estendem ao norte e ao sul do Trópico, especialmente nas Cordilheiras e na Altiplanicie entre 1.700 e 2.600 ms.

Para o norte esta altitude vai sendo menor. Tais regiões gosam de uma temperatura muito suave, não havendo nunca excesso de calor. A cidade de México é o protótipo destes lugares.

As terras frias estão acima de 2.600 ms. nas cordilheiras e serras, e alcançam até o limite das neves permanentes, isto é, uns 4.300 ms. Acima deste nível, o clima é glacial como o dos cumes nevados: Cittaltépetl, Popocatepetl e Iztaccehuatl.

Os ventos principais e mais úmidos do México são os "alisios" do nordeste, próprios dos meses de Agosto, Setembro e Outubro. Ao mesmo tempo, procedentes do S.W., sopram por cima das alisios, ventos mais quentes que descendo às camadas inferiores esfriam-se formam os "contra-alisios". No Golfo do México dominam também os do S.E., que sopram todo o ano com bastante regularidade, quando não corre depressão barométrica.

Os alisios ao chocarem-se contra as dobras da Serra Madre são obrigados a elevar-se, para transpô-las, e a penetrar nos vales da cordilheira mudam a direção dando origem a "ventos locais". Além disso são reforçados pelos que se originam da diferença e temperatura entre o Golfo e Cordilheira.

Os ventos chamados "nortes" têm caráter periódico; começam geralmente em Setembro e terminam em Março ou Abril. São muito irregulares quanto à intensidade. São devidos à diferença de pressão atmosférica que há entre o ocidente dos E.U.U. e o Golfo de México. São notáveis pela violência que os ventos atingem, pelo abatimento de temperatura que ocasionam e pelas chuvas copiosíssimas que dão origem no declive do Golfo. É possível prevê-los com antecipação de 50 horas, graças aos dados que se têm diariamente da pressão barométrica da estensa zona dos E.U.U.

Na costa do Pacífico sopram "ventos periódicos" e "ventos irregulares". Entre os primeiros predominam os S.W. de verão, de índole monçônica, que originam a estação de chuvas nas regiões intertropicais do Oeste. São "irregulares" os S.E. de caráter ciclônico e violento, que sopram no outono na costa ocidental, desde Chiapas até Baixa Califórnia e Sonora e ocasionam fortes temporais. Nos Estados de Guerrero e Sinaloa, chegam ao interior e penetram na Altiplanicie, onde se conhece sua presença pelas chuvas que os acompanham, mas não pela violência perdida ao elevarem-se para transpor as cordilheiras.

Nas zonas costeiras sopram outros ventos suaves chamados "brisas", que caracterizam os climas marítimos. Durante o dia a brisa do mar ameniza o calor em terra e de noite o "terra" ou "brisa de terra" refresca o litoral e assim mar e terra vão compensando suas temperaturas.

Quando há calmaria sopram as brisas de montanha e de vale. As primeiras são frescas e sopram durante a noite das serras aos vales; as segundas são cálidas e vão temperar durante o dia a frescura das

montes. Um exemplo é o "Huitzilac", vento frio que sopra diariamente em Cuernavaca, a partir das 5 da tarde.

Os ventos dominantes são freqüentemente interrompidos no outono e inverno por perturbações ciclônicas que se formam no oeste dos EE.UU., nas Antilhas e no Pacífico.

Os ciclones que procedem do norte seguem ordinariamente trajetória de N.W.—S.E. até a região média dos EE.UU. e ai torcem para N.E. para entrar no Atlântico. Este centro tem sua máxima atividade de Setembro a Março, sendo então, maior sua influência no território mexicano, porque as trajetórias passam mais ao sul e torcem mais perto dêste país.

Na zona intertropical é menor a atividade ciclônica, porém mais perigosa por falta de previsão. As trajetórias gerais são na direção E-W; alguns ciclones antilhanos chegam a penetrar o Pacífico, de onde torcem para a vertente ocidental do Serra Madre e para a península da Baixa Califórnia. Algumas vezes cruzam o Istmo de Tehuantepec e percorrem as costas do Golfo até o Texas. Quanto aos que penetram diretamente no Golfo ai torcem para a Flórida ou Sul dos EE.UU.

Os ciclones do Pacífico, só são conhecidos por seus efeitos, porque não existem estações registradoras.

Freqüentemente os ciclones antilhanos são sinal de próximas geadas no Amapá, porque, quando um deles se dirige para o Canal de Yucatan, se forma quase sempre um anticiclone no oeste dos EE.UU. e em consequência dêste "Norte" se registram geadas poucos dias depois. Certas vezes o anticiclone já se acha no Texas quando se produz "norte" em Veracruz e chuvas precursoras de geadas na "Mesa de Anáhuac". Se ao chegar o ciclone a Yucatán o anticiclone já está no oriente dos EE.UU., a Amapá se despeja e sobreveem as geadas mais intensas. Também os ciclones do Pacífico repercutem muito sensivelmente no estado atmosférico da "Mesa de Anáhuac", com temporais ou chuvas persistentes.

(Continua)

**Lindos Padrões em Linhos e Casemiras
Confecção Esmerada**

Rodrigues & Martins

ALFAIASTES

**RUA DA CARIOCA, 28-2. AND. :::: TEL. 22-6513
RIO DE JANEIRO**

Do «O Exército que eu vi»

O Corpo de Saúde do Exército

Gen. CASTRO AYRES

Como já tenho feito, não vou limitar-me a descrever o que eu vi, também o que foi visto por meu pai, o falecido General de Brigada Reformado JOSE' JOAQUIM AYRES DO NASCIMENTO e o inolvidável General D. E. DE CASTRO CERQUEIRA, veteranos da guerra contra o governo do Paraguai.

O Corpo de Saúde como existia em 1865, era reduzido a poucos médicos alguns farmacêuticos contratados, e mais nada praticamente existia.

O Serviço de saúde pois, durante a longa campanha do Paraguai lançou mão de estudantes de medicina das Faculdades da Bahia e Rio de Janeiro, para suprir a tremenda falta de médicos e farmacêuticos.

Sobre o material sanitário, nem é bom falar e o que passou-se com o então Alferes DIONISIO CERQUEIRA, Ajudante do 16.^º B.I., traduz bem o que era o nosso serviço de saúde em campanha.

Estamos no mês de Dezembro de 1868 — na Dezembrada — em que o Exército de Lopez sofreu os seus maiores desastres.

No dia 20 o Alferes Dionisio, ajudante do 16.^º, ao toque de ajudante, monta a cavalo e recebe no Q.G. da Bda. a seguinte ordem: O batalhão deverá formar a meia marcha, de uniforme pardo, sem faltar praça alguma, na madrugada seguinte.

O 16^º marcha na madrugada de 21, com o efetivo de 28 oficiais e 358 praças; ao repontar o sol, os campos ondulados

ficaram iluminados, mostrando o bravo exército brasileiro avançando em colunas pelas cochilhas.

O 16.^º mascarou-se atrás de um capão.

Iamos atacar os entrecerreamentos de Lombas Valentim e o 16.^º tinha por missão: "Estendido em linha de aíradores, avançar de baioneta armada, a marche-marche, até a contra-escarpa do fôsso e dali alvejar os artilheiros, preparando a avançada das colunas de ataque".

O 16.^º cumpriu sua missão de sacrifício!

Dos 386 bravos que o compunham, ficaram fóra de combate 22 oficiais e 289 praças e entre os oficiais, o bravo Alferes Dionisio Cerqueira, com grave ferimento no crâneo, por estilhaço de granada, que lhe arrancou parte deste, deixando à mostra a massa encefálica.

Finda a batalha, Dionisio torna a si, pastando ao seu lado sua velha montada: auxiliado por uma praça, consegue montar e o seu companheiro de glórias o conduz à retaguarda.

Quase ao anoitecer chega ao posto de socorro — uma pilaça com piso de terra batida — onde não havia lugar para mais ninguem; Dionisio senta-se do lado de fora, debaixo de copiosa chuva, aguardando sua vez.

Os poucos médicos e estudantes de medicina não podiam dar conta do recado.

O farmacêutico MARCONDES, de S. Paulo, seu conhecido e amigo ao vê-lo exclama — Que é isto Dionisio! Com um maço de atadura e fios na mão, que não primavam pela alvura, uma tezoura presa ao pescoço por um cordão, manda o soldado ANTONIO FAUSTINO, ordenança de DIONISIO, buscar um pouco dagua em um banhado próximo.

Com os dedos retira os coágulos de sangue que cobrem a ferida, lava-a com agua do banhado, cobre a ferida com fios e atadura e assim continua DIONISIO em seu cavalo, à procura do hospital de sangue, que atinge alta noite.

Havia na cidade argentina de Corrientes um hospital brasileiro, para o qual eram evacuados os doentes e feridos em condições de viajar.

Na falta de médicos brasileiros, eram contratados médicos argentinos e uruguaios para aquele hospital.

Um médico uruguaiio, chefe de uma enfermaria, diariamente comparecia à mesma, sem percorrê-la, perguntava ao enfermeiro pelos doentes; informado assinava as baixas por óbitos e receitava — purgante para os da direita, vomitório para os da esquerda; — no dia seguinte receitava — purgante para os da esquerda, vomitório para os da direita e assim continuava sempre; se o doente não era *morredor* tinha alta em miserável estado físico.

O recrutamento para o Corpo de Saúde, não obedecia à regras regulares; as nomeações eram feitas de médicos que, pelo seu pendor militar, desejavam pertencer às fileiras do Exército, pois o diminuto quadro e os miseráveis vencimentos pagos aos militares, não constituiam elementos de atração para o Corpo de Saúde.

Para sanar a falta de médicos, já no regime republicano, foi criado o quadro de médicos adjuntos, com honras de Tenentes, contratados nas guarnições militares.

Em regra, os médicos falidos na profissão, contentavam-se com os miseráveis vencimentos de 260 cruzeiros mensais.

Quando no Comando da I/D-3, 1939-1941, em Santa Maria, R. G. do Sul, nas minhas inspeções regulares, soube de um estancieiro gaucho que tinha um genro médico; dizia êle que conhecia 3 espécies de médicos — alopatas — homeopatas e quatropatas — seu genro pertencia a esta última classe.

No velho Exército, a maioria dos médicos não se recomendavam pelo seu saber, mas o Corpo de Saúde possuía médicos que se destacavam pelo seu saber e valor profissional como clínicos e cirurgiões.

A reorganização do Exército levada a efeito em 1908, pelo grande Ministro da Guerra Marechal HERMES RODRIGUES DA FONSECA, abriu novos horizontes ao Exército e, portanto, ao seu Corpo de Saúde.

Novas exigências foram creadas para o ingresso no Corpo de Saúde além das já então existentes; seus quadros ampliados e melhorados os vencimentos.

Um sangue novo começou a correr nos quadros do Corpo de Saúde.

O atual Corpo de Saúde do Exército, honra ao melhor Exército do mundo; o ingresso em suas fileiras é cercado das maiores exigências; os candidatos diplomados pelas Faculdades do país, submetem-se a duras provas escritas, orais e prática operatória; aprovados, são matriculados na Escola de Saúde do Exército; aprovados, ingressam no quadro de médicos como 1ºs Tenentes; nos quadros restantes como 2ºs. Tenentes.

Quando Secretário da Comissão de Promoções do Exército, no período de 1937-1939, do meu amigo e chefe Gen. GOES MONTEIRO, cuviu um comentário, sobre a disparidade de acesso nas diversas armas do Exército, de uma mesma turma de Aspirantes, chegando-se a constatar diferenças que iam a 2 postos, fato que não se dava em outros exércitos.

Por minha conta, propus-me estudar o caso, verificando que duas eram as causas: A nossa Lei de Promoções e a disparidade das percentagens entre os postos nas armas e serviços.

Determinei a um dos meus adjuntos colher todos os dados necessários referentes ao tempo médio de permanência dos oficiais em cada posto e a percentagem de cada posto em relação ao posto seguinte.

Um trabalho completo foi organizado, sendo um exemplar do trabalho encaminhado ao Gabinete do Ministro da Guerra, outro arquivado na Secretaria da C.P.E. e um terceiro ficou comigo.

Chegamos às seguintes conclusões: Na artilharia a média de permanência dos Capitães no posto era de 9a e 10m, a maior entre todas as armas, em compensação a permanência média como subalternos era a menor.

No quadro de médicos o tempo médio de permanência no posto era de 10a e 7m.

No quadro de médicos, encontravam-se capitães até com 15a de posto!

O ardor profissional, o desejo de aperfeiçoamento técnico são estiolados por tão longo tempo de permanência em um mesmo posto.

A solução para o caso encontra-se em uma uniforme percentagem entre os mesmos postos nas armas e serviços e, portanto, em um maior número de oficiais superiores médicos, em relação aos capitães.

Valerá o pequeno aumento de despesa, compensado largamente com o acréscimo do valor profissional do Corpo de Saúde, podendo já ser cotejado com o dos melhores exércitos do mundo, talvez com vantagem para o nosso.

Minh'alma de brasileiro e soldado sente-se ufana, por verificar o grande progresso por que tem passado o Exército do Brasil, em suas armas terrestres, naval e aérea e, aos meus patrícios que acorrem às suas fileiras, asseguro que encontrarão um Corpo de Saúde eficiente e dedicado, capaz de manter com segurança sua saúde e vigor físico, necessários aos embates das modernas batalhas.

**Espadas que protegem
- precisam também
de Proteção!**

Brasso
dá brilho
aos metais!



EXCERTOS

General DAUDIGNAC — As realidades do Combate. Fraquezas, heroísmo, pânicos.

*Tradução. — Cel. R. B. NUNES, da Reserva
de 1^a classe*

(Continuação)

Psicologia das multidões

Assim como existe uma psicologia do homem, há uma psicologia da multidão.

Esta psicologia foi estudada do ponto de vista do orador, da criminalidade, e de outros pontos de vista especiais (as paixões); poderá ela ser-nos útil, a nós militares, em relação à conduta das tropas, porque o exército é uma multidão organizada.

Nos momentos em que a organização deixa de existir, por exemplo, na desordem de um combate, uma tropa pode transformar-se em multidão inerte, capaz de todas as emoções, más ou boas.

* * *

Definição da multidão. — Suponhamos certo número de pessoas reunida por acaso, curiosos ou passantes; podemos dizer que temos uma multidão, mas esta multidão não terá, enquanto permanecer em estado de plácidos passeantes, nenhum interesse psicológico; é apenas o público.

Se êsses homens, porém, acidentalmente reunidos, são submetidos a alguma influência poderosa e generalizada, por exemplo, uma tempestade em pleno mar, ou a outro perigo qualquer, êsse perigo comum os reunirá, então, do ponto de

vista psicológico, e a coletividade apresentará, em relação aos pensamentos e sentimentos, estados interessantes de estudar, mas que são apenas transitórios e não duram mais do que o próprio perigo.

Se esta reunião de pessoas, em vez de ser fortuita, é de antemão provocada por uma necessidade de natureza patriótica, religiosa ou qualquer outra, teremos uma multidão ligada por um pensamento, que persevera no mesmo objetivo, e que tem, portanto, unidade psicológica.

Tal multidão foi, por muito tempo, considerada como uma reunião de indivíduos quaisquer, comungando nas suas qualidades e defeitos.

Percebeu-se no entanto, que a realidade é diferente.

Com um pouco de reflexão, é fácil compreender o fato, depois de o haver observado.

Os homens, conquanto difiram muito entre si quanto à cultura e à educação, têm todos os mesmos instintos e as mesmas paixões.

Entre um grande matemático e seu sapateiro, pode existir um abismo do ponto de vista intelectual; mas, do ponto de vista do caráter, a diferença é, na maior parte das vezes, nula ou muito pouco sensível.

* * *

Uma assembléia. — Suponhamos reunida uma assembléia composta de trinta homens eminentes como Pasteur, Victor Hugo, Edison, etc., e submetamos a seu julgamento as questões práticas do momento.

Parece que semelhante reunião de homens ilustres deva produzir trabalhos notáveis, muito superiores aos que cada um deles poderia efectuar separadamente.

Enganç! muitas vezes não é assim; por que?

Seus discursos serão talvez admiráveis, mas suas decisões serão comuns a não importa que assembléia, porque cada um desses trinta eleitos, a par de sua própria originalidade que o torna um indivíduo superior, possui ainda o patrimônio das

qualidades da espécie, que o assemelham não sómente a seu vizinho, mas a todos os indivíduos da rua.

Se chamarmos x a qualidade comum e a, b, s, d , a qualidade individual que caracteriza a superioridade de cada um deles, uma reunião de trinta homens, até de gênios, dará no total $30x$, e sómente 1 a , 1 b , 1 c , 1 d , etc.

Ora, estas qualidades a, b, c , não se podem somar, não são da mesma natureza; são suscetíveis, às vezes, até de se destruir entre si.

Na essência humana da assembléia, a massa dos x vencerá a personalidade individual e a média obtida poderá ser muito mediocre.

* * *

Características da multidão. — Mas, se a coletividade pouco numerosa representa a média das qualidades inferiores, a multidão impressionada por uma emoção adquire características novas.

Preliminarmente, uma multidão colocada nessa situação torna-se um ser coletivo que tem personalidade própria; transforma-se num verdadeiro ser, mas um ser imperfeito, que não tem vontade nem razão; que não tem mais que paixões e instintos.

A multidão tem mentalidade inferior. A multidão tem consciência de sua força, força que resulta da potência do número; sente-se disposta a abusar dela. Tem o sentimento de sua irresponsabilidade, porque é anônima.

A multidão é volúvel, impulsiva, crédula, irritável, voluntaria; vai logo aos extremos, porque na multidão todas as emoções são mui rapidamente contagiosas, fácil que é de suggestionar-se, o que explica a subitaneidade dos pânicos.

* * *

Meios de atuar sobre a multidão. — Interesse da questão, do ponto de vista militar. — Se se pretende dirigir a multidão,

é preciso agir sobre ela por sugestões, sobretudo por sugestões rápidas.

Primeiro, o exemplo; depois, a afirmação, a exageração, a repetição.

A multidão só é sensível às emoções e não aos raciocínios; é pelas emoções que é preciso agir sobre ela.

Disto resulta a utilidade de organizar previamente os centros reflexos de uma multidão (uma tropa é uma multidão) para fazer com que ela proceda depois como desejarmos.

Esta questão é de interesse vital para nós militares, quando se trata dessa multidão que se chama exército.

A possibilidade de dirigir uma multidão armada, uma tropa, sómente existe quando esta tropa está reunida sob as armas.

A cobertura que se organiza à frente de um acampamento ou bivaque, chamada postos avançados, é necessária para dar ao chefe, em caso de ataque, o tempo exigido para reunir seus homens; quando a tropa estiver reunida, o chefe poderá, em seguida, dirigí-la à sua vontade.

O hábito incutido no soldado, de obedecer ao comando, pode representar um poderoso auxílio para o chefe que vê sua tropa a pique de fraquejar porque recebe projéteis; é um reflexo, e creio firmemente na possibilidade de um episódio que ouvi contar, de um comandante de batalhão da guarda, que na batalha de 16 de agosto de 1870, dominou um começo de debandada de sua tropa mediante vozes de comando regulamentares, ordenadas em voz alta: sentido! guias em linha! pelo centro, perfilar!

Uma tropa que combate está menos sujeita aos pânicos do que outra em repouso ou em alerta, porque se acha sob a direção de seu chefe e despende energias; infelizmente, esta energia tem um limite; quando este limite é ultrapassado, vê-se desaparecer a vontade, e depois, a força moral.

Os homens dizem entre si: não podemos mais!

A força moral desaparece antes da força física; a tropa recua, mas ainda não é presa do pânico.

Têm-se visto, no campo de batalha tropas adversas, fatigadas, voltarem-se as costas sem combater, quando chegam a encontrarse.

Em Morsbronn (batalha de Froeschviller), um esquadrão de couraceiros da brigada Michel, acaba de carregar; está fatigado, encontra um esquadrão de Hesse: os dois esquadrões fazem meia-volta sem se atacarem.

Não é um pânico; pode-se levar novamente a tropa contra o inimigo.

Em 1814, no combate de Arcis-sur-Aube, as brigadas de cavalaria Colbert e Kellermann, voltaram as costas ao inimigo, ao se retirarem, encontram o Imperador, e à vista dêle, retomam a coragem e se lançam de novo contra o inimigo, destruindo-o.

Em Valmy (1792), um batalhão postado perto da artilharia recebia obuses e começava a fraquejar; o coronel bradou a seus homens: "Vocês sabem que pertenceem ao regimento de Navarra sem medo!" E os homens readquiriram coragem.

O espírito de corpo, a personalidade da multidão, entram em ação; esta personalidade, é mister que se incuta na multidão militar por meio da educação moral, muito antes que se tenha de empregá-la.

Para excitar uma multidão militar é preciso que a palavra seja animada, clara, rápida, afirmativa.

No Egito, Napoleão disse a seus soldados: "Do alto das pirâmides, 40 séculos vos contemplam." Para o soldado, isto não significa grande ceusa; mas o som da voz, o arredondado da frase, a intonação decidida do chefe, seu prestígio, enfim, eletrizam a tropa.

E' necessário preparar a multidão militar, intelectual e fisicamente, é preciso organizar previamente seus reflexos para poder servir-se dela quando se apresentar a ocasião; é por isto que as milícias jamais valerão as tropas regulares que passam vários anos no regimento.

Faz-se mister preparar o instrumento humano, não ao aca-
so, mas tal como desejamos que seja.

Questão de educação moral; questão de previdência do chefe.

Esta é a conclusão das observações sobre a psicologia das multidões; elas têm sua importância, sobretudo para nós militares, chamados para dirigí-las.

* * *

Teoria do pânico. — Por que o pânico? Porque o homem tem medo; desde horas (se está no combate), desde dias, talvez, logo que sabe estar nas vizinhanças do inimigo, luta o homem contra seu medo instintivo; até então, tem conseguido dominá-lo; mas a revelação súbita de um perigo imprevisto, a manifestação inopinada de uma força poderosa, que ele julga não poder vencer, faz que o homem se deixe dominar pelo instinto de conservação; ele se esconde ou foge.

E' bastante que haja dez que se deixem arrastar simultaneamente por essa impressão para que, estando todos no mesmo estado d'alma, tendo os mesmos sentimentos, encontrem logo cem imitadores; e o pânico começa.

Lembrai-vos da tirada, que já citei, de um chefe que fez a guerra, o príncipe de Ligne; dizia ele: "Antes de começar o combate, a metade das tropas morre de medo, e a metade restante não tem ares de segurança."

Pois bem! surjam alguns medrosos desmoralizados em fuga, e a massa dos outros soldados cujo estado de espírito os associa instantâneamente aos mais impressionados, foge com êles e arrasta toda a gente.

Então, é toda a tropa que se transforma em multidão, com a totalidade de suas qualidades inferiores, e que não obedece senão aos próprios instintos; é um rebanho de carneiros, como o de Panúrgio.

Um dos raros escritores militares que trataram do pânico foi o general Trochu; eis sua sua teoria:

* * *

Teoria do general Trochu. — "O pânico é causa do instinto de conservação; desenvolve-se instantaneamente por causa

do espírito de imitação que se impõe com facilidade às aglomerações de homens e animais.

"Uma multidão cujas diferentes individualidades nenhuma relação e nenhum laço têm entre si, curiosos, por exemplo, marcham em longa coluna para qualquer fim. A testa da coluna, sob o império de um terror, imaginário ou motivado, volta-se violentamente e foge.

"O meio e a cauda dessa coluna, que nada perceberam, que nada podem saber da causa dessa volta inesperada, giram brutalmente nos calcanhares e fogem por seu turno.

"Vários cavalos, entregues a si mesmos, estão agrupados num campo. Um deles toma-se de medo; gira nas patas subitamente, e lança-se num galope desvairado. Todos os demais o imitam e fogem com ele.

"Na guerra, nas massas cujos elementos estão todos intimamente ligados pela organização militar e pelo hábito, o fenômeno opera com uma força irresistível. Dá lugar a graves desordens.

"Em determinadas circunstâncias à noite, por exemplo, e quando o pânico atinge uma infantaria que tem as armas carregadas, são quase inevitáveis grandes desgraças.

"Todos os exércitos têm experimentado pânicos e, pode dizer-se, os sofrerão.

"As tropas novas são mais naturalmente sujeitas a êles do que as tropas aguerridas; o grau de impressionabilidade de seu temperamento influí, também, em parte, mas nenhuma escapa quando chega a hora, e o sentimento público se engana quando reprova as tropas que cederam ao pânico, e quando se mostra disposta a julgar, por este acidente, de seu valor.

"É quase sempre ao comando que cabe a responsabilidade dos pânicos; é que lhe faltou autoridade moral, experiência e previdêncieia.

"O pânico, efetivamente, só se verifica nas circunstâncias seguintes:

"1.º: à noite, em presença do inimigo. Por isto, qualquer operação de que resulte movimento de tropas nessas condições,

as quais se julgam sempre rodeadas de perigos, exige, além da escolha cuidadosa de oficiais e de soldados, uma infinidade de previsões, de precauções e de advertências.

“2º: De dia, em presença do inimigo, após uma derrota ou uma ação de guerra disputada que haja ocasionado grandes perdas, abalado a confiança dos soldados, e que lhes tenha deixado n’alma uma impressão penosa.

“3º: Em qualquer tempo, quando as tropas houverem sido mal engajadas contra o inimigo, e que tenham o sentimento disto, esperando, portanto, um perigo que a imaginação do soldado aumenta sempre. Por exemplo: uma numerosa tropa de cavalaria em reconhecimento de um inimigo que sabe não estar longe, avança em coluna profunda por um caminho bordado de bosques e de fossos, onde ela sente que sua ação especial está completamente paralizada, ao mesmo tempo que espera ver êsses bosques povoarem-se de infantes inimigos.

“A tropa está muito à frente para que possa ser apoiada por sua infantaria; o isolamento a inquieta.

“Um movimento retrogrado, de seus esclarecedores e da vanguarda, uma aparição inesperada no meio das árvores, um tiro de pistola súbito, o menor incidente imprevisto, podem determinar uma retirada parcial que arrastará logo a retirada total, numa desordem que será diretamente proporcional ao número.”

Este último traço visa, sem dúvida, o episódio de pânico no dia seguinte a Solferino.

O general Bonnal, a propósito de um pânico de dois batalhões prussianos, ocorrido no combate de Borny (1870), assim se exprime relativamente aos pânicos:

“O pânico é um fenômeno de nervosismo coletivo que se prende à psicologia das multidões.

“O pânico, que se apodera súbitamente dos homens que compõem uma tropa armada tem, na maior parte das vezes, como causa, uma fraca aparência de perigo; mas, para que ele se produza, é preciso que a tropa tenha estado previamente, submetida a um enervamento considerável. Assim, tem-se observado

que, em todos os tempos, os pânicos são mais frequentes no fim de um combate, ou no dia seguinte, do que em qualquer outro momento.”

* * *

Os pânicos são mais frequentes nas vizinhanças das praças fortes. — A lista dos trezentos pânicos ocorridos no período da Revolução e do Império, organizada pelo coronel Vauvilliers, mostra que a maioria teve lugar nas proximidades das praças fortes.

“Não é que a História nos revele que os pânicos só se verifiquem às portas das fortalezas, pois encontrâmo-los nos arredores de todas as espécies de refúgios, mas, frizemos bem que é nesta qualidade que as praças influem, em tais circunstâncias.

“Têm-se observado pânicos tendentes a levar os homens para os desfiladeiros, para os rios e até sobre as reservas, mas, os primeiros são muito mais numerosos, e na proporção de trinta para um; quanto às reservas, são refúgios para os que desanimam; muitas vezes, um campo entrincheirado parece cúmplice da derrota.

“Nos sítios, aliás, os pânicos parciais são frequentes; os sitiados e sitiados aí encontram refúgios em profusão. Os sítios são o triunfo dos pânicos.

“O coração humano é formado de tal maneira que só se combate encarniçadamente quando é preciso vencer ou morrer, ao passo que se foge quando é possível encontrar um abrigo.

“Pode assegurar-se que a maioria dos pânicos provém da idéia preconcebida de que há um retiro; nunca houve tantos desastres desta natureza como em 1793 porque jamais se combateu perto de tantas fortalezas.” (coronel Vauvilliers).

Os desfalecimentos observados em Sedan confirmam a opinião do coronel.

* * *

Explicação do pânico italiano de Custoza. — Em 1890, o comandante da carga austriaca que, em Custoza, causou o pânico de uma brigada inteira da divisão italiana Cerale, o ca-

pitão Bechtolsheim, já era comandante de corpo de exército; explicava êle, como se segue, o pânico italiano:

"Nos campos de exércicio, as tropas estão frescas, alertadas; os oficiais e os sub-oficiais estão vigilantes; o corpo são, disposto, o espírito atento; em campanha, nem sempre se dá o mesmo.

"Num dia de batalha, quando a infantaria passou a jornada inteira no campo tendo, por vezes, no estômago apenas um mau café; quando vagueou horas, sem saber aonde vai, ora marchando, ora parando, avançando aos arrancos, acaba por fatigar-se rapidamente tanto física quanto moralmente.

"Os nervos se irritam, a lassidão se apodera dos homens e dos oficiais, e todos se habituem à idéia do perigo, e se tornam fatalistas !

"Considerai a divisão Cerale; tinha ela partido de Mozambano às três horas da madrugada, e eram onze horas quando a destrocei; havia marchado sem descanso durante oito horas, não no passo habitual da tropa, mas nessa andadura enervante, mortal, do campo de batalha, por lances, esperando sempre fazer alguma cousa, e não fazendo nada.

"Quando uma tropa chega a êste estado, não se guarda mais, e nem pensa mesmo nisto. As precauções são esquecidas; não se dá mais importância aos dispositivos de segurança, e chega-se assim, a imprudências fatais.

"E' então, que nós, os cavalarianos, devemos aparecer, e fazer o nosso ofício, vigiando-vos, espiando-vos como o gato espera o rato, lançando-nos sobre vós no momento oportuno. E encontraremos, certamente, a ocasião de mostrar que a cavalaria ainda serve para alguma cousa no campo de batalha... como em Custoza.

(Revista Azul, 2 de outubro de 1897).

Aproximai umas das outras tôdas estas explicações sobre as causas dos pânicos, e encontrareis os fatores seguintes: — instinto de conservação, desgaste e enervamento moral e físico, espírito de imitação.

Resumo-os todos, dizendo: o pânico é a explosão anônima de temores por muito tempo contidos e que trasbordam de repente.

E', realmente, de ordem animal.

Dois exemplos de fatos de guerra que por pouco resultaram em pânico, se bem que não chegassem a produzi-lo, auxiliarão a compreender porque e como êle pode irromper. O primeiro, é um episódio da batalha de Gravelotte (18 de agosto de 1870, lado prussiano).

* * *

A catástrofe da 1.^a divisão de cavalaria prussiana (18 de agosto de 1870.) — "... Por volta de três horas da tarde, após a tomada de Saint-Hubert pelos prussianos, o general Steinmetz e os generais sob suas ordens, julgam ver, das elevações de Gravelotte, os franceses em retirada, e ordenam a perseguição.

Lançam, precipitadamente, na direção do Point-du-Jour, todas as tropas disponíveis que se achavam nas proximidades de Gravelotte.

Sem combinação prévia, sem indicar a ordem segundo a qual as tropas deviam suceder-se, — lançaram, pela única estrada que atravessava a ravina do Mance, os diferentes corpos que, ao acaso de sua chegada, entram na estrada, na ordem seguinte: na estrada, um regimento de infantaria (29.^º); ao lado da estrada, dois outros regimentos de infantaria (39.^º e 60.^º); na estrada, quatro baterias de artilharia, a 1.^a divisão de cavalaria com sua bateria; e os 9.^º e 15.^º regimentos de hussardos.

Notai que Saint-Hubert acabava de ser conquistado à viva-força pelos prussianos e que, precisamente nesse momento, centenas de feridos prussianos se retiravam para a retaguarda em longas filas que atravancavam a estrada; que nesta havia, ainda mais, isolados, aproveitadores, soldados que sustinham os feridos, viaturas, etc.

Note-se mais que nesta estrada caiam obuses, e que, desde a transposição da ravina do Mance, as balas dos "chassepots" assobiavam nas orelhas. Que se imagine, ainda, o troar de 144 canhões prussianos que ribombam nas elevações de Gravelotte: o eco dos bosques multiplicando e aumentando todos os ruidos e, enfim, a coluna de poeira levantada por aquela massa de tropas, obscurecendo o sol.

Foi, então, nessa estrada, uma balbúrdia indescritível: as baterias procuraram ultrapassar as tropas que tinham à sua frente; a cavalaria, que partira ao trote, e se amontoa e é obrigada a parar; a poeira tornou-se tão espessa na estrada que mal se via o que estava a dois passos.

As nuvens de poeira assinalaram aos franceses que algo de insólito se preparava, e, então, redobraram os fogos sobre a saída da estrada.

Nesse entremeses, a artilharia que havia emparelhado a infantaria da testa, chegara perto de Saint-Hubert, mas a cauda da coluna estava ainda no planalto de Gravelotte. Dentro em pouco, a cavalaria não podia mais avançar nem recuar distância do planalto a Saint-Hubert, mais ou menos 1.300 metros).

Toda aquela massa amontoada se tinha tornado, por si mesma, impotente.

Quando os fogos da infantaria e da artilharia inimigas redobraram, o apêro, a compressão, a balbúrdia, os brados, chegaram a um grau pouco tranquilizador; cada qual sentia a impotência da situação, a aproximação de uma catástrofe.

Dois carros de munição de artilharia engajada próximo de Saint-Hubert, e cujos cavalos feridos ficaram loucos de dor, precipitaram-se para a retaguarda; o pânico vai estourar, está iminentemente! quando, por felicidade, sóa o toque de "retirar", vindor da região de Gravelotte.

Era a saída, o desafogo, a válvula de segurança que funcionava no momento oportuno: toda a massa de cavalaria retrocedeu rapidamente para o ponto de onde saíra; estivera a dois segundos do pânico. A situação fôra eminentemente perigosa; o capitão prusiano Hoenig, relatando o fato pormenorizadamen-

te, chama-o de catástrofe. Esta palavra indica, segundo penso, que houve antes debandada do que retirada.

* * *

Em retirada. — Pânico iminente. — “... Em 30 de agosto de 1870, o 7.^º corpo prosseguia a marcha através do estreito desfiladeiro de Haraucourt; mas o inimigo conhecia nossa marcha e tinha o mesmo interesse em alcançar-nos que nós em escapar-lhe. Éi-lo que chega; ouvem-se novamente seus canhões, e os obuses acabam de cair em meio de nossa retaguarda.

“Ao mesmo tempo, a testa da coluna fez uma pequena parada que, se propagando até à retaguarda, poderia ter as mais terríveis consequências, dado o estado de espírito das tropas.

“Dez minutos, que pareceram horas, durou essa parada sob o canhoneio do inimigo. Uma impaciência febril avassalava já as fileiras e ganhava até certos oficiais.

“Nunca sentimos tão bem, como nesse momento, quanto depende de um nada a eclosão de um pânico.

“Uma atitude menos firme dos oficiais, um brado de puritanidade que escapasse de repente a um homem desvairado pelo terror súbito, e seria o desastre.

Enfim! o movimento recomeça e a coluna se apressa em direção a Romilly.

“Dentro em pouco, a coluna chega ao cotovelo em que o desfiladeiro segue o bosque e protege a coluna contra os projéteis inimigos.” (Bibesco, *O 7.^º corpo no exército do Reno.*)

* * *

Pânico prussiano (25 de agosto de 1758). — ... “Nossa vanguarda, que havia ultrapassado a aldeia de Zorndorf, e formara numa ordem admirável a linha, mais adiante, desviou-se um pouco para a direita, quando se pôs em movimento ao encontro do inimigo.

“Afastou-se, assim, da ravina que deveria seguir sempre para não expor seu flanco e cair no do inimigo.

"O inimigo aproveitou-se disto; a cavalaria surge, carrega a esquerda e a põe em fuga.

"Entretanto, o general Seidlitz, apresentando-se com alguns regimentos diante da cavalaria russa, atacou-a, rechaçando-a até à direita do linha de infantaria, que repeliu também.

"A tarde, quando Catt felicitava o rei Frederico II por seus êxitos, este respondeu-lhe :

— Foi terrível esta jornada, e vi o momento em que tudo levaria o diabo, se não fôra o meu bravo Seidlitz, a coragem de minha ala direita e, notadamente, a do regimento de meu caro irmão e de Forcade; asseguro-lhe que êles salvaram a mim e ao meu reino. Meu reconhecimento viverá tanto a glória que conquistaram nesta jornada, como a indignação contra ês os regimentos da Prússia, nos quais confiava, jamais se aplacará. Êsses imbecis fugiram como velhas marafonas, e me causaram momentos de cruel sofrimento; os canalhas tiveram um terror pânico do qual não foi possível libertá-los. Quanto é doloroso depender dessa chusma de patifes!" (Memorias de Catt, secretário particular de Frederico II.)

* * *

Reflexões de Jomini acerca de um pânico. — Em maio de 1793, Custine saiu das linhas de Vissemburgo para atacar os austriacos, perto de Oterheim: suas disposições foram infelizes: seu corpo de batalha não apareceu no campo, senão para fugir.

Jomini, ao narrar esta operação tão embrulhada, formula as observações seguintes :

— Refletindo nos motivos que ocasionaram esta barafunda, perguntar-se-á por que razão um exército em que o ponto de honra se estende até às últimas fileiras, ilustrado por mil façanhas, os *terrores pânicos* se manifestaram com tamanha freqüência.

A vivacidade de imaginação, a volubilidade do caráter nacional, serão a causa única disso? Ou será mais razoável buscá-la na falta de unidade de sistema, reinante entre os chefes?

Em verdade, um coronel não pode evitar, sózinho, uma derrota; mas pode preveni-la com precauções, argumentar com seus oficiais e soldados, ensinar-lhes que procurando fugir, se disseminam, deixam-se acutilar ou aprisionar, e que, se escapam à morte, são obrigados a sustentar, no dia seguinte, um combate muito mais desvantajoso, para reparar os êrros da véspera, como acontece quase sempre.

Dumouriez disse, com sagacidade, que os franceses eram capazes de afrontar todos os obstáculos e que quando êstes aumentam, excitam-lhes a cragagem, mas que era preciso evitá-los sempre um mistério, nunca apresentar-lhes uma expedição como muito fácil, porque o desgôsto e a desordem se apoderarão dêles ao menor incidente.

Tive mil ocasiões de certificar-me destas verdades, porque Dumouriez havia, nesse ponto, julgado melhor os franceses do que Napoleão e alguns de seus marechais, que se indignavam com a idéia de preparar uma retirada mediante precauções prévias.

Nada seria mais fácil que familiarizar as tropas com tais operações; bastaria adicionar às ordenanças e aos regulamentos de campanha uma instrução sobre as vantagens que os soldados têm em conservar, nas retiradas, todo o aprumo, o sangue frio e a ordem.

A união é o penhor da força e, para impor-se ao inimigo, basta mostrar-lhe coesão e calma.

Sabido que um regimento que debanda vai ao encontro de uma perda ou vergonha certas, por que não habituar o soldado às precauções inerentes às retiradas, de vez que é preciso prever, que, um dia ou outro, se terá que efetuar uma?

... Não resistiremos ao desejo de citar uma passagem que é um exemplo desta verdade: — que fugir durante um combate é pôr-se na obrigação de recomeçar outro no dia seguinte, em condições mais desvantajosas.

Na defesa de Gênova, em 1800, a 97.^a meia-brigada, marchando em coluna para ocupar um ponto dos Apeninos, e prestes a chegar ao cume, vê um destacamento de 40 hussardos

austriacos que sobre pela vertente oposta; o terreno impede que se avalie a força inimiga.

Sua presença inesperada causa alarma; a meia-brigada foge a despeito de seu bravo comandante, e corre, sem parar, até ao Savona.

Massena, que chega por acaso ao local com sua escolta, rechaça facilmente o inimigo. Indignado com o procedimento da meia-brigada, ordena que a disolvam e que cubram de crêpe sua bandeira.

Os oficiais, no dia seguinte, pedem ao general-chefe a graça de fazerem ainda uma vez a vanguarda no momento mais perigoso, o que foi concedido; arrengados pelo comandante, os soldados da 97.^a cobriram-se de glória poucos dias depois, e obtiveram, a preço de sangue, a revogação da ordem expedida contra êles.

(Jomini, História das guerras da Revolução, tomo III).

* * *

Pânico russo em Borisow 1812). — ... Assinada a paz com a Turquia, no fim do ano de 1812, os russos puderam dispor do exército da Moldávia, comandado por Tsitchakeff.

Este exército foi levado para Minsk e Wilna, a fim de cortar a retirada ao exército francês que partira de Moscou.

Os aliados foram repelidos de Minsk e de Borisow com facilidade. A 21 de novembro, a vanguarda Tsitchakeff conquistou a cabeça de ponte de Borisow (margem direita do Bezzina, ver croquis 2) e, pela longa ponte de cavaletes que conduz à cidade, chega-se a esta, na margem esquerda.

A vanguarda avançou 6 verstas (cerca de 6 km.) para além da cidade; era comandada por Pahlen e constituída de 10.000 homens, dos quais, metade de cavalaria, com alguns canhões.

O corpo de exército todo veio bivacar perto da cabeça de ponte (margem direita), separado da cidade por uma ponte desmesuradamente comprida, por causa dos pântanos existentes na margem esquerda.

Pânico. — Eis o relato do general de Rochechouart: “... Na tarde de 23 de novembro, achava-me em Borizow; jantava, quando vimos que os hussardos russos da vanguarda corriam; os cavalos estavam brancos de espuma. Ao mesmo tempo bradavam: “frantzuski!” e se dirigiam para a ponte.

“O número de fugitivos aumentava de minuto em minuto; entretanto, êsses mesmos soldados haviam combatido com bravura na ante-véspera.

“Tentei deter os fugitivos, em pura perda. Prêzas de terror pânico, desvairados pelo medo, gritavam: “frantzuski! frantzuski”, sem podarem dizer outra cousa.

“Alguns canhões, seguidos pelos carros de munição, atravessaram a cidade a galope derribando, esmagando tudo quanto encontravam em seu caminho.

“Era preciso seguir a corrente; dirigi-me para a ponte.

“Atravessei o Berezina no meio da multidão e, depois de ter corrido o risco, vinte vezes, de ser esmagado ou atirado ao rio, cheguei ao bivaque russo; não tinha nem o capote.

“O almirante Tsitchakeff sentava-se à mesa, com seus oficiais, em Borizow; teve que abandonar o jantar servido, e atravessar comigo a maldita ponte, a pé.

“Dentro em meia-hora, tudo estava acabado; isto é, de 10.000 homens e 12 canhões que constituiam a vanguarda, apenas 1.000 atravessaram; o restante foi aprisionado ou dispersado.

“Cinquenta caçadores franceses da divisão Legrand tinham surpreendido as vedetas de nossa vanguarda defronte de Lachmitza; carregando com furor, haviam chegado com êles até essa pequena povoaçâo, causando dessa maneira um pânico que arrastou à derrota todo o corpo.

“Jamais o pobre Pahlen conseguiu reunir 100 homens para carregar os caçadores franceses; à testa dessa divisão desde a véspera apenas, desconhecido de seus soldados, foi arrastado contra a vontade, pela massa dos fujões; chegou ao bivaque num desespero difícil de dominar.

“Este acontecimento teve consequências bastante graves. Logo que o almirante chegou à outra margem, temendo que de

um momento para outro, surgisse todo o Grande Exército, cuja força ignorava, mandou cortar a ponte em dois lugares, o que tornou impossível qualquer comunicação com a margem oposta. (Exraido das *Lembrança* do general de Rochechouart, emigrado francês ao serviço da Rússia, testemunha ocular.)

* * *

Pânico no exército de Leste. (1871). — ... Na manhã de 1.^o de fevereiro, as últimas tropas deixaram Pontarlier; os prussianos se aproximavam.

A's 10 horas, a cauda do comboio saía da cidade; seguindo-lo. Até Cluse, caminhou-se sem muita aglomeração. A fuzilaria crepitava, por instantes, aos lados; o 18 corpo, incumbido de garantir a retirada, continha os prussianos e protegia a entrada do exército na Suiça.

Entreviamos já o forte de Joux: nesse momento, à fuzilaria se aproximou e as balas prussianas atingiam as viaturas do comboio: os condutores, aterrizados, cortam os tirantes mentam nos cavalos e fogem, abandonando as viaturas na estrada; e pânico apodera-se das tropas; é um "salve-se quem puder" geral.

Postamo-nos de parte, na beira do caminho, para não sermos esmagados por aquela avalanche humana, e vimes passar toda a torrente de soldados alucinados pelo medo; à testa dos fugitivos estão alguns gendarmes que fogem ao galope largo de seus cavalos.

A princípio, são apenas alguns soldados isolados que correm a sete pés, depois de terem atirado fora as armas; dentro em pouco, porém, uma espécie de ordem se estabelece nessa debandada vergonhosa: são massas cerradas que passam deante de nós, em passo acelerado, insensíveis às observações, às injúrias, e até às vias de fato de alguns oficiais que os olham tremendo de raiva; por momentos, uma espécie de refluxo se produz naquela multidão.

E' o galope furioso de um cavalo fustigado por um condutor, ou um cavalariano desvairado; os homens caem, meio

esmagados pelas patas dos cavalos, e levantam-se praguejando, para fugirem mais depressa.

Este pânico esteve a pique de invadir o exército inteiro; no mesmo momento, um batalhão com seus oficiais à frente, descia do forte de Joux, apesar das ordens recebidas, e o general B..., que chegava neste entremeses, obrigou-o a voltar para seu posto.

Como explicar êstes pânicos singulares que assim se apoderam de todo um exército? Muitos desses miseráveis que fuiam já haviam enfrentado o fogo e tinham seus dias de bravura; entretanto, deixaram-se arrastar pelos gritos de "salve-se quem puder!", lançados por alguns condutores.

Para explicar, é mister conhecer os instintos, as paixões, os sentimentos desse ser coletivo que se chama multidão e que deve ser estudado pelo general e o homem político, como o indivíduo é estudado pelo fisiologista e o moralista.

Considerado individualmente, o homem é submetido a duas forças contrárias, ou anões, distintas: de um lado, seus instintos e paixões, que têm raízes no organismo físico e nas suas sensações; de outro, pela inteligência e pelo raciocínio, que têm por fundamento principal a educação e a reflexão.

A inteligência e o raciocínio são essencialmente variáveis de um indivíduo para outro, como quantidade e como qualidade; mas o mesmo não acontece com os instintos e as paixões; o amor, o ciúme, a cólera, são os mesmos em todos os tempos e em qualquer latitude, em quaisquer condições e em todas as idades, no selvagem da Austrália, como no supercivilizado da avenida.

As multidões só têm paixões e instintos.

Examinai uma dessas aglomerações de homens; eles não terão de comum senão as paixões; são estranhos entre si, como inteligência e raciocínio, porque a influência recíproca do raciocínio sómente se pode exercer se houver tempo e calma. A paixão não necessita de tantas frases para fezer-se compreender; fala com um olhar, arrasta com um gesto.

A multidão pode ser comparada a um mar tempestuoso cujas vagas se entrechocam em todos os sentidos; mas logo uma

vaga imensa passa, levanta tôdas as outras e vem rebentar na praia. Na multidão, também todos os sentimentos opostos se agitam, mas, dentro em pouco, o mais possante arrasta e domina todos os outros que se fundem na explosão final.

Este é o segredo dos grandes movimentos populares; força cega como as forças físicas e como estas irresistível, faz inconscientemente o bem e o mal, demole as bastiñas e queima os palácios, derriba os tiranos e assassina os reféns, salva a pátria ou a precipita no abismo; tudo depende do primeiro impulso.

Não experimentais detê-la pelo raciocínio; serieis levado pela torrente. Sómente a paixão pode vencer a paixão; sómente a violência do ato e da palavra pode dominar e dirigí-la. Que um pusilânime grite "salve-se quem puder", e todos fugirão vergonhosamente; que um homem resoluto dê o exemplo, e veais os mesmos indivíduos morrerem como heróis.

O canhão do forte de Joux trouou o dia inteiro, e nossa divisão (1.^a, do general Pilatric), protegeu até ao último momento, a entrada do resto das tropas na Suíça; foi num desses engajamentos de retaguardas, que tombou o bravo coronel Achilli, do 44.^º regimento. (Extraído das *Impressões de campanha*, de Beaunis, médico-chefe da 1.^a divisão do 18.^º corpo.)

* * *

Pânico grego (1897). — ... A 11 de abril, os gregos depois de haverem combatido valentemente durante três dias para impedir que os turcos desembocassem das montanhas, na bacia de Larissa, sentiram-se ameaçados pelos flancos, e decidiram iniciar a retirada.

Infelizmente a retirada começou em plena noite, no momento em que as unidades estavam misturadas e na maior desordem.

Foi uma balbúrdia lamentável, que a narrativa de uma testemunha ocular evidenciará:

... Deixamos Tyrnavas com vários oficiais estrangeiros; encontramos pelo caminho alguns correspondentes de jornais que se dirigiam, como nós, para Larissa.

Alcançamos, logo depois, nessa estrada, a infantaria grega. Pasamos diante de soldados silenciosos; noite escura; percebiam-se, ao longe, o incêndio das aldeias.

Ultrapasamos várias baterias e equipagens de tôdas as espécies. Encontramos, igualmente, mulheres e crianças em lamentável estado de penúria. Os soldados e os civis marchavam juntamente.

Os homens das diversas armas se haviam misturado de maneira irreparável. Na junção das estradas de Tyrnavas e de Kuzaklar, a massa de homens desemboca súbitamente dos lados do caminho.

A tristeza, nesse momento, foi substituída pelo barulho; desaparecera o espírito de disciplina. Ouviam-se imprecações contra os generais e oficiais; a retirada transformava-se em derrota. Em seguida, ouvimos os brados de: "ai vêm os turcos!" Ao mesmo tempo, vários homens gritavam à esquerda: "salvem-se! os turcos vêm ai!" O efeito foi intantâneo.

Essa multidão de soldados, de homens, de mulheres, crianças, viaturas, cavalos, jumentos, bois e búfalos, numa confusão indescritível, lançou-se para a frente.

Muitos cairam para não se levantarem mais. As viaturas, tombadas, aumentaram a confusão; nosso carro foi derribado e quebrado; perdemos uns dos outros, em meio da multidão.

Dentro em pouco, os soldados, os irregulares, os paisanos, loucos de terror, começaram a atirar a esmo, e as balas sibilavam por sobre a multidão. A planície estava iluminada pelo clarão dos disparos de fuzil. Os gregos se massacravam entre si.

A fuzilaria, que crepitava incessantemente, durou trinta minutos, antes que se ouvissem os toques de "cessar fogo".

O tiroteio, entretanto, continuava; parecia-nos que uma eternidade e escoava antes que ele cessasse definitivamente, ou, pelo menos, se atenuasse em tiros isolados.

... Voltamos do campo lavrado para a estrada, que estava juncada de cadáveres de homens, crianças, e animais de carga.

Tropeçávamos a cada passo no tronco, cabeça ou pés de agonizantes. A estrada, obstruída também por carros de munição e canhões abandonados, aumentava as dificuldades da marcha.

Os que fugiam a pé procuravam desmontar os cavaleiros para tomar-lhes os cavalos, com os quais desapareciam nas trevas da noite.

No meio da debandada, alguns oficiais gregos dispunham esforços impotentes para deter a fuga. De revolver em punho, bradavam: "Párem!", mas eram levados pelo turbilhão humano.

Outros oficiais, inteiramente fora de si, corriam tão velozes quanto os homens.

O general Moromichalis, que já havia chegado a Larissa, saiu de novo para tentar deter a debandada.

A ponte que dava acesso a Larissa estava bloqueada por um montão de viaturas, homens, canhões, e cavalos que lá permaneceram várias horas.

As ruas da cidade regurgitavam de soldados de todas as armas, numa confusão inextricável, que se deitavam por terra sem dar ouvidos aos toques de clarim e às chamadas dos oficiais.

Os habitantes, que haviam percebido o desastre por volta de duas horas da madrugada, tinham fugido imediatamente pelas ruas na maior das confusões. A população, aterrorizada, fugia ao menor grito, em todas as direções.

A lua apareceu, enfim; a população recobrou, pouco a pouco, a calma e, ao raiar do dia, a comoção geral limitava-se a movimentos de uma rua para outra, e a discussões assustadas sobre o futuro.

... Avalia-se em 500 a 600 os que morreram em virtude da desordem.

... Felizmente, os turcos não desencadearam a perseguição.

* * *

Falso alerta (Itália, 1859). — ... Na tarde do combate de Melegnano, o 2.º corpo bivacava a leste desta cidade, na

estrada de Lodi; havia chegado muito tarde para que, por efeito de sua ameaça, obrigasse os austriacos a evuarem Melegnano, porque o marechal Baraguay-d'Hiliers, que a atacava pela estrada de Milão, não tivera paciência para esperar o resultado do movimento envolvente, e atacara rapidamente de frente, sofrendo pesadas perdas que teriam sido evitadas com um pouco de calma.

Chovera durante toda a tarde e os soldados, molhados até aos ossos, bivacaram nos campos alagados, onde não podiam deitar-se, nem acender os fogos de bivaque, por conseguinte, sem poder repousar.

A noite, houve um alerta.

Ah! os alertas! Este, custou a vida a alguns de nossos soldados.

Entre os austriacos que haviam fugido de Melegnano, muitos, em vez de enveredarem pela estrada de Lodi, extraviaram-se pelo campo e, para se ocultarem, nada encontraram de melhor que se atirarem nos fossos que bordavam a planície onde os regimentos franceses haviam bivacado.

Mas, como êsses fossos estivessem quase cheios de agua, transidos de frio e morrendo de fome, resolveram abandonar seus esconderijos para se apresentarem aos postos avançados, entregando-se como prisioneiros.

Quando nossas sentinelas perceberam os capotes brancos daquêles infelizes, que lhes davam a aparência de fantasmas, atiraram nêles e, de todos os lados, se desencadeou cerrada fuzilaria.

Em todos os acampamentos se estabeleceu a corrida para os sarilhos. Dentro em pouco, a confusão era extrema. A brigada de cavalaria montou rapidamente a cavalo.

Era uma loucura geral; parecia que cada qual se convencia de que os austriacos atacavam com forças consideráveis a posição ocupada pelo 2.^º corpo de exército francês.

Com vários oficiais de estado-maior, corri para a planície onde se achava o 45.^º de linha e, um pouco adiante, atrás dêle, a brigada de cavalaria.

Meus oficiais e eu, conseguimos, à custa de bradar: "Não há nada! Ensarilhem as armas!", acalmar os soldados do 45.^º

Seus oficiais não estavam todos no regimento; tinham cometido o êrro, talvez perdoável naquelas circunstâncias, de sair da planície inundada para buscar, a certa distância dela, nas calçadas, um lugar onde não ficassem com os pés dentro d'água.

Sómente depois de alguns minutos, pude encontrar um comandante de batalhão.

Assim como conseguira acalmar os soldados do 45.^º, logrei deter a testa da coluna da brigada de cavalaria no momento em que, avançando em trote largo, sem ver o que tinha diante de si, e sem que o oficial colocado à sua frente soubesse o que pretendia fazer com ela, ia lançar-ses sobre os batalhões do 45.^º de linha.

Nada é mais de recear, na guerra, do que o pânico espalhado no meio das tropas, em plena noite, porque nada é mais terrível que as consequências que disso podem resultar. (Extraído das *Recordações militares* do general Lebrun).)

(Continua).

SOUZA DOCCA

Virgílio Corrêa Filho

A nomeada não lhe veio repentinamente, mercê de raro sucesso, que o tirasse de golpe do círculo restrito de admiradores provincianos para lhe dar relevo em maior cenário, de que é exemplo clássico o surto espantoso da glória euclidiana, com a publicação de "Os Sertões".

O desconhecido que ainda receioso da ressonância possível da sua obra, confiara os originais à Livraria Laemmerts para editá-la, era, no dia seguinte ao aparecimento dos primeiros exemplares, autor discutido, cujos méritos empolgaram a admiração geral.

Rapidamente galgou o fastigio da fama para não mais se afastar nem depois de abatido na cilada fatal.

Emilio Fernandes de Souza Docca, ao revés, personificou a valia da perseverança, que, associada a outras qualidades, de inteligência e caráter, preparou a sua continúa escalada para gloriosa nctoriedade.

Certo, não conseguiu, dias antes, ver-se eleito para a Academia de Letras, a que se candidatou, impelido por solicitações de amigos, depois de recusar, da primeira vez, atender-lhes aos instantes apelos.

A conjura contra o seu nome recorreu a pretextos lamentáveis, ora para lhe tisnar a candidatura de palaciana, a ele que nem sequer comunicou ao superior hierárquico a sua pretensão literária, ora para lembrar tendenciosamente que a sua vitória importaria em conferir ao município de São Bento duas poltronas acadêmicas, ora para o arguir de refratário às praxes da pedincharia de votos, a que os futuros imortais deverão sujeitar-se préviamente.

A altivez, porém, que lhe era própria, não lhe consentiria praticar a mendicância eleitoral, ainda que da sua falta resultasse consequência hostil.

Tinha para si que a escolha acadêmica deveria basear-se na valia intelectual do pretendente, e não em suas habilidades mais ou menos estranhas à literatura.

A derrota não o afligiria, caso o golpeasse às claras, pois que nada mais é a competição por títulos que modalidade pacífica da luta.

E lutador, ele o fôra em toda a sua existência.

Amofinou-o, porém, a hostilidade anônima dos votos em branco, por meio dos quais se evidenciou o conluio da resistência encoberta contra a sua candidatura.

Se o intuito dos embuçados foi de magôa-lo fundamente, podem ufânar-se do êxito cabal. De tal maneira o mortificou o golpe na sombra, que não será demasiado temerário quem derive da afrenta recalcada o desenlace trágico do organismo dias antes declarado hígido, por exame de facultativo de sua confiança.

Ainda bem que no próprio grêmio, autorizada voz, de seu ex-presidente de ontem, Mucio Leão, estranhou o procedimento injustificável, que não indica orientação alguma definida na escolha.

E' de lamentar que se manifestasse o desprezo agressivo da Academia, por quem transformou a sua vida em nobilitante padrão, no qual se espelham as mais peregrinas qualidades de sua gente.

Primeiramente, a franqueza, por vezes rude.

Jamais toleraria manobras dissimuladas, como ainda recentemente o comprovou, ao sustentar vivo debate com Otelo Rosa, a propósito das convicções republicanas de Bento Gonçalves, no inicio da Revolução dos Farrapos.

Queria o seu contendor, apaixonado das tradições farroupilhas e orador de vastos recursos, provar que o chefe ostensivo da revolta contra o governo de Rodrigues Braga nutria, ao sublevar os seus correligionários de Porto Alegre e mediações, além dos propósitos imediatos da deposição do presidente mal-

quisto, aspirações republicanas, que disfarçou por injunções políticas.

Parecia-lhe que no levante de 2 de Setembro já se incubavam planos de maior envergadura, que o dirigente cuidou de encobrir em mais de uma carta ulterior.

Souza Becca explicaria de maneira diferente a adesão do maioral da insurreição ao idealismo da minoria incontestavelmente republicana, cujas decisões afinal endossou com entusiasmo, depois do revés do Fanfa.

Era-lhe mais de gosto, acorde com a sua norma de proceder, admitir evolução ideológica do primeiro presidente eleito da República nascente, do que lhe atribuir propósitos solertes de confundir os patrícios pela prática do despistamento.

A sua franqueza pessoal não lhe consentiria aplaudi-lo, ainda quando o êxito coroasse as manobras.

Ademais, prezava-se de leal, e assim exigia que todos o fossem, ao menos quando dele se aproximassem.

Apesar de frequentar sucessivamente diversas camadas sociais, a que o levou a sua trajetória ascensional, soube, pela confiança irradiante, manter velhas amizades, assim como despertar novas, onde quer que se encontrasse.

Entretanto, não se desfazia em salamaleques, nem deixaria por conveniência alguma, adormecer a sua altivez.

Ao revés, sempre cordial no trato comum e tolerante para com as idéias alheias, revoltava-se de pronto, como tocado por instintiva reação, caso lhe pisassem no ponche de gaucho.

Amainada, porém, a nuvem tormentosa, tornava a bonança, quando explicações cabais desfaziam o intuito de ofensa.

Não admira que, estimulado por semelhantes qualidades conquistasse posição de relevo nas atividades profissionais, que lhe abriram ensejo de estremar-se entre os parceiros por inflexível retidão de caráter.

Os serviços de Intendência, pela continua influência de meios de tentação, em que a moeda concretiza a mais forte arma de conquista, serviram de reativos probatórios de sua integridade.

Não sómente o seu proceder pessoal, desenvolvido por algumas décadas de intensas reformas, revelava infatigável e forte moralizador de sua repartição, como ainda exigia de seus auxiliares iguais preocupações de probidade sobranceira a quaisquer deslizes.

E, pelo próprio exemplo, modelou o tipo superior da classe, com a mentalidade embebida de sadios ensinamentos, que afastaram de sua órbita os fracos e minguados de resistência moral.

Certo, não bastariam as credenciais admiráveis de cidadão e funcionário modelar para alcançar alguma laurea acadêmica, se lhe faltassem as necessárias provas literárias, que iniciou quando se mantinha ainda em posto subalterno.

Desamparado de auxílios pecuniários, que a perda do paço encerrou, deixando-o apenas alfabetizado, o Exército acolheu-o como simples praça, de viva inteligência, mas condenada a marcar passo na carreira.

Oficiais solícitos e cultos, percebendo-lhe a anciã de querer aprender, condescenderam em ensinar-lhe as humanidades, cujo conhecimento a pouco e pouco lhe foi ampliando os recursos intelectuais.

Não perdia aso de saciar a sede de saber, que lhe arrabataria o entusiasmo.

Era primeiro sargento quando o General P. Cidade, então no começo de sua promissora trajetória, de harmonia com outros colegas, fundou, no Rio Grande, uma revista destinada a assuntos militares.

Chega-lhe às mães, em breve prazo, bem elaborado escrito que denunciava inequivocáveis pendores do autor para investigações históricas.

Mas, assinava-o simples sargento e a publicação deveria ser privativa de oficiais.

Após detida análise do caso, decidiram aceitar a biografia de Menna Barreto, para maior estímulo do estreante, cujas aspirações intelectuais transpunham os limites de seu círculo.

Compreendeu que a exceção aberta a seu favor, poderia não se repetir em outras ocasiões e resolveu melhorar de posto

Ao primeiro ensejo, matriculou-se na "Escola de Intendência", e, uma vez ultimado o curso, achou-se habilitado ao oficialato, que saberia dignificar da primeira à mais alta posição.

E à medida que ia subindo na profissão, também se aperfeiçoava na vocação literária, expressa em obras, que lhe gran-gearam a estima dos sabedores.

Em todas predomina a inspiração do patriotismo, a que se esforça por servir com a máxima lealdade, sem, todavia, sacrificar a verdade.

Assim, em "O Brasil no Prata", para definir a sua orientação, assentou, de princípio:

"Haverá, certamente, quem nesta e na outra margem do Prata, não goste de algumas verdades fortes que vão ser ditas".

"A culpa, porém, não é nossa e sim daqueles que contribuiram para que essas verdades passassem para o domínio da história". "Não nos movem ofensas, nem ataques, nem lisonjas". "Não comungamos com os que julgam que se deve torcer a verdade em benefício da aproximação dos povos, porque não é com blandícias tendenciosas nem truncando os fatos, que se perpetuam amizades, mas, sim, colocando ou se colocando cada um no lugar que lhe compete, com a responsabilidade que lhe cabe".

"Não se serve uma causa que se julga nobre, com expedientes que a consciência possa repelir".

Nos períodos transcritos, fotografou-se a individualidade singular do autor, que não temia ficar sózinho, contra a opinião da maioria, quando assim o reclamassem a defesa da verdade histórica.

Com as mesmas idéias compareceu ao "1.º Congresso de História Nacional do Uruguai", a que apresentou a tese: "A Convênção Preliminar da Paz de 1828", recheada de documentos inéditos que as pesquisas no Itamaraty lhe proporcionaram.

Ainda acerca de assunto relacionado com a vida platina, levou à assembléia do Instituto Panamericano de Geografia e História, "A Missão Ponsomby e a Independência do Uruguai".

Com esses documentados ensaios, e mais tarde, os "Limites entre o Brasil e o Uruguai", tornou-se apreciado e discuti-

do tanto aquem, como além do Prata, onde conquistou lisonjeira nomeada de historiador probíoso, a quem se desvendaram os segredos enclausurados em arquivos opulentos.

Não se limitou, entretanto, ao estudo minudencioso das questões platinas, a respeito das quais lhe proclamavam o saber os mais doutos especialistas.

Ao seu torrão natal, dedicaria especial carinho, rompendo de contribuições registadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, de que foi um dos fundadores, para divulgar aspectos da terra gaúcha e feitos de sua gente activa.

Assim, quando o inicio da comemoração do centenário farroupilha levou o governo gaúcho à imprimir a "História da Grande Revolução", de Alfredo Varella, não se conteve Souza Docca, diante das idéias que se lhe afiguravam "depreciadoras dos sentimentos cívicos e desdenhosas da dignidade de nossos antepassados".

A homologação oficial, que virtualmente se continha no apoio do Estado à publicação da obra, fortalecia os conceitos, que até então tolerara, quando corriam com a responsabilidade pessoal do fogoso publicista.

O amparo governamental, porém, imprimia-lhes o cunho de verdades incontestáveis, contra as quais, desfechou penetrante analise, em "O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha".

Sabia que teria de enfrentar destro polemista, de pena ferina e copiosa cultura.

Não se arreceiou de contraditar-lhe as afirmações, embora correndo o risco de sofrer golpeantes represálias que não invalidaram a contestação.

Evitando a arena perigosa das retaliações pessoais, susentou o debate com tamanha pertinacia e valor, que, afinal, conseguiu declaração inequívoca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que amparara a publicação da obra criticada.

E poderia ufanar-se, ao escrever :

O "I. H. G. R. G. S.", negando seu apoio às idéias sustentadas pelo Dr. Alfredo Varella relativamente à finalidade da Revolução Farroupilha, idéias que o referido autor insinuava como sendo esposadas por essa dourta instituição, com o patrocínio da publicação de sua História, assim se manifestou, por unanimidade, depois de negar o apregoado separatismo: "Ao invés disso, tem reivindicado para os farroupilhas a integridade de um alto sentimento de brasiliade, sustentando que os dirigiu uma ideologia republicana-federativa, e que a proclamação do Seival e a consequente independência da Província foi apenas um meio e não um fim".

Assim era o historiador, que não consentia ofensa alguma à dignidade brasileira, ou particularmente, ao Rio Grande do Sul, quando proferida por individualidades de prestígio, cuja opinião se acolhia à sombra oficial.

Por horizontes mais largos, embora alcançando sempre o pavilhão auri-verde com as suas tradições pacifistas, dilataria a vista, ao tratar do "Dia Panamericano", em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde peroraria, a 14 de abril de 43:

"O Brasil batalhará sempre, sem esmorecimentos nem restrições, no sentido do panamericanismo puro e são e, além dessa constância e para maior realce de nossos ideais, num gesto alto e desprendido, nos alistamos para a defesa, sem fronteiras, da liberdade dos povos oprimidos pelo tacão aspero, rude e brutal dos egressos da civilização.

Irmãos Continentinos! O Brasil de hoje é o mesmo camarada de todos os tempos — contai com ele, sem restrições, para a luta e para a glória".

Por essa ocasião além das obras acima referidas, e de ensaios avulsos, já havia o conferencista entregue aos prêlos variadas outras, a saber:

"Causas da guerra com o Paraguai — O Exército nas campanhas Platinas — Vocábulos indígenas na Geografia Riograndense — Estudo da História — Um problema Geográfico — As nascentes do Jacuí — Ideologia Federativa na Cruzada Farroupi-

pilha — Ensaio psicologico do Marechal Bento Manuel Ribeiro — Capacidade psicologica de Duque de Caxias — Regionalismo sul-riograndense na Literatura — Caxias pacificador — As Forças Armadas em Formação e Defesa da Nacionalidade — A Capitania de São Pedro — Hilario Ribeiro, elogio na Academia Riograndense de Letras — A Questão Militar — Poetas da Revolução Farroupilha — Gente Sul-Riograndense — O Bicentenário da Colonização de Porto Alegre — A Estatística e a Segurança Nacional — Marquez de Barbacena, ensaio biográfico, à luz da psicologia — Visconde de Taunay.

Por último, ocupa-se da crítica ao livro do Embaixador Carcano, a respeito da guerra de Solano Lopes, para lhe contrariar as demasias de apreciação que traem ardores polemistas, hostis à opinião brasileira, em contraste com a fidalguia de trato do maneiro diplomata, cuja passagem nesta capital sobremaneira contribuiu para consolidar a amizade entre o Brasil e a Argentina.

Por ser maior da marca o vulto do ensaísta platino, de nomeada internacional, mais esmeradamente lhe apontou as injustiças de conceituação e afirmativas descabidas quem sabia a preceito as minúcias do assunto.

Assim era Sousa Decca, vigilante sempre na defesa das tradições nacionais, de que se tornou incansável propagandista. E, por isso, foi justamente escolhido para elaborar a biografia do "Duque de Caxias", a respeito de cuja atuação no Rio Grande do Sul proferiu ainda recentemente admirável conferência, por ocasião da comemoração do centenário da paz de Ponche Verde.

Não seria, entretanto, historiador que diluisse os depoimentos dos arquivos na ficção, com que se romanceiam os sucessos passados, ao gosto popular.

Os seus escritos, ao contrário, não se destinavam aos jejunos na matéria. Constituam, porém livros fundamentais para o conhecimento dos temas a que se referissem.

Era, em suma, autor para as elites cultas.

Por isso, os mais doutos acadêmicos na especialidade insistiam com êle para que se candidatasse à vaga de Alcides Maia, seu conterrâeo.

Não cedeu ao primeiro convite.

Aberta, de novo, a inscrição, voltaram a chamá-lo.

Condescendeu, convicto de que a sua bagagem literária, embebida dos mais puros sentimentos de brasilidade e alicerçada em firme erudição, justificava de sobejio o seu ingresso na Academia, como já lh^o franqueara as portas de outra, associações de cultura, tanto no Brasil como em países estrangeiros.

E do Quartel G^{eneral} que era a sua casa de trabalho fértil e sagaz, em telegrama firmado com o simples nome de escritor, sem se valer sequer da franquia oficial, deu ciência aos acadêmicos da sua inscrição.

Não poderia jamais suspeitar o que considerou ultraje dos votos em branco, mais golpeantes do que a preferência dada ao contendor.

Por ventura teria sido o seu primeiro fracasso na vida pontilhada de triunfos progressivos.

Seguramente, foi o último, por mal do Brasil, a que servia com dedicação inexcedível, realizada pela integridade profissional, e da cultura brasileira, que perdeu em Souza Doca um dos seus mais entusiásticos paladinos.

LOCALIZADOR

Aparelho para localização das armas automáticas

Capitão MARCIO DE MENEZES

Iniciando a apresentação do "localizador", precisamos esclarecer que os estudos e experiências deste aparelho estão na fase inicial, porém, como já pode ser útil ao nosso Exército, dando precisamente sem êrro, a direção da a.a. e com justeza apreciável a sua localização, nos apressamos a enviar este trabalho a quem melhor possa aproveitar essa idéia e esse começo de experiências.

Para apresentação do "LOCALIZADOR" resolvemos dividir em:

- A) Histórico
- B) Vantagens
- C) Princípio base
- D) Aplicação
- E) Descrição do aparelho e funcionamento
- R) Experiências.

A) *Histórico:* — Desde cadete, que o problema da localização das armas automáticas prendia a nossa atenção, em vista de toda a tática das pequenas unidades, estar subordinada em última análise a elas. Depois de oficial, continuamos nas nossas cogitações, sem que se nos apresentasse uma solução, que inicialmente, devia responder aos seguintes quesitos:

1.^º — Facilidade de fabricação. Nada de eletricidade, nada de complicações mecânicas ou problemas intrincados de balística.

2.^º — Facilidade de emprêgo, tanto na ofensiva como na defensiva.

LOCALIZADOR

3.^º — Facilidade de aquisição. Econômico e podendo resolver com meios de fortuna.

Em equação o nosso problema, tôdas as soluções se chocavam com um, com dois ou com três quesitos acima. Já desanimávamos, com o resultado das nossas pesquisas, quando, revendo uns cadernos, das aulas de descritiva na Escola, saltou a solução do problema, que nos parece estar resolvido.

B) *Vantagens:* — Vejamos a razão de ser do "localizador" que julgamos ter solucionado alguns problemas na tática das pequenas unidades. O nosso R.S.C. no seu n.^º 460 diz: "Determinar a colocação dos órgãos de fogo do adversário é problema essencial (o grifo é do regulamento), que só pode ser resolvido (o grifo é nosso), por uma organização bastante desenvolvida da observação". Vamos ver que o "localizador" resolve o problema sem necessidade de "uma organização bastante desenvolvida da observação", e mesmo sem observação.

NA DEFENSIVA

Na defensiva, o aparêlho pode ser explorado no máximo. Junto a cada a.a., teremos um "localizador" que nesse caso, estará em toda a posição defensiva. A base de fogos, — do inimigo que muntou o ataque, — ao se revelar, é imediatamente neutralizada, não cumprindo a sua missão e deixando o escalão que se despregou da "base de partida" sem cobertura de fogo. Não precisamos entrar em mais considerações para evidenciar o valor do aparêlho na defensiva.

NA OFENSIVA

Aproximação e tomada de contacto

Neste caso, quando as patrulhas da Vg., começam a receber os primeiros tiros de a.a., desde aí, pode entrar em ação o "localizador", pois cerrando a esquadra de Fz., destruirá a a.a. que hostiliza a patrulha. No balisamento das primeiras resistências "o localizador" acelera essa fase, porque nos levará

ràpidamente ao contacto, isto é, a linha continua onde o inimigo organizou a sua L.P.R. Será a exploração da surpresa, pois ele não previra essa irrupção tão rápida dos nossos elementos. Normalmente, como se dá o encontro das primeiras resistências?

*Os elementos da Vg., atraindo os primeiros tiros, entraráo ou não em posição. A entrada em posição é função de termos um objetivo de tiro. Se não podemos localizá-lo, como atirar? Somos muitas vezes obrigados a parar, porque as baixas se verificam e ficamos detidos, por maior ou menor tempo.

Com o emprêgo do "localizador" isto não acontece pois ele nos dá imediatamente a colocação da a.a. inimiga e sua imediata destruição.

Normalmente os reentrantes e salientes formados pelas pequenas unidades em função dos elementos detidos e pelos que se infiltram, não se darão, pois em seguida a uma pequena parada, obrigada pelo fogo iimigo, importará na destruição do mesmo.

Já pensamos numa tomada de contacto, em que não haja virtualmente frações detidas, em que não se torne necessário fazer cair a resistência por infiltração nos elementos que tomamos para objetivo, que normalmente se retrairão, quando no nosso caso, serão destruídos?

Não haverá pontos de menor resistência na frente inimiga, pois toda ela, para nós, ficará sendo "menor resistência".

Então vemos as características fundamentais do combate na tomada de contacto desaparecem. O "localizador" destrói essas características — Infiltração e desbordamento. — Não precisamos ver o inimigo para o destruir.

A noção de fogo e movimento toma nova concepção. Presentemente temos uma fração em movimento para a outra em posição. Agora é a própria fração que prepara o seu movimento, não dependendo de outra.

No ataque. Colocado o elemento, na linha exterior da base de partida, os elementos do escalão de ataque, ficam em condições de se contraporem as a.a. do inimigo. Vejamos o caso de uma fração inimiga na defensiva, que tenha explorado o disfarce e o abrigo ao máximo em benefício de suas a.a.

Imaginemos como ficará perplexo, quando sentir-se golpeado por tiros justos (precisos e regulados) sem que possa perceber qual o erro cometido.

A ligação será muito facilitada porque as frações não se perderão mais nos corredores de infiltração, expostas a serem absorvidas.

Haverá pequenas diferenças num quase alinhamento, que será uma aproximação do ideal.

Normalmente não temos frações detidas por a.a. e sim frações momentâneamente detidas. O grande problema dos flancos nas pequenas unidades não preocupará mais ou pelo menos diminuirá a um mínimo o que até então era um máximo.

O inimigo não contará mais com o disfarce, porque o "localizador" não precisará de observação para destruí-lo. O jogo das reservas sempre difícil de realizar, ora procurando uma fração que encontrou um corredor vazio de fogo, ora deixando este para seguir outro diminuirá de muito, senão totalmente, ficando mais a mão, de quem o vai empregar.

A dependência da Inf. dos tiros da Artilharia, vai diminuir de muito, permitindo maior independência de movimento pela Infantaria.

Economia de Munição

"Durante a grande guerra, o problema era resolvido pela renúncia ao tiro justo e o apêlo ao tiro sobre zona.

Tolhido no sua progressão o infante pedia auxílio a artilharia. Esta após fortes dotações de munição atirando sobre a zona indicada deixava muitas vezes incólume a invisível e terrível metralhadora inimiga.

E então o infante com o seu F.M. e a sua Mtr. atirava sobre a região onde supunha estar a arma adversária procurando assim neutralizá-la.

Este processo, em falta de outro aceitável para os exércitos franceses e alemães, onde as frentes de combate a par de pouco extensas eram polvilhadas de a.a. não poderia necessariamente

mente ser aceitável para o caso particular brasileiro de largas frentes, reduzidos órgãos de fogo e difícil remuniciamento". (De notas de aula da E.A.C.).

O problema do remuniciamento se modificará de muito, a economia de munição será de grandes proporções pois não faremos tiros sobre zona ou lugares prováveis da a.a. e sim sobre ela própria.

Muito ainda teríamos que apontar sobre a vantagem do "localizador". Porém aguardamos para o fazer em tempo oportuno.

Moral do combatente

Deixei para o fim na exposição das vantagens, a questão psicológica. É terrível, o efeito moral, sobre qualquer combatente, estar recebendo tiros, sem saber de onde. Seus camaradas, caindo mortos ao seu lado, e ficar na ânsia de esperar a sua vez, peior que a morte imediata.

Será notável a confiança que se apossará de uma tropa que conte em sua dotação de "localizadores", pois sabe que sendo hostilizado por qualquer a.a. esta será prontamente localizada e posteriormente destruída. Sabe imediatamente a direção de onde partem os tiros dando margem ao aproveitamento do terreno em função dessa direção.

COMO VEJO O EMPREGO DA DIVISÃO BLINDADA PELO ALTO COMANDO

Pelo Major A. C. MONIZ DE ARAGÃO

I

GENERALIDADES

1 — *A Divisão Blindada age normalmente no quadro do Grupamento Moto-mecanizado ou do Corpo de Cavalaria. Realiza, também, operações independentes.*

As suas características permitem-lhe realizar as seguintes tarefas:

- a *exploração*, em cooperação com o *reconhecimento estratégico aéreo*;
- a *segurança*, sob a forma de *ação retardadora*, cobrindo uma direção principal ou atuando como flacoguarda;
- a *ocupação* antecipada de regiões de importância decisiva para as operações futuras;
- a *ruptura* de uma *cortina* de proteção do inimigo, visando antecipar o contacto com os grossos;
- o *ataque* a um adversário incompletamente organizado ou em delito de desdobramento, com a finalidade de frustrar seus planos e arrebatar-lhe a iniciativa;
- o *restabelecimento* da progressão de um ataque detido;
- a *irrupção*, em larga frente, contra o inimigo desmoralizado;

- o aproveitamento do bom êxito, pela penetração profunda ou pela ação de flanco;
- a perseguição do adversário derrotado;
- a execução do envolvimento estratégico;
- a incursão, em combinação com os paraquedistas e as tropas do ar, contra os pontos vitais das comunicações inimigas.

2 — Só a *Divisão Motomecanizada* é capaz de realizar, em benefício das *Grandes Unidades Motorizadas*, missões análogas às desempenhadas pela *Divisão de Cavalaria* em proveito das *Grandes Unidades de Infantaria*.

A grande mobilidade estratégica dos *grupamentos motorizados*, para que tenha completo rendimento, exige um largo espaço, no qual a segurança seja completa. Os meios orgânicos das G. U. automóveis, componentes desses conjuntos, são insuficientes para garantir-lhes as *informações terrestres longínquas* e a *segurança afastada*. Eles necessitam de um auxiliar que tenha capacidade para:

- estender longe na frente e, eventualmente, nos flancos um sistema perfeito de investigação, tendo por fim informá-lo:
 - sobre a extensão e a natureza do terreno de que pôdem dispôr para manobrar e
 - sobre o contorno aparente e o valor das resistências que o limitam;
- proporcionar ao seu *Comandante* um espaço bastante largo e inviolável, que lhe assegure, em qualquer circunstância, a *liberdade de ação*;
- preparar e, algumas vezes, favorecer a manobra do todo, mantendo determinados pontos necessários à sua perfeita evolução.

Essas múltiplas incumbências, em regiões afastadas e em ambiente desconhecido do *Comando* da massa motorizada, impõem — um *Chefe* que conte com

- órgãos de comando poderosos;
- meios importantes e especializados, tanto pelas propriedades inerentes ao material como pela instrução do pessoal, para organizar, dirigir e realizar:
 - a Exploração Terrestre e
 - a Segurança.

Exigem uma Grande Unidade de Cavalaria *totalmente motomecanizada*, a Divisão Blindada.

— * —

II

A EXPLORAÇÃO

1 — *A liberdade de ação do Chefe* é a base de toda a manobra estratégica. Existe, quando o Comando pôde, a despeito do adversário, reunir os meios para uma determinada operação e conduzi-la até o fim.

Liberdade de ação e segurança estratégica são, pois, elementos equivalentes.

A segurança, no domínio estratégico como no tático, repousa particularmente na informação.

A informação de ordem estratégica, aquela que interessa à conduta superior das operações e da batalha, é solicitada:

- à espionagem,
- à exploração aérea,
- aos contactos.

Os dados fornecidos pelos *agentes secretos* e pela *aeronáutica* são, entretanto, aleatórios.

Os *espiões* nem sempre os podem transmitir. Quando o fazem, o gráu de veracidade constitue uma interrogação.

Os Aviões nem sempre estão em condições de vôar. As suas informações negativas têm valôr muito relativo. Sobre tudo, são incapazes de conservar o contacto.

"O comando só terá informações exatas e ininterruptas acerca dos movimentos e disposições do inimigo, numa determinada zona, enviada para ela fortes destacamentos de cavalaria."

"O comando em chefe e os comandantes de exército dispõem para tal fim, de forças de cavalaria importantes, formadas em divisões ou corpos."

"Estes elementos de cavalaria, parcial ou totalmente motor-mecanizados, completam e precisam as investigações obtidas pela Exploração Aérea. Executam a Exploração Terrestre." Aquela e esta são realizadas em estreita colaboração. As informações conquistadas pela primeira servem para orientar a segunda. Permitem-lhe impulsionar a busca nas direções mais interessantes. Uma e outra se completam.

2 — A distância a que deve ser procurada a informação e a largura da zona a reconhecer dependem do valôr e da mobilidade da massa de manobra. Crescem em função dos seus efectivos, do seu ráio de ação e, também, das possibilidades do adversário.

Para a *Divisão Blindada*, que a executa, a Exploração comporta:

- o *acionamento* de uma *Descoberta Aérea* e de uma *Descoberta Terrestre*;
- o *empenho do grosso divisionário*, com a finalidade de completar as informações colhidas pela *Descoberta*, verificando a extensão e o valôr da resistência ou impeto ofensivo do inimigo.

3 — A missão de Exploração é definida por:

- uma *finalidade*, comportando os objetivos a atingir, bem como a natureza e a urgência das informações a procurar;
- uma *direção*;
- uma *zona de ação*.

Deve ser completada:

- pela *conduta a manter* em certas eventualidades;
- pela *indicação*, no tempo e no espaço, do apoio com que a *Divisão* poderá contar;
- por prescrições concernentes às ligações e transmissões.

4 — A *Divisão Couraçada*, encarregada de uma missão de *Exploração*, pôde ser reforçada por unidades de carros, artilharia motorizada, etc. Esses reforços devem ser suficientemente móveis para que a mobilidade da grande unidade não seja desperdiçada.

— * —

III

A SEGURANÇA

1 — *A Divisão Motomecanizada*:

a — *No início das operações*, constitue, graças às suas possibilidades de *rapidez de intervenção e grande ráio de ação*, um precioso instrumento nas mãos do *Alto Comando* como reserva de *cobertura*.

b — *Durante as operações*, pôde ser utilizada para:
— *cobrir a manobra estratégica de um grupo-*

amento motorizado, que deve sofrer os riscos de um combate de encontro, garantindo-lhe a progressão em segurança até aos objetivos que servirão de base à evolução das operações a cargo do grosso, seja ocupando-o antes do adversário, seja conquistando-os.

— *cobrir a frente ou o flanco de massas engajadas*, quer ofensiva, quer defensivamente, esforçando-se por:

- ganhar o maior espaço possível na direção interessante,
- executar uma ação retardadora e
- manter, durante um determinado tempo, certa linha que favorece ou compromete a manobra do conjunto.

2 — A *Divisão*, no desempenho de missões de segurança, particularmente quando se trata de manter uma posição por algum tempo, pode exigir reforços de infantaria, artilharia e engenharia.

— * —

IV

A PARTICIPAÇÃO NA BATALHA

1 — A *Divisão Couraçada* participa, normalmente, da batalha no âmbito do *grupamento motomecanizado*. Entretanto, graças às suas características e organização, é principalmente eficiente nas operações independentes, que exigem subtaneidade e potência.

2 — Na *Batalha Ofensiva*:

a — Após a rutura da frente, é adequada para irromper sobre o sistema de comunicações adversas e realizar o aproveitamento do bom êxito, perseguindo e destruindo o inimigo desmoralizado.

b — Ligada no tempo e, se possível, no espaço ao ataque das G. U. de Infantaria, a sua intervenção sobre o flanco e as retaguardas dos contrários, mediante um rebatimento ou um desbordamento, muito se recomenda.

a — Constitue o primeiro escalão do grupamento motomecanizado encarregado de efetuar um envolvimento estratégico.

3 — Na *Batalha Defensiva*, como reserva estratégica, é apta para intervir rapidamente, com todos os meios, onde se fizer necessário:

— seja para restabelecer a continuidade da posição ou quebrar o ritmo ofensivo do adversário;

— seja para opôr-se a uma manobra desbordante;

— ou ainda, para levar a efeito contra-ataques no flanco inimigo, com a mira de aliviar as partes da frente sujeitas à grande pressão.

— * —

V

AS INCURSÕES

1 — Desde o começo das hostilidades e sem esperar a reunião de todos os meios para encetar a *Batalha*, pôde ser vantajoso atacar o território inimigo. Ocupar uma determinada região. Apoderar-se de seus recursos. Prejudicar a mobilização e a concentração do adversário. Conquistar um penhor.

Esta operação, a Incursão, tem sempre por fim, graças a uma ação rápida, alcançar certos objetivos geográficos. Executar apreensões de material. Levar a efeito destruições. Agir ofensivamente contra as primeiras formações reunidas pelo inimigo, visando dispersá-las ou liquidá-las.

As *Divisões Motomecanizadas* se preconizam nessas missões. Realizam, com absoluta eficiência, "raids" profundos que miram as comunicações e as retaguardas do adversário.

CAXIAS E OSORIO

Pelo Cel. J. B. MAGALHÃES.

"À frente augusta da história
Assoma um grupo imortal;
Que um mesmo raio de glória
Ligou Caxias e Herval:
Fulgor de duas espadas.
Que, sóbrias, enfastiadas
Daquele sangue servil,
São as pontas do compasso,
Que traçou larga no espaço
A evolução do Brasil!"

Tobias Barreto — 1868

O estudo que hoje apresentamos, sobre as duas maiores personalidades de nossa história militar, faz parte do livro que compusemos sobre Osório. A publicação antecipada deste capítulo, dedicamô-la aos heróis da F. E. B. que marcaram nos tempos que vivemos mais uma baliza na rota do edificante patriotismo. Inspireu-nos esta idéia o gesto de significação profunda que teve o General Mascarenhas de Moraes, nos Montes Guararapes dedicando, em sua passagem por Pernambuco, as vitórias conquistadas na Itália, aos maes daqueles heróis cujos denódos e sacrifícios, formaram as primeiras pedras do alicerce de nosso magestoso edifício nacional cimentadas pelo patriotismo irretorquível e inconfundível. Ele falou em nome dos soldados de Caxias e ao fazê-lo, por certo, pensou nos que, como Osório, representaram no passado gloriose a força emanente do nosso povo, essa força que sempre, até agora, nos irmou nos campos de batalha com os povos amantes da liberdade e da justiça.

— x —

Caxias e Osório realizaram a condição que, nos tempos napoleônicos considerava-se essencial para fazer um grande

chefé: Il faut surtout — diz o General Marmont — (1) qu'il ait fait la guerre très jeune et peu après son entrée dans la carrière”.

Ambos foram oficiais muito jovens, mal saídos da puberdade e ambos logo receberam seu batismo de fogo e sem descanso foram crescendo e evoluindo nos campos de batalha. Um, porém, Caxias fez sua carreira no norte e no apaziguamento das lutas internas em seguida a sua estréia nas campanhas da Independência.

O outro, Osório, também começou na guerra pela Independência, mas toda sua vida passou-a na fronteira com os países do Prata, em cujas lutas nunca esteve ausente.

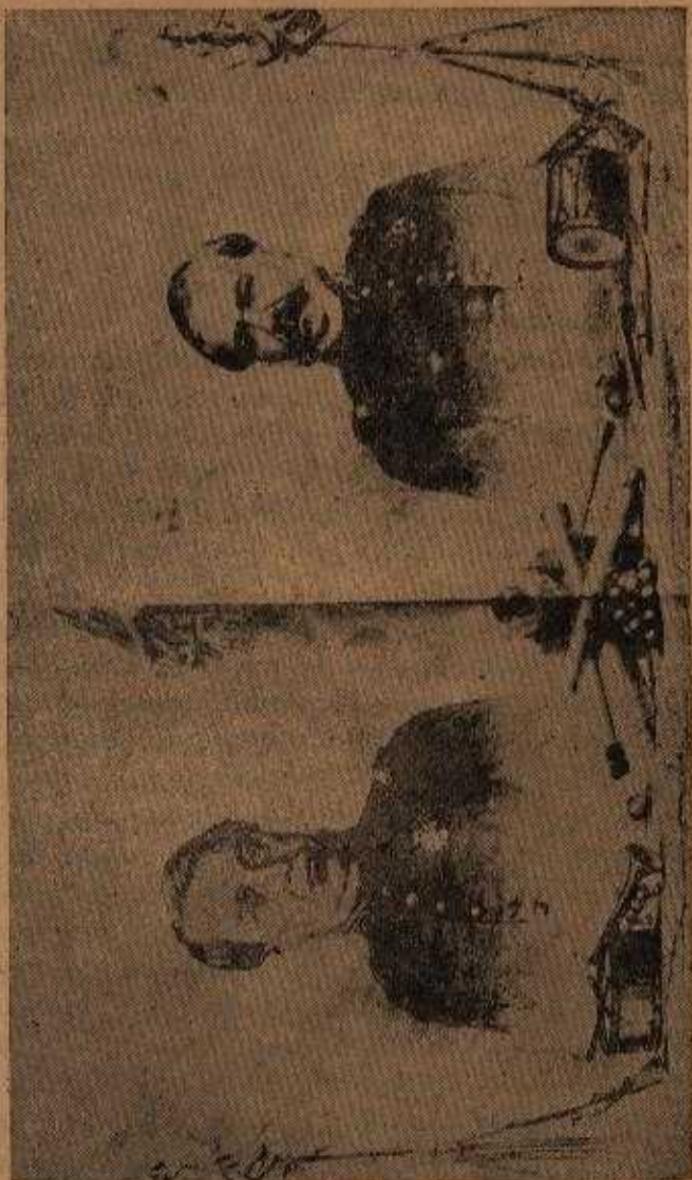
Encontraram-se já homens feitos e quando oficiais de alta reputação. Conheciam-se por certo de renome.

Em abril de 1839, Rego Barros — Ministro da Guerra — fôra ao sul a ver como andava mal parada a causa da legalidade na rebelião riograndense. O Marechal Elizário, então Presidente da Província, dava lugar a muitas queixas. Passando em Pelotas, deprecis de visitar o acampamento das forças legais em Canudos, ouviu Osório, delegado pelos seus companheiros para lhe expôr quão mal caminhavam, por falta de direção conveniente, os interesses da legalidade. Aí provavelmente deu-se o primeiro encontro entre Caxias e Osório. O primeiro, então Tenente Coronel, era já considerado uma competência militar e nessa qualidade fizera parte da comitiva de Rego Barros. O segundo, mais moço cerca de cinco anos, também havia previsto possuir qualidades excepcionais de soldado e de homem.

Desta visita, trouxe o Ministro a convicção de que o homem para comandar lá era o próprio Caxias, mas a isto se opunha o seu baixo posto...

Correram os tempos. As atividades daquêle que a justo título vai ser o condestável do Império, fazem-no ascender ao Generalato e adquirir na nobresa os furos de Barão com gran-

(I) — *Le Institutions Militaires* — 1845.



deza. Então, vai terminar a Revolução Farroupilha. Osório, mal acabava de ascender ao posto de Major.

Caxias, nomeado Presidente da Província e Comandante das Armas, assume suas funções em novembro de 1842. Encontra-se então, pela segunda vez, com Osório.

Não tarda a ter nêle o seu homem de confiança. Dá-lhe missões difíceis. Admira-o e louva-lhe o desempenho. Aprende a conhecê-lo a fundo. Osório vê nêle um chefe capaz. Tornam-se amigos.

Terminada a guerra Farroupilha esta amizade e esta confiança esão de tal modo consolidadas que não hesita Caxias, que verificara o imenso prestígio, que Osório já desfruta na Província, em pedir-lhe seu apôio para a eleição senatorial a que se candidatava.

Osório põe todo empenho em favor de seu chefe e amigo, não obstante ser *liberal* e êle *conservador*. Daí em diante tem um amigo e defensor prestigioso na Corte e Caxias outro nos pampas.

Encontrem-se de novo na campanha de Rosas. Crescem a admiração e mútua amizade. E' em Osório que o Conde de Caxias encontra o seu mais precioso auxiliar. E' a êle que dá as missões mais difíceis e cujo desempenho demanda inteligência, atividade, tato e boa capacidade de iniciativa do executante. São missões que exigem ainda bom conhecimento do terreno, dos costumes locais e dos homens. Para estas, Caxias sempre escolhe Osório.

Ao findar a campanha recomenda-o ao Governo. E manda-lhe em despedida um abraço: "é o maior *guasca* da Província, que mais *naipes* ganhou e louros colheu em Moron".

Um dos fatos que contribuiram para a solidez dessa amizade foi sem dúvida a capacidade de Caxias em saber ver e distinguir o valor de Osório. A retardada carreira que êste vem fazendo, apezar de todos os serviços que tem prestado e da capacidade que sobejamente demonstra, só se acelera quando os máus chefes cedem lugar a Caxias, para a terminação da Guerra Farroupilha. Depois vêm os casos de perseguição política a Osório e êle, na Corte, apezar de ser *conservador*, defende-o e sobre-o junto ao Imperador.

A amizade, a intimidade e a mútua confiança entre ambos cresce destarte cada vez mais. Nenhuma razão, política ou militar, as perturba. Vêm os tempos difíceis de Silva Ferraz e Caxias acompanha o seu amigo, protegendo-o e consolando-o

pelas informações que dá ao Imperador e nas cartas que lhe escreve:

"Ora, se os meus cálculos não me falham, escreve-lhe da Corte, isto por aqui está por desabar muito breve, e é natural que o Govêrno contenha mais alguns amigos seus e meus que o atual, e, então V. Excia. será devidamente colocado". Etc.

Depois interessa-se para que seja recompensado. É visível que se esforçou para a ascenção definitiva de Osório ao governo. Evita que, desgostoso, peça reforma e, noticiando-lhe os fatos que dizem respeito à sua promoção a Brigadeiro, comenta: "Agora pode reformar-se quando quizer, mas aconselho-o que espere ver clarear mais o horizonte oriental e argentino. Quem sabe se aída não teremos de comer algum churrasco juntos... (Carta de 10 de junho de 1859).

Em 1862, Osório mostra-se profundamente confiante na atitude de Caxias, no caso da infeliz denúncia contra seus sentimentos patrióticos veiculada pelo Barão de Porto Alegre. Não o faz diretamente. Dí-lo em carta ao Dr. Belo sobre êstes fatos: "A minha vida militar não pode ser um segredo para o Chefe do Estado que me deu os postos e as condecorações, que as tenho sem manchas, entre este povo testemunha de minha vida toda. E o Sr. Caxias foi testemunha do meu proceder, por muitos anos, nos quais creio que correspondia à confiança com que S. Excia. me honrou em dias difíceis para a Pátria e para a Monarquia". E termina dizendo: "Então de passagem por aí, agradecerei ao Imperador o desprezo a que lançou mais uma vez as infundadas e malévolas acusações que me faz esta gente, que conhece que só com as próprias forças não me pode enterrar, que por si não me assusta, mas, que tanto suspirou quando viu no Ministério o Sr. Caxias, sabendo que S. Excia. não era homem de que necessitava para apoiar vinganças.... Etc.

Em 1864, de novo intervém Caxias em benefício de Osório, a quem nova perseguição removia da Província. Era a consequência de sua recusa em apoiar o Dr. Brusque, então mimoso da política da hora.

Depois é a guerra do Paraguai. Desde o inicio êles mantêm interessante correspondência. A principio, Osório informa-o sobre a situação do seu trabalho à testa do 1º Corpo de Exército: "Os trabalhos de nossas campanhas passadas diz êle em resposta a uma carta de Caxias, de 20 de fevereiro de 1865, não têm paridade com os apuros e dificuldades em que me tenho visto nesta; todos os partidos se representam nessa massa paisana da qual o general menos próprio devia formar um exército; e note, dos que já tinham os seus nomes nos *livros mestres* poucos estavam indicados para o serviço, salvo raras exceções, etc. etc." e depois pergunta, que fazer dos *cabalistas* que vieram comandando seus votantes?

Evidentemente, êste exército tratado por um general como Osório, que sobreponha a tudo os interesses da guerra haveria de dar muitos desgostos. Por isto êle explica a Caxias: "ai está a massa dos desgostos meu amigo, como ficaria um general que mandasse marchar o seu exército e visse ficarem no campo montes de armas, munições, etc. daria beijos e abraços e faria cortesias e civilidades aos relaxados?"

Não consta que se houvessem entrevistado, quando Caxias foi ao sul, com o Imperador, para a tomada de Uruguaiana.

Em 1866, depois de Tuiuti, Osório regressa à sua Província para tratar-se e de novo se restabelece entre ambas a conversa epistolar, que se interrompera por não saber Caxias por onde êle andava, como se vê da carta de 12 de agosto, resposta a de 2 do mesmo mês, que lhe mandara Osório.

Nesta carta êste narra ao amigo: "muito a tempo chegou ao Exército o nosso camarad^a Polidoro; já eu não podia andar a pé, nem a cavalo; a bexiga, as pernas, o estômago, fastio, insônia me atormentavam". E termina: "V. Excia. pode ajuizar o meu infortúnio, desde que, depois de vencidas algumas dificuldades e de cinco combates vitoriosos para as nossas armas me vi obrigado a deixar a obra que me foi encomendada, ante do seu termo. O lenitivo que tenho é o de haver passado a mão mais hábeis aquela honrosa tarefa". Etc. E assina "De V. Excia. súdito e amigo, Barão do Herval, sem herva".

Tudo ha nesta carta, amizade, carinho, confiança, intimidade...

No mesmo tem responde-lhe Caxias: Estava muito cuidadoso por saber notícias suas, por isso que, por carta que recebi do nosso Polidoro, soube que V. Excia. lhe tinha passado o comando do Exército e retirando-se por doente. Não sabia o grau de sua enfermidade, nem o verdadeiro lugar para onde tinha ido, e, por isso, vacilava, sobre a direção que deveria dar às minhas cartas. Quando me chegou às mãos sua carta de 2 do corrente, escrita já do Rio Grande, a qual me causou prazer, por saber que estava no seio da família, sentindo o motivo porque tive esse prazer. A descrição que me faz de seu estado de saúde me faz crer que, com o repouso do corpo e do espírito, em breve se restabelecerá e muito estimarei que ter de se retirar, recasse o comando no Polidoro, que é homem de inteligência, tem muito juizo, e é um perfeito soldado". Etc. Etc.

E assim termina: "Quando puder escreva-me e dê-me notícias dessa província donde não chegaram boas novas agora. Que ha pela fronteira Oriental? E de Entre-Rios, soube alguma cousa? Por aqui já se diz que o Lopez tem recebido recursos da Bolívia, será verdade? Meus respeitos à Sra. Baronesa e Minha mulher me pede que lhe agradeça os seus cumprimentos. Sou o amigo e camarada Caxias".

Estas ótimas relações entre os nossos dois grandes chefes vão continuar ainda inalteradas, bem sólidas por algum tempo e tão sólidas que, como vamos ver, faz-se muito difícil aluir...

Na carta acima mencionada, também critica o desenvolvimento inicial do plano de operações, mas Osório, que sem dúvida tem parte nessa estratégia inicial cujo menos a aceita de boa mente, não parece haver respondido a Caxias retrucando. Concordaria com seu velho chefe e amigo? Evidentemente não, mas homem prático, essencialmente prático, vai deixar que os fatos falem por si.

Em 1866, pois, está Osório em tratamento de saúde na sua província, quando o Marquês é nomeado para o Comando em Chefe, em 10 de outubro.

Seja como fôr, sabemos que o Marquês obtém logo do Governo, como uma das medidas preliminares a tomar, para que a marcha da guerra possa ser acelerada, a organização de mais um terceiro Corpo de Exército, com recursos da Província do Rio Grande, e Osório, que está ainda doente, em tratamento de saúde, é designado para organizar e levar esta nova fôrça à guerra. Recusará? Não. Caxias, que o conhece bem, tem tal certeza de seu patriotismo, que nem siquer o consulta a respeito.

Apenas, em 20 de outubro, comunica-lhe ter sido "forçado a aceitar o Comando" e diz-lhe as medidas preliminares que tomou para "obter em dois meses mais 16.000 homens", o que espera conseguir do concurso de seus amigos entre os quais "sendo V. Excia. um daquêles em que mais confio, dir-lhe-ei que o propus para Comandante em Chefe de tôdas as fôrças que devem partir dessa Província, etc." Termina esta carta, dando boa prova do mais alto conceito em que o tem. É que o fato de estar Osório na Província dispensa-o de ir até lá, assumir *inda que por um mês, a Presidência para falar aos guascas a linguagem que êles entendem. Por isto vai tranquilo para o Exército.*

Este apelo de chefe e amigo é atendido sem nenhuma hesitação. Escrevendo de Montevidéu, em 4 de novembro, refere Caxias agradecido e confiante: *Esta era a resposta que esperava. Considera-a sua carta viva para todos, pois não tem tempo para escrever e dá-lhe carta branca para agir contanto que ande ligero que o negócio urge*.

Dessa data em diante suas relações epistolares tornam-se mais frequentes. Ocupam-se de cousas da guerra. As cartas que Caxias escreve, são ordens ou instruções dadas a um amigo de alta confiança. As respostas que Osório dá ou as epístolas que lhe endereça espontaneamente, são partes, relatórios, informações que presta ao amigo e chefe acatado sempre, com sua habitual franqueza.

E' nesta oportunidade que Osório vai respondendo indiretamente a condenação que faz Caxias do modo porque as operações foram inicialmente encaminhadas, cujo ponto capital consistia em se ter tomado por base de operações Entre Rios e

não Uruguaiana. Supõe Caxias que assim, ter-se-ia evitado a invasão do Rio Grande, podendo-se terminar a guerra mais cedo, por uma manobra que cortasse os paraguaios invasores de Corrientes, de suas bases, e que se lucraria a vantagem de *derramar o nosso ouro na província*. Osório nada refere sobre estas idéias, mas em sua correspondência com Caxias vai mostrando não crê na sua possibilidade. Para ele nada de grande era possível fazer sem ser de mãos dadas com a esquadra. Nem mesmo um grande esforço pelo flanco dos paraguaios por invasão de seu território pela direita (Itapúa ou Candelária) julga possível, porque esse apoio não pode ser dado com suficiente amplitude.

Na marcha que vai fazendo com o seu 3º Corpo de Exército, segue rigorosamente as instruções do seu chefe e ai Ná e esforça-se por melhor fazer, mas sente-se em sua correspondência que tem certeza de que não se realizará o projeto.

De fato, a pouco e pouco, Caxias, que é como bom guerreiro, um realista, vai modificando sua idéia primitiva e Osório acaba por penetrar de novo no território paraguaio pelo Passo da Pátria. Desta vez, porém, tranquilamente, bem coberto pelas forças que enfrentam o adversário em Tuiuti. E' quasi um exercício do tempo de paz. Todavia, bastante ativamente. Sabia diz em carta à esposa, que esperavam por ele para começar a festa, isto é, a marcha de flanco para ir atacar Humaitá por leste e a retaguarda.

Nada ocorre de anormal ou de perturbador nas relações entre ambos até o caso de ataque ou reconhecimento de Humaitá.

Caxias, que possivelmente se surpreende ao constatar o enorme prestígio que desfruta Osório no Exército, pois apenas poderia fazer dele uma pálida idéia enquanto esteve ausente, por mais elevado que fosse seu julgamento sobre o *maior guasca da província*, não deixa transparecer nenhum despeito. Não o tinha certamente. Ao contrário, de certo modo, também sente a magia desse prestígio e, de sua alta posição, manifesta-o por provas muito especiais de deferência.

Conta o General José Luiz Rodrigues da Silva (2), testemunha destes fatos, que o Marquês, comandante em chefe de todas as forças brasileiras, terrestres e navais, mantinha-se sempre em *atitude de Chefe*. Enérgico, circunspecto, era, no entanto, maneiroso e muito ativo. Costumava de madrugada, bem fardado, com seus cordões de Ajudante de Campo do Imperador, envolto em seu sobretudo se fazia frio, percorrer solenemente todos os acampamentos. Mostrava uma evidente preferência pelos oficiais dos quartéis generais o que não o tornava muito popular na tropa, pois daí resultavam as vezes injustiças no julgamento dos méritos.

Osório era, sob esse ponto de vista, perfeitamente antagônico ao seu chefe. Não primava pelo rigor dos uniformes. Mais, era popularíssimo, pois amado da tropa, vivia como se fosse um dos dela. Também enérgico e muito ativo, tinha a preocupação de ser justiciero, tendendo à benevolência. Ao contrário de Caxias, era de gênio alegre e folgazão, nada carancudo. Outra qualidade de Osório que sobressaia muito era a bondade pela qual sua *bolsa* estava sempre aberta. Muito mais acessível do que Caxias, os soldados sentiam-no muito mais perto de si e por isso mais o estimavam.

Pois bem, para esse chefe assim diferente, notadamente inimigo das pragmáticas, Caxias tinha deferências especiais. Conta Rodrigues da Silva que a guarda da sua barraca, na guerra do Paraguai, só formava em continência a ele e a Mitre, com banda de música, mas só a Osório o Comandante em Chefe, se dignava receber fora do seu alcântaro.

Aí, ou melhor, depois disto, aparece a primeira nuvem muito ténue ainda... O Exército cada vez mais vai mostrando sua preferência por Osório. E isto em todo o conjunto aliado. Ora, por maior que fosse o seu respeito por Caxias não podia Osório compensar nos áulicos, pelo menos, senão em todos, na grande maioria, o ciúme... Nenhuma dissensão há entre os dois grandes chefes, mas se estabelecem rivalidades entre os

que o cercam. E a atmosfera, é forçoso confessar, influi sobre ambos, muito mais porém sobre Caxias...

Nada, porém, ocorre de grande. Osório não é ambicioso de glória, mando, popularidade, nem de causa alguma. E a respeito e acatamento que tem pelo chefe de quem é amigo, tudo neutralizam. Com o correr dos tempos, porém, se encurta a distância que dantes havia entre ambos. Osório chega a Tenente General. E' Visconde, é Marquês... Seu renome invadirá o Brasil inteiro, que o idolatra. E isto, pouco a pouco, vai afastando um do outro. De resto, Osório, se bem que modesto e desambicioso, *sem velleidades de projeção no cenário militar ou político*, nada disputa a Caxias, mas é independente, é homem de opinião e a manifesta e dá com desassombro. Não procura impô-la aos que têm as responsabilidades da decisão em cuja execução deve cooperar. Obedece ao Comando e cumpre as ordens que recebe com dedo e entusiasmo, dedicada e lealmente, mesmo que se proceda em contrário ao pensamento que manifestou no Conselho que se pediu ou na consulta que se lhe fez.

Depois de Humaitá alguns acusam em Caxias, manifestações de ciúme contra a personalidade imponente de Osório. Chegam mesmo a atribuir-lhe a inferioridade da preocupação em evitar, nas comissões que lhe dá e na atuação que exerce sobre a execução de algumas destas por seu chefe subordinado, que se distinga. Não esposamos este modo de ver. Ninguém poderia prová-lo. Ele surge da rivalidade infeliz, não entre os dois chefes, mas entre alguns que admiram um e outro, desgostando um ou outro, ou apenas de elementos subalternos que cercam a ambos.

Durante a guerra cresce, bem alimentada pela fatalidade dos acontecimentos, a intriga. E' principalmente explorada pelos partidários políticos em sua inconsciente desconsideração pelos interesses superiores da Pátria, os quais de tudo se valem, sem hesitar, mesmo em inventar pretextos, para atacar os adversários, diminuir o bom nome dos aureolados e minar-lhes a força dos prestígio de que gozam.

E' durante a guerra do Paraguai que surgem as primeiras intrigas, favorecidas pelos acontecimentos, pela demora na marcha da guerra. Os chefes militares, quando as causas correm desfavoravelmente, são em regra os bodes espiatórios de tudo. E' à sua incompetência, sem mais indagações, que se atribuem todos os insucessos. A paralisia das operações diante de Humaitá e o mal-gro do ataque a Curupaití causavam grande mal estar os aliados, notadamente no Rio de Janeiro. Havia mesmo séria inquietação quanto ao desfecho da guerra, que foi agravada quando se viu que a manobra de flanco não importou em grande efeito sobre o problema da conquista da fortaleza de Lopez, pois este houvera tido tempo de construir e bem fortificar o famoso quadrilátero. O Exército saíra de frente da invulnerabilidade das *linhas Rojas*, mas vira-se em face de outras fortificações tão poderosas. A guerra teria de ser ainda morosa. Diante disso, de tudo se valem os políticos, um correspondente de jornal em Buenos Aires faz constar que os generais, notadamente Osório, acusavam Caxias de não querer assaltar o Humaitá. Logo o Deputado Macêdo aproveita o pretexto para atacar seu adversário *conservador* e isto leva o conselheiro Zacarias, chefe do Governo e do partido de Macedo, a defendê-lo no Senado.

Caxias recebe um Jornal do Comércio, de 6 de junho de 1868, em que se publica o discurso de Zacarias e assim toma conhecimento da intriga. Em 21 do mesmo mês, escreve a Osório, de Pare-Cuê: "... Eu sei, meu amigo, que as opiniões dos meus camaradas generais não acobertam a minha opinião e responsabilidade, que é toda minha, e que o que pensa a oposição é intrigar-me, para fins políticos, servindo-se até certo tempo do nome do Conde Porto Alegre, e agora se quer servir do seu, julgando que assim nos desunem e conseguirá seus fins facilmente. Creio, ao menos por minha parte, que perderá seu tempo, porque eu antes de ser seu amigo estudei bem o seu caráter, e por isso descanso completamente no seu juízo; e demais, estou aqui muito contra minha vontade e interesses, e se sonhasse só que V. Excia. não estava, como está

servindo comigo da melhor vontade que lhe é possível, a vingança que tinha a tomar era retirar-me imediatamente, entregando-lhe o comando do Exército. Porém estou já muito velho e traquejado nestas intrigas da Corte, e sei como elas se manobram, talvez melhor do que aquelas que as movem contra mim".

Osório responde no dia 23, isto é, sem perda de tempo, de seu acampamento junto a Humaitá:

"... voltei ao Exército a convite de V. Excia. e ordem do Governo não convencido de pessoalmente prestar um grande serviço mas por trazer ao amigo um reforço de 4.600 homens, e disposições para cumprir as ordens de V. Excia., porque as nossas relações de amizade a isto me levam. Isto posto, direi mais sobre o aludido. Não falei ainda com nenhum general dêste Exército que manifestasse a conveniência e desejos de atacar já o Humaitá, foi V. Excia. o primeiro a manifestar-me essa idéia" ... "disse-me que pretendia fazer por três pontos". Depois conta Osório que aderiu a essa idéia mas recusava que o ataque, "por falta de meios não pudesse ser efetuado conforme as regras da arte, e que, por isto, os nossos recrutas não passassem dos fossos", o que baseava a experiência da guerra até aí adquirida, cujos fatos cita. Conclui "declarando mais que se sente um homem sem ambições, e por isso sem esforço se desembaraça das intrigas e não pode permitir que, com o seu nome, se prejudique a bem sentada reputação do seu amigo". "O Presidente do Conselho disse muitas verdades no seu discurso, e uma delas foi que havíamos deixado a política na nossa terra".

De fato, assim foi, tanto para Caxias como para Osório do que há soberbas provas a respeito. Osório, instado por seus amigos do Rio Grande, recusa até a dar sua opinião sobre eleições. Nega-se a escrever sobre política a seus amigos. Em carta à esposa diz-lhe que se perguntarem por ele afirme que na guerra não é político e que, quando voltar, porém, será o mesmo homem.

"Quando te perguntarem por aí de que partido político eu
essa terra dirás: que enquanto houver guerra, não temos
os partidos desunem os brasileiros, e a des-

união é a fraqueza e a derrota; depois dela, porém, sou o mesmo que sempre", 4 de outubro de 1868).

Seja como fôr, êste incidente faz-nos vêr o abismo que se pretende cavar entre um e outro para separá-los. Vê-se quanto se debatem para se defenderem. De fato, na guerra não são políticos, *deixaram a política na sua terra*. Esta, porém, não os deixava, acompanhava-os, envolvia-os, inquietava-os, sempre ativa e intrigante até nos campos de batalha.

Ela era ajudada, nesse mesquinho afan, pela diferença das simpatias que ambos gosavam, não só no Exército, como no Prata.

Enquanto que a *natureza de Osório* permitia-lhe ter, sem nenhum sacrifício de seu patriotismo, as melhores relações de amizade com uruguaios e argentinos, quer fossem *colorados* ou *blancos*, *unitários* ou *federados*, a de Caxias tendia a afastá-lo, não obstante a correção e a inteligência, digamos mesmo, a abnegação com que procede em suas relações com os povos aliados.

O contraste entre as duas personalidades, muito embora Osório tenha para o seu chefe tôdas as atenções e condescendências, nunca dispute influências, nunca se mostre molestado por êste ou aquèle procedimento seu, que os *outros as vezes interpretam mal*, vai contribuindo também certamente para afastar um do outro. O Exército acata e respeita Caxias. Venera-o mesmo, as a Osório, adora. O seu ídolo é êle.

O prestígio que Osório adquire é incomensurável... É em todo o Exército, nos nacionais e nos estrangeiros, nos soldados e nos chefes.

O Conde d'Eu quando vai comandar, sente bem que não o pode fazer sem êle. Leva-o gravemente ferido e bem gravemente doente para os campos de batalha. Precisa de *seus conselhos* e de sua influência, da enorme fôrça moral que êle representa.

Este prestígio em nosso modo de vêr não pode ser somente obra da bravura. Bravos, tanto quanto êle, eram muitos: Caxias, Porto Alegre, Triunfo, Câmara, João Manuel e quantos outros... Em capacidade de ação não lhe ficava a dever Caxias. Mas Osório, além da bravura e da capacidade de ação, *do saber*, que também era comum a Caxias, possuía um espíri-

to vivo, atilado e irradiava uma simpatia, fruto de sua modéstia e de sua desambição, só a ele peculiar. O seu patriotismo tomava por tudo isto uma forma especial de dedicação e de predisposição ao sacrifício, que o faziam imponente.

Nas cartas que Osório escreve à esposa, do campo de batalha, raramente deixa de se referir a Caxias em termos amigos e respeitosos. Numa delas diz que o *Marquês anda tão agil como nunca o vira*. Noutras, que *anda tão ativo e forte também como nunca o vira*.

Numa delas, porém, de 6 de novembro de 1867, em que ainda faz referências desta ordem, denuncia uma certa máguia. Queixa-se de que este não mostra consideração por seu estado de saúde. Exigia-lhe serviços e dava-lhe missões como se ele fosse um homem sô. "A minha perna tem tido alternativas. escreve Osório; não gosta que eu ande a cavalo, porém, tenho persistido tratando-me neste campo da vanguarda. Não fui a Montevidéu, Buenos Aires ou Corrientes, tendo voltado ao teatro da guerra e trazendo ainda 4.600 patrícios, não tenho ânimo para os deixar". E depois, diz ainda: "O Marquês anda muito ativo e forte, nunca o vi assim, mas vendo-me (o grifo é nosso) tão doente nunca me ofereceu para tratar-me ao menos na retaguarda".

Tudo isto vai contribuindo para cavar um fosso entre ambos, tanto mais que *alguns chegam até*, o que é positivamente uma infâmia, a atribuir a Caxias a itenção macabra de eliminar Osório... E o trabalho sutil da intriga...

Outros factos vão surgindo, para produzirem efeito nefasto. Num banquete oferecido a Osório em 1868, ao par das manifestações de simpatia ao homenageado, aparecem as que são hostis à Caxias, dando bem idéia do ambiente que se havia formado.

Conta, um amigo de Fernando Osório, em carta que lhe escreve de Curuáití, em 29 de maio de 1868, assinando-se Thomaz, que o brinde levantado por Osório a Caxias fôra abafado por vivas ao nobre Visconde do Herval. "Portanto, diz o missivista, já vês que as ovações tocaram às inconveniências; e que, mesmo teu Pai, não gostou pr ser amigo íntimo do Marquês, etc."

Quando Caxias se retira da guerra, por doente e mal disposto pelas irritações da política e logo após a tomada das posições de Lopez no Piquiciri, dando-a por finda, não cometeu em nosso modo de vêr nenhum *erro crasso*. Não mostrou nenhuma incapacidade. Não cometeu nenhuma heresia técnica. De fato, a guerra estava *praticamente finda*.

Restava apenas liquidá-la. E poderia tê-lo sido pouco depois se com a sua partida houvesse o Exército caído nas mãos de um chefe energico e ativo que empreendesse logo a perseguição e a levasse a fundo. *Sans desemparer.*

Cometeu o Marquês, porém, com a sua declaração um ato que o espírito militar de Osório, não permitiria tivesse procedimento idêntico. Para êste, o inimigo nunca era dado por batido enquanto pudesse reagir. Jamais o desprezava. Quando sabe do que se passa, nega-lhe o seu concordo e prevê para a guerra a possibilidade de uma longa duração. E' o que se depreende da sua correspondência com o próprio Caxias, como se vê da carta que êste lhe escreve, em 14 de abril de 1869, e da que entretém com o Barão de Muritiba, em 15 dêsse mês, sobre sua volta ao Exército. Nesta diz textualmente: "As operações por agora serão impossíveis porque além de outras providências convém dar mobilidade ao Exército e o nosso amigo Duque de Caxias, convencido da conclusão da guerra, teve a infeliz lembrança de ordenar em janeiro, a diminuição da forragem, com o que desmoralizou e inutilizou a cavalaria". "*O inimigo, que ha de saber disto, ha de tentar, sem susto, as convenientes sortidas para moralizar-se*".

A matéria dêste trecho, que por si só marca profunda diferença entre as individualidades dos nossos dois insignes chefes militares, e que por certo mais favorece a Osório, refere-se Caxias na carta acima aludida :

"Diz-me V. excia. que os cavalos do Exército estão magros porque eu os deixei a meia ração de alfafa. Não creia nisso, pois logo depois de minha partida, e quando ainda estava em Montevideu, o Guilherme mandou me dizer que tinha aumentado a ração dos cavalos porque os pastos de roda de Assunção já estavam rapados. Felizmente estou livre dos tais co-

medores de alfaia, (o grifo é nosso) e creia meu amigo, que nunca mais cão noutra. Se não melhorar dos seus incômodos e quizer vir até aqui consultar os médicos ofereço-lhe a minha casa, que tem muito cômodo, e onde pode estar a vontade". etc. Termina a carta com o maior afeto. Não houve, portanto, até aí, nada ainda que os separasse...

Quando Osório lhe escreveu a 3 de abril que está resolvido a voltar para a guerra *para condescender* com os amigos, Caxias responde-lhe, em carta de 21 de maio: "Pois V. Excia. perdoe que lhe diga: Não conhece que nesse estado pouco ou nada poderá fazer, e que seu estado é melindroso? Lembre-se que é um pai de família e que neste mundo, se V. Excia. perder sua vida, que já tantas vezes arriscou pela Pátria, quem ha de realmente sentir é sua família. Os amigos, meu camarada, só pensam no que lhes convém no momento, e depois, quando muito, dizem que o Visconde do Herval era bom companheiro, mas que foi imprudente indo para a campanha sem estar em estado de poder com ela". Etc. "Estou lhe falando de coração e não com a cabeça". Etc.

Vê-se bem que até aí continuavam bons amigos e tanto mais quanto a correspondência de ambos nessa época mostra o interesse e o trabalho que despendiam juntos em prol das famílias dos bons camaradas vítimas da guerra.

Mas esse incidente que acentúa a diferença enorme em suas personalidades, tende a *agravar os motivos da separação*.

Osório é já o *legendário*. E ao voltar da guerra, seu nome domina tudo. Todo o Exército, tanto quanto a Nação, nas glórias da guerra, é a ele que vêm. As homenagens que se lhe prestam são únicas, singulares, exclusivas.

Os liberais aproveitam-se de tudo para atacar Caxias, que é conservador. Os conservadores procuram diminuir o entusiasmo que Osório desperta.

Isto dá lugar a que afinal consigam separá-los, com o incidente parlamentar provocado por Silveira da Mota, que força Caxias a explicações nem sempre em termos felizes, e permite a Zacarias, também liberal, e cujo Ministério cairá aparen-

temente em virtude da demissão de Caxias, a vingar-se atacando-o.

Em 9 de setembro de 1870, Silveira da Mota rebate insinuações conservadoras publicadas o Rio, menos airochas a Osório. Pronuncia no Senado um discurso defendendo-o, mas ao fazê-lo acusa Caxias de ser parcial, em relação a Osório, de procurar diminuir propositalmente nos documentos oficiais o papel que este representara em certas situações de guerra. Acusa-o ainda de responsável por não se ter tomado Humanitário mais cedo, dando ordem a Osório para se retirar de haver este já iniciado a conquista das trincheiras inimigas.

Os discursos de Silveira da Mota, impressos em folhetos, são remetidos a Osório, que anda pela campanha do Rio Grande e do Uruguai, refazendo sua saúde e cuidando de seus bens. Restaurando-se dos desgostos da guerra. Fazendo política.

Osório pressente que o acusam veladamente e então escreve uma carta a Silveira da Mota expondo minuciosamente os fatos tal qual se passaram, carta que o Senador por Goiás lê da Tribuna do Senado.

Não ha contradição entre o que Caxias diz e Osório narra. Mas os fatos se envenenam, e Caxias molesta-se com seu amigo.

Quando em 1877 Osório vem ao Rio para tomar parte no Senado para que fôra nomeado, os conservadores o atacam pelo seu jornal — o "Diário do Rio de Janeiro". Acusam-no de indisciplinado.

De novo revolvem as velhas questões. Volta Silveira da Mota às suas cargas e Zacarias aproveita a oportunidade para vingar-se de Caxias.

Osório é forçado a aceitar a situação. Lastima-se, por certo. Não retira a Caxias nem sua amizade nem seu respeito público.

Embora, em carta muito íntima, a seu filho Francisco, e certa época escreva expressões muito amargas contra Caxias, que denunciam já não acreditar muito na sua fidelidade, e em outra, endereçada ao Barão Homem de Melo, em 14 de setembro de 1870, época em que Silveira da Mota discursava no S-

nado contra Caxias, mostre quão separados se encontram de fato os dois grandes chefes, Osório ainda o respeita.

Esses são os únicos documentos de tal gênero que encontramos no seu arquivo, são denunciadores, porém, de uma separação profunda e de que o Marquês do Herval e o Duque de Caxias não eram mais o Osório e o Caxias, amigos de havia vinte anos passados.

Vemos também que se havia interposto entre ambos uma outra influência destruidora da sua respectiva amizade, além das divergências de orientação política, agora mais profundas e vivamente acentuadas. Eram os desgostos da situação de Caxias na Corte, depois do caso da nomeação do Comandante em Chefe para a guerra do Paraguai, quando dêsse pôsto se demitiu. Fôra o Conde d'Eu e levava consigo Osório. Fizeram-se amigos. Tomou ainda maior relêvo a figura de Osório, esmacecendo tôdas as outras. Os dois grandes chefes separam-se ainda mais.

Vê-se na carta de Osório a Homem de Melo, de 14 de setembro, que muitos descontentamentos se movem na sombra dos bastidores das altas redas poderosas... “O Sr. Conde d'Eu, refere êle, escreveu-me ao partir para a Europa. Não me comunica seus desgostos, porém, é certo que o Exército contava com a proteção dêle como prometeu solenemente, na sua primeira Ordem do Dia. Parece, porém, que o Governo atual conservador, do Marquês de Olinda, (esclarecemos nós) não é do país e sim manivelado pelo Sr. Caxias (os grifos são nossos) que não tem sentimento de benevolência e justiça para o Conde, e creio neste, sentimentos de justica e de modéstia, o que falta no seu adversário, que não tem dificuldade em faltar a verdade, etc. etc. Os fragmentos do nosso Exército rolam por êsse mundo e a fronteira fica desguarnecida quando sobre ela se debatem nossos vizinhos e perigam os interesses e pessoas brasileiros. Nada temos aprendido com o passado nem o presente garante melhor futuro”. (III)

(III) — Instituto Histórico — Coleção Homem de Melo — Lata 335 — Doc. 16.356.

Militando ambos na alta direção dos partidos antagônicos os êrros políticos cometidos pelo que estava no poder mais ainda os separavam, pois não era possível abstrair da influência que exerciam no Governo.

Não obstante tudo isto, quando Osório já era Senador e Ministro e volta a tratar das questões que os separam, ou se refere a Caxias, rende preitos de homenagem a seu ex-chefe, de quem se afirma ainda amigo, com evidente espontaneidade e sinceridade, embora dando a perceber ressentimento. Na sessão do Senado de 10 de fevereiro de 1879, Osório afirma sem nenhuma dificuldade: "Se esse general por cuja vida faço votos, na sua doença, esqueceu por um momento os abraços do amigo dedicado no perigo, não atribuo à sua vontade, nem à ingratidão; eu nunca soube senão respeitá-lo".

Mas a rutura fôra completa e definitiva por parte de Caxias. Nem mesmo parece ter-se tornado benevolente em face da morte. Nos funerais de Osório, cuja morte se deu a 4 de outubro de 1879, Caxias esteve totalmente ausente. Todavia este fato pode não ter significação alguma se refletirmos que o Duque, já também com sua saúde profundamente abalada, não tarda em seguir-no no caminho da eternidade. Menos de sete meses depois, de Osório, a 7 de maio de 1880, falece Caxias, desgostoso com tudo e com todos, principalmente com a ingratidão do Imperador, cujo trenó sustentara até o termo de sua vida, como faz bem notar Capistrano de Abreu: "Enquanto o Imperador andou por fora, montava guarda ao trono. A' sua chegada pediu para ser rendido, pois suas enfermidades não lhe permitiam mais tais serviços.

O modo por que o soberano exigiu a retirada "do resto do ministério" foi a afronta final. Desde então, não fez mais que vegetar. Mas a agonia lenta, que terminou na fazenda de Santa Mônica a 7 de maio de 1880, éle que assegurara ou verberara ser mais militar que político, quiz provar que ao menos uma vez podia ser mais político que militar: rejeitou todas as hon-

ras e pompas oficiais, quiz ser enterrado como obscuro paisano". (IV)

As máguas de Caxias eram, porém, respeitadas e justificadas, em todas as consciências. A descendência de Osório timbrou em manter-se fiel aos sentimentos do seu falecido chefe pelo seu ex-grande amigo.

Fernando Osório, filho mais velho do Marquês do Herval, recusa-se na Câmara, de que é membro, a fazer parte das comissões oficiais com que esta homenageia o Grande Duque, para que fique bem firmado o caráter pessoal em que vai comparecer às homenagens que se lhe prestam.

A rápida resenha que vimos de traçar das relações entre os dois maiores vultos de nossa história militar, refere-se a duas grandes personalidades enlaçadas na vida para o serviço da Pátria, como preocupação dominante de suas existências. A elas deve o Brasil serviços da mesma ordem e grandeza.

Mas um, Caxias, é a nobreza; o outro, Osório, é o povo. E só isto, na realidade os diferencia e separa. Mas ambos trabalharam para o mesmo fim, o bem da Pátria.

Surgem nas campanhas da independência, jovens ainda. Um combate no sul, nas campinas uruguaias, quando o outro, no norte, luta pela expulsão dos portugueses da Bahia. Um evolui no sul, nas lutas pela definição e fixação das fronteiras — é Osório. Outro progride o norte, nas lutas pela conservação da integridade do Império — é Caxias.

Ambos liquidam o processo da unidade do Brasil autônomo, trabalhando juntos pela terminação da guerra farroupilha.

Um, nobre de nascença, consciente da grandeza do Império, cujo esfacelamento não se dá talvez porque ele pôs ao serviço da Regência e do começo do Segundo Império sua espada invicta.

Outro, homem saído do povo, filho de quem fôra mero peão da estância de seu avô, enquanto isto se dá, labuta na fronteira, no cadiño fervente do problema político do Prata, para

que se firme a definição da periferia vacilante das nossas terras do sul.

Ambos trabalham juntos e afins para debelar a última coação intestina e concorrem para as vitórias do Brasil no Uruguai e em Caseros e, mais notadamente, no último estertor da disputa entre o antagonismo das influências luso-espanholas na América, que foi a guerra do Paraguai.

E em todo esse período, Osório, o mais moço, se nos afigura como que uma vanguarda de Caxias, mais velho, posta no local sensível e sempre pronta à defesa dos interesses supremos da Pátria, pelas armas.

Separavam-nos, porém, as suas origens e tendências. Quando ambos se nivelam os pincaros da influência nacional, essas tendências e origens tornam-se marcantes e os afastam, tanto mais rápida e fortemente quanto entram em jôgo os complexos das respectivas personalidades.

Dai o gráu de amor que despertam na tropa e no povo. "Caxias, diz Calogeras, simbolizava o sentimento patrício do Exército. Nele se resumiam os dias difíceis da fundação do Império e dos embates trágicos a bem da unidade nacional. Ele era o soldado do Brasil unc e imperial. Sempre vitorioso, concentrava em si o esforço indefeso e sem tréguas das gerações tôdas da Independência, do Primeiro Reinado, da Regência e do ciclo de Pedro II. Heróico, como o demonstrou notadamente em Itororó, generoso e vidente, amando a tropa e dela compreendido e admirado, não lhe era tão intimamente ligado quanto o gaúcho da Conceição do Arrôio, para o qual o Exército sentia afinidades mais fundas.

Ambos ídolos dos seus soldados. Mas Osório, plebeu e vindo da fileira, mas próximo estava da mentalidade e da psicologia da gente armada, essencialmente democrata e *frondeuse*. Enquanto que o Duque da Vitória se manifestava mais distante e condescendente com um matiz de superioridade de origem e formação técnica, no Marquês do Herval povoavam a consciência e o coração os mesmos sentimentos, anhelos e idéias que inspiravam a vida e a alma das populações guerreiras do Brasil". (V).

(V) — *Rea Nostra* — Osório! — Calogeras.

E havia mais, a fazer variar em favor de Osório a estima do povo. Caxias era monarquista conservador, solene e mages-tático, enquanto que Osório, liberal, só era monarquista por não crer na eficácia da República implantada prematuramente. Desprendido de cortesianismo, o povo só via ele um republicano nato, o homem de costumes simples.

De resto, terminado o principal papel histórico de ambos, a defesa militar do Império, o liberalismo de Osório, e suas tendências republicanas, fazem-no aceitar melhor pelas forças novas do progresso que vão surgindo, enquanto que Caxias vai permaecendo sómente como glória do passado.

Assim, já às portas da morte, ambos parecem separar-se... Vai uni-los, porém, a história.

E repara-se então que à vida de ambos deve o Brasil a sua integridade de nação autônoma, como um mesmo e enorme serviço que lhe prestaram, no qual se sintetiza toda a atividade de um e de outro.

Osório, o vanguarda-iro, já no fim de sua carreira, mantém-se fiel à missão histórica que foi a obra principal de Caxias, seu amigo e chefe, quando recusa chefiar a revolta que se preparava e cujo explodir só depende dele. A República não se fará prematuramente, com o seu concurso.

A recusa pronta e enérgica que dá às propostas que lhe fazem de um levante armado para a mudança do regime político, evita talvez o esfacelamento do Império.

Caxias e Osório devem ser tidos sempre irmanados no mesmo altar do culto cívico nacional. A glória militar de ambos é preciso juntar a importância do papel político que representaram, olhando-os como eram — um conservador, o outro liberal.

"Felizmente, o tempo acalmou as paixões e rivalidades, e permite unir no mesmo preito de veneração, de respeito e imorredouro reconhecimento, os dois grandes vultos de Caxias e de Osório, tão grandes ambos e por motivos análogos, que, continuam, mortos, a ser o paradigma de todos os verdadeiros soldados *sans peur et sans reproche*". (Calogeras — *Res Nostra*).

Osório, temos que confessá-lo, era essencialmente o vanguarda-iro, tanto na guerra como na paz.

UM BATALHÃO DO EXÉRCITO EM ITAJAÍ

Major EMANUEL DE ALMEIDA MORAES

Dedicado ao meu Batalhão (III 20.^o R.I.)

I

O LITORAL

O litoral do Estado de Santa Catarina merece ser visitado nos seus recantos mais pitorescos, pela beleza dos seus aspectos naturais. Se olharmos no mapa geográfico a faixa litoranea e particularmente a catarinense, concluiremos do tipo de costas, — recortada, — cheio de reentrancias acolhedoras, curvas onde se estendem praias belíssimas eterno colóquio amoroso com as ondas do mar. Os lençóis de areia, tão alvos, desenham as mais caprichosas curvas. E o mar é o eterno namorado da praia no seu constante marulhar.

De Norte a Sul, a Serra do ar que vem limitando o horizonte ocidental do marinheiro, nas terras de Anita Garibaldi, se engalana com contrafortes, sinuosidades admiraveis, rendando o céu com seus picos e colos graciosos. Enseadas cercadas por serras que avançam pelo mar, como se fossem cabos, salientes que se enfeitam com suas formas exóticas, dentre êsses sobressaca o promotório de Porto Belo em forma de cruz que protege a enseada de Tijucas.

Se palmilharmos ou sobrevoarmos essa faixa, completamos nossa observação vendo recôncavos como os de São Francisco, Itajaí, Imbituba, Laguna, onde os rios devolvem as águas do mar, ilhas como a de S. Francisco, e a montanhosa Santa Cata-

rina que balisam a crista exterior do extenso miradouro do Atlântico.

Aproveitam os favores da natureza, as cidades de S. Francisco, Itajaí, Camboriú, Tijucas, Porto Belo, Biguassú, Florianópolis, Imbituba, Tubarão, que se aproximam da plataforma continental oferecendo seus portos amigos.

Itajaí que chamam a Príncipeza do Vale, fica a margem direita do rio que fertiliza os municípios de Gaspar, Brusque, Blumenau, Indaial, Timbó, Itabira, Itaiópolis, Rio do Sul, Bom Retiro.

E' um caudal que se despенca do Serra do Mar, numa ilusão de que suas nascentes se aninharam na Serra Geral, que, nesse meridiano, também se afasta do Atlântico.

E' um rio curioso que tem suas cabeceiras no Norte Oeste e Sul, cujas águas, de bem alto, descem por seus três braços formadores.

Nas suas margens florescem cidades, vilas com muitas indústrias, onde se alteiam chaminés com muita fumaça, rodeadas de uma gente forte e laboriosa.

Os panoramas estão pontilhados de trechos que mostram uma eterna estação florida em que esses olhos não sabem o que mais admirar. A natureza auxilia a vontade do homem. E' um dos rios mais úteis à indústria pelo aproveitamento das cachoeiras que quebram a monotonia do seu curso.

As rodas dos moinhos não param de rodar, fornecendo a força motriz tão necessária à pequena indústria que se desenvolve cada vez mais em todo vale.

Suas encherias periódicas, trazem um volume d'água que multiplica a torrente que carrega toda sorte de vegetação, verdadeiras ilhas que são lançadas no oceano pela sua garganta estrangulada por obstáculos de pedras.

Impressiona, porque o rio se agiganta, briga com o mar, levando sua água barrenta muito longe, manchando o verde até a ponta de Cabeçudas.

Navegável na parte baixa do seu leito, entre a foz e a cidade de Blumenau, é aproveitado por um único vapor de roda

que prolonga o trilho da Estrada de Ferro Santa Catarina até o porto do Vale. As estradas de rodagem que correm paralelamente ao rio permitindo solução mais rápida para o transporte, indiretamente fazem esquecer o mais natural, mais prático, mais barato. As estradas devem completar o transporte fluvial.

II

A CIDADE

Itajaí é a primeira cidade para quem vai subir em busca das serras e a última para o viajante que procura o mar. Fundada por Antonio de Menezes Vasconcelos Drumond, no ano de 1819, deixou de pertencer ao município de Porto Belo no ano de 1860, quando festejou sua emancipação.

Nascida na embocadura do rio, serviu de base de partida para toda colonização do Vale que se abriu como por encanto. Itajaí teve seu progresso retardado por motivos alheios à vontade do seu povo.

A novel cidadesinha viu levas de imigrantes, colonos, subirem o rio, preferirem as ribeiras mais altas e se afastarem do mar em busca de melhores terras.

Dêsse modo floresceram Blumenau, Rio do Sul e outros municípios que têm suas receitas seguras pela produção industrial e agrícola. Para dar uma ideia dos primeiros anos da vida de Itajaí, transcrevo um trecho de um ilustre catarinense: "A receita total do primeiro semestre de 1860, elevou-se a soma de Cr\$ 366,00 e a despesa a Cr\$ 391,00 havendo portanto um deficit de Cr\$ 21,00 que o procurador arverado em caixa, levou a seu crédito. Este benemérito funcionário, que devia ter as suas economias para administrar cargo tão dispendioso, percebia 18% sobre a receita. Os outros empregados ganhavam: Secretário Cr\$ 24,00 mensais e 2% sobre a receita, fiscal da Vila e porteiro Cr\$ 8,00."

Hoje, Itajaí é bem diferente, depois de 85 anos.

O município tem 48.709 habitantes, distribuídos: Ilhota com 6.386, Luiz Alyes com 6.971, Penha com 7.541 e a sede

com 27.829. A renda pública ultrapassou de muito o milhão de cruzeiros.

A cidade tem uma forma exótica, não ha um polígoño com que se assemelhe. Construida sem um plano, cresceu seni uma ideia, entregue a vontade multiforme e heterogenea de cada um de seus municipes.

Cidade baixa, mais baixa que o nível do mar, apresenta um aspecto alagadiço, nos seus contornos onde a vegetação gramínea passa muito tempo debaixo dagua.

Nas fraldas dos morros que a circundam, os terrenos melhoram e dominam os pastos onde o gado vacum ajuda a sancar e os suinos com suas fuças imundas não pouparam fossas nem estradas.

O perímetro urbano é pequeno. As ruas são tortuosas e poucas são as retas apreciaveis. As duas vias principais: Hercílio Luz, Lauro Muller e um decâmetro da Felipe Schmidt frente ao Correio, são calçadas a paralelepípedo, sobre o terreno batido com areia. A maior praça é ajardinada, ha mesmo certo gôsto e fica por coincidencia no vertice de um angulo reto que as duas ruas formam, ao cortarem-se na Matriz da cidade.

As outras vias são verdadeiras estradas esburacadas, poeirrentas com o sol e lamacentas com a chuva, obrigando o transeunte a usar tamancos, mais próprio para o local do que galochas. O povo vai perdoando porque concorda com as dificuldades que são apresentadas: trânsito intenso de carroças, caminhões de carga pesadíssimos e ônibus intermunicipais e interestaduais.

A cidade estende seus arruamentos no outro lado do rio, onde ha uma praça com a Igreja, casas de comércio que dão vida ao falado bairro dos Navegantes. Lanchas a vapor fazem a ligação fluvial. A festa religiosa da Nossa Senhora dos Navegantes, no mês de Fevereiro, reúne todo povo que assiste um acontecimento singular, uma procissão fluvial. Embarcações alegres, cheias de gente, embandeiradas, milhares de devotos e santos, singram as águas do velho rio, num rito característico.

A construção do porto de Itajaí foi iniciada pela Cobrasil sob a fiscalização do governo federal. Ainda é uma promessa. Os navios da cabotagem atracam em trapiches muito fortes onde enchem e aliviam seus bojos.

Esses trapiches que somam a muitos, estão situados próximos das carreiras onde são construídas embarcações de madeira de muitas toneladas para viagens na costa. Essas construções interessantes, as instalações de base e de estaleiros navais, a formação do marinheiro, do operário, vaticinam para a gente de Santa Catarina, realizações de vulto no domínio do mar.

O Estado de Santa Catarina já deu muitos almirantes.

Há necessidade do porto, por onde se escorre a produção do Vale. Todos os dias, apesar da guerra, chegam e saem navios, até argentinos, que, por sinal são antigos, disformes e periodicamente trazem as novidades platinas. As estatísticas revelam uma curva ascendente na exportação.

Há sempre um saldo favorável sobre o que é importado.

E' um Estado feliz: produz, consome e exporta.

Itajaí, no seu perímetro urbano, conta com bons prédios. A Prefeitura, algumas casas comerciais e poucas habitações, dignas de boas cidades. Há pobreza de estilo e de construção. Talvez meia centena de residências confortáveis. A totalidade, construída há muitos anos passados, quando não pensavam em pavimentar as ruas, hoje dá a impressão ao viajante, de que todas estão enterradas. Há casas que traem seus construtores e seus proprietários, pelas manias de importação, como vemos em toda parte. A construção apresenta as características da ecologia da ribeira de Itajaí. Nas zonas mais afastadas, existem chácaras, plantações onde as moradas se espalham em pastos muito grandes. Algumas fazendas com boas residências mostram os bons hábitos dos donos.

Estabelecimentos comerciais, fábricas, usinas, distribuídos nos vários bairros, representam a vida da cidade. As indústrias de minerais não metálicos e metálicos, mecânico material e transporte elétrico, de madeira, mobiliário, de papel, couros e

peles, química, artefatos de tecidos (meias de lã), tecelagem de algodão, tecelagem e fiação de algodão, fósforos, vidro de sopro, estaleiros navais, oficinas mecânicas, sem falar em muitas outras de menor importância, que somam ao todo cento e sessenta e quatro estabelecimentos industriais, com tendência a aumentar cada vez mais, pelas exigências dos países vizinhos.

A diversificação e quantidade de produtos, o número de operários, a vida enfim da cidade, o seu intercâmbio com os municípios vizinhos, exigem transportes múltiplos e variados.

Os registros dos veículos na Prefeitura Municipal e na Inspetoria de Trânsito da Delegacia Regional de Polícia, acusam um número que deve ser mencionado: 118 e de força animada: 2.610.

Durante o dia, as ruas são percorridas em todos os sentidos por automóveis, caminhões pesados, carroças puxadas por todos os tipos de cavalos que sujam as ruas e dão trabalho aos socegados garis da limpeza pública.

Os caminhões são muitos e viajam para fora da cidade. A Empresa Auto-Viação Catarinense, de todas que trabalham pelo progresso do Estado, é a mais importante. Considero-a o termômetro comercial.

Com uma via ferrea pequena, com a navegação fluvial quasi nula, ela vai suprir as necessidades. Hoje parece que a sabotagem campeia nas suas oficinas.

A direção alienígena foi substituída, e, os problemas surgiram criando dificuldades. Lembro-me que, há anos passados, todos os funcionários eram atenciosos e solícitos.

Agentes, motoristas, despachantes esmeravam-se em servir bem, para agradar. Os ônibus eram limpos com o soalho encerado. Hoje - uma tristeza, impera a imundície e os desarranjos são contínuos.

Há o sabotador para fazer fracassar a direção indígena.

O espírito perverso do nazista está por traz, praguejando, soltando imprecações para que tudo rúa e se aniquile. Há o ferrabraz intitulado o melhor mecânico que não passa de um energúmeno e atrabiliário. É o papão da Empresa, chefe das

oficinas em Blumenau, que só fala alemão, exige que lhe falem alemão, tudo atraça e perturba com sua prepotência e sua petulância. É tido por todos os seus comparsas como o único, como se não houvesse quem o substituisse.

Não resta dúvida que é um nazista. A imundicie notada nos seus carros não é oriunda da falta de peças, é a ausência da boa vontade, é a ação do sabotador para deixar mal a direção indígena.

A Empresa deve ser assistida melhor pelos poderes públicos porque é o verdadeiro termômetro comercial.

Suas estatísticas são positivas. Se houvesse uma intervenção oficial, por algum tempo, talvez os transportes não sofressem tanto. Outra incongruência que ainda perdura é a da Estrada de Ferro de Santa Catarina que esteve quasi concluída e por pouco não foi inaugurada com a corrida festiva do primeiro trem.

Dois lustros já decorridos, ainda existem vestígios que se apagam aos poucos, com o desmoronamento das estações, cbras de arte e os aférros que se esboroam. Os trilhos foram arrancados e talvez removidos para as necessárias substituições em outros trechos mais importantes. Itajaí perdeu a oportunidade de dobrar suas comunicações pela imprevidência dos seus dirigentes.

Murmuram que as obras vão recomeçar e será em boa hora, para movimentar o porto.

III

O P O V O

Da população do município, destacam-se dois tipos diferentes: o homem do litoral e o do interir.

De um modo geral, o primeiro é fraco, de pequena estatura, mal nutrido. Dado à vida do mar, dedicando-se a pesca, não sabe consorciar suas atividades, trabalhando a terra que lhe podia dar verduras, legumes, necessários ao seu organismo carente de vitaminas.

Sub-alimentado, raquitico, paradoxalmente, habituou-se ao impaludismo, como se essa enfermidade fosse indispensável à vida. Milhares de famílias, não dão importância a esse flagelo que dizima centenas de pessoas. As crianças, são as que pagam maior tributo. Nas proximidades de Itajaí, em Camboriú é de espantar, o número de sepulturas de criancinhas no cemitério. Nascido no Pará, em pleno Vale Amazônico, onde o impaludismo seb todas as formas, e como se fosse uma imposição do meio, fatalidade para povoados inteiros, foi com surpresa que vi a malária no Sul do trópico do Capricornio, tão violenta e hostil. A agressividade toma vulto no verão, em pleno calor, quando os gravatás, como touças, ficam cheios dagua da chuva e favorecem a cultura dos terríveis anofeles.

O serviço da malária persevera certo de que seus métodos darão resultados positivos.

O trabalho educativo nesse setor deve ter prioridade. Educar para evitar a malária.

O homem do interior tem outro aspecto. Come carne, saboreia o leite e gosta de verduras, legumes e frutas. Lagos artificiais, tornam-se piscosos. É mais feliz. Vive todo o dia nas suas roças, nos pastos, plantando e tratando do gado. A mulher trabalha no campo e não esquece a casa que agrada pelos arranjos domésticos. Se é da serra, ainda é mais forte, menos afeito às industrias e mais campezino. Há um contraste entre esses grupos que é de natureza atávica que compete aos poderes públicos corrigir dentro das possibilidades, por uma ação inteligente e tenaz. A população de Itajaí é constituida desses dois tipos predominando o do litoral. Suas tendências pelo trabalho especializado são sensíveis.

O praiano aprendeu desde cedo a construir barquinhos para seus brinquedos, crescendo com eles, construindo-os cada vez maiores e hoje os estaleiros se multiplicam nas barrancas do Itajaí para dar barcos ao Brasil.

Se isso se passa próximo às praias, no vale e nas serras, as crianças represam as águas de um correio, construem seus pequenos moinhos e nos primeiros anos divertem-se com suas

fábricas de brinquedo, desde o monjolo até a miniatura de uma usina moderna. E as indústrias crescem, produzindo utilidades indispensáveis à vida. Só falta o olho clínico do estadista, do político para dar a essa gente condições de vida mais razoáveis, mais humana, mais elevada.

A colonização inicial foi boa, são indeleveis os traços marcantes da simbiose da terra e do homem.

A miscigenação criou um clima fértil para essas culturas. E mais dias, se houver perseverança todos esses problemas que pareciam insolúveis, terão um termo dentro das nossas realidades. O município de Itajaí é relativamente bem povoado. A sede, é bem procurada pela maior parte dos municípios. Ha cidades mais próximas dos seus limites que atraem as famílias para suas compras, seus divertimentos, como Brusque.

Itajaí tem sociedades culturais. O Centro de Cultura Itajaí é o testemunho de que o povo já sabe pensar e discernir. Tem uma biblioteca, a maior e talvez a única. Exerce grande influência pelo volume das obras consultadas.

E' o primeiro passo para a Biblioteca Pública, indispensável nos centros civilizados.

Duas organizações recreativas, a Sociedade Guarani, que está instalada no velho Teatro Guarani, e o Bloco dos XX. A primeira é muito antiga, reune as melhores famílias, já lançou a pedra fundamental da nova sede social.

A parte esportiva está entregue aos Clubes Náutico Mário Dias, Lauro Müller, os mais notáveis pelas suas realizações. Possuem campos próprios e o Mário construirá seu estádio que ha de honrar as tradições esportivas desta gente que mantém a preeminência da organização da Liga do Vale.

A cidade possui um cinema num prédio de construção recente, acanhado e sujo. Entrada e saídas apertadas, incapazes de impedir o descongestionamento por ocasião de um incêndio ou outro pânico qualquer. E' um caso de engenharia e de polícia. Outro prédio, muito maior que poderia oferecer mais conforto, mais segurança, está fechado, não pode funcionar por causa dos malditos monopólios. O povo que se conforma, é a lei.

Os restantes, cafés, principalmente êstes, não oferecem o prazer aos que o procuram. Seus proprietários deviam viajar e aprender a arte de agradar o comércio, para vender muito. A higiene continua a ser 80 % do êxito das casas dessa natureza.

Cidade em meio da jornada, devia possuir bons hoteis. Nesse particular, não ha o que comentar. Em Cabeçudas, 6 km do perímetro urbano, ha o Hotel Cabeçudas, na praia, procurado no verão pelos amigos do banho de mar. O seu proprietário, é o melhor hoteleiro do litoral, pessoa agradável que não teme os mais arriscados confrontos. E' profissional, nasceu na Austria, mas radicou-se no Brasil. E' progressista, seu hotel é o que reúne o que ha de melhor.

Itajaí é uma cidade onde todos gozam saúde. E' o resultado a que chegaram os médicos, apesar de tudo estar fóra dos eixos.

O povo não se queixa, vai vivendo sem agua, sem esgoto, esperando que o rio suba e encha as caixas do precioso líquido. Os reservatórios são pequenos e menor é a rede do encanamento. Prometeram agua e esgoto e o povo espera com a paciência de Job.

E' bom esperar, antes tarde do que nunca, diz o velho rião. Ha bairros que possuem farturas, ha lençóis de boa agua, próximos a superficie. Outros sofrem torturas, recorrem as pipas, aos carros tanques e as chuvas. Andaram a cata de outro manancial, mas o que adiata se não ha esperança de mudar nem de aumentar os canos ?

Todavia Itajaí, é uma cidade sadia.

Nas saídas do perímetro urbano, no caminho de Cabeçudas, nas fraldas do morro, debruçado sobre o saco da Fazenda ergue-se o único hospital. Com poucos leitos, fruto da boa vontade de alguns patriotas e médicos abnegados, o Hospital Santa Beatriz, vai servindo e roubando à morte milhares de vidas.

Os velhos não perambulam pelas ruas mendigando, são recolhidos ao asilo dos velhinhos.

A população infantil é numerosa. A partir dos oito anos o ensino é obrigatório. Os dirigentes do Estado compreenderam que o dever precípua da democracia é a educação.

Quem diz Democracia diz Educação. E' o primeiro contacto entre o povo e o Estado. Todo ensino deve ser público. Ha um milagre em Itajaí: só existe um estabelecimento particular, o Instituto S. José. Uma centena de estabelecimentos públicos de ensino, quarenta estaduais e sessenta municipais reunem todas as crianças em idade escolar. Os três grupos da cidade têm maiores encargos e as matrículas vão além de 2.000 alunos.

As crianças são lindas e vivas. Muitas lutam com mais dificuldades para comparecerem às aulas. Mais de metade anda descalça. Nesse hábito acompanham os adultos que preferem o pé nu sobre o chão. E' um costume que não deve ser aplaudido nem aprovado pelos inconvenientes. A criança precisa ser educada, aprender a vestir, à consumir as utilidades para suprir as suas necessidades.

O calçado é elegante, higiênico. Evita doenças e no futuro as imperfeições que tanto deprimem e recalcam.

A produção nacional de calçados no último ano, montou a 35 milhões de pares. Dos nossos 45 milhões de brasileiros, 10 milhões não conhecem o conforto e a beleza de um pé calçado. Quantas mulheres formosas, muito bem vestidas, têm a faceirice do pavão!

IV

ITAJAI E A GUERRA

Itajaí, hoje sofre como outros centros as mesmas perturbações trazidas pela guerra. Ha o racionamento, da carne e do açúcar. Se não fosse a experiência do amanho da terra, o aproveitamento das áreas em torno da casa para o cultivo das hortaliças, e das flores, haveria fome.

Se no verão ha falta de tudo, nas outras estações os mercados têm o que vender.

A terra é "dadiyosa e boa" devolve com juros o bom tratamento que lhe dão.

A carne e outros gêneros de primeira necessidade vão até ao câmbio negro. Muita gente continua com o peixe e farinha, não acredita nas vitaminas. Não há exemplos, nem estímulo, pela boa nutrição. Falta o trabalho persistente do administrados, do homem público, pela voz autorizada dos seus auxiliares técnicos. Falta a ação convincente dos médicos, dos agrônomos, até dos sacerdotes para instruir e educar.

Os dirigentes, esquecem os fundamentos da Política: economia, sociologia...

A grandeza do município repousa no valor, na capacidade realizadora dos seus munícipes.

Itajaí, ao irromper a guerra tinha as mesmas organizações culturais das outras cidades de colonização alemã.

Entre muitas conta com a Sociedade de Atiradores, com a de Ginástica, com a escola alemã, e não pôde fugir a regra porque parte da população descendente do mesmo tronco germânico.

E berço de um grande Ministro do Brasil: General Lauro Müller, que soube ser útil à nossa grande Pátria.

Foi uma das cidades de Santa Catarina mais procurada pelo agente perturbador alienígena que aqui veio dividir o povo, criar os preconceitos, inuteis a vida, e reviver nesta bonançosa terra a tragédia bíblica de Caim e Abel.

Situada na embocadura do rio, nas portas do Vale, onde se arregimentava a força nazista do Brasil era o meio ideal para o quinta-colunismo execrando, mas necessário para a vitória alemã do Atlântico Sul.

As praias foram infestadas pelos discípulos de Cabalar que informavam e procuravam traír, numa eterna repetição dos fatos dolorosos da história. Nossos navios eram tragados pelo mar sempre insaciável enquanto sincronizavam as manifestações de prazer das tripulações dos submarinos com as dos quintas cavilosos, nos hoteis dos balneários.

Não tardou o castigo. O Brasil seguiu sua política tradicional e declarou guerra a êsses tartufos, filhos do mal, que

foram concentrados no interior como elementos perturbadores. Todos, com raras exceções acusavam sua enfermidade: a neurose de Hitler que Ludwig explicou claramente ao fazer referências ao complexo nazista.

São Francisco foi outro porto que deu evasão a correspondência clandestina em larga escala. Werner Hofmann que recebeu a nomeação do partido para ser o governador nazista do Paraná, teve suas malas revistadas pela polícia que devia ter castigado o espião insolente.

Esses agentes antes de deixar o Brasil faziam suas viagens pelas colônias onde colhiam informações e reuniam os relatórios que seriam apresentados aos maiorais do partido nazista, talvez em Stutegart.

Por muito tempo Itajaí foi uma coletora dessa ação nefasta que descia do Oeste, das terras altas e ferteis.

No inicio da guerra foi tão completa que se fez sentir na produção que caiu. Os gêneros escasseiam e a grita foi geral.

O espírito do sabotador, o eterno inimigo que sempre agiu ardilosamente nos consulados e embaixadas trombeteou a palavra de ordem: produzir apenas o necessário para o consumo da família.

O povo no litoral sentiu os efeitos que foram duraduros. A vida encareceu numa percentagem inacreditável, e, os salários continuaram minguados, apezar da inflação.

Agravou-se a situação para os mais necessitados. A campanha submarina, a falta de navios, e de todos os transportes, criaram para Itajaí problemas dos mais sérios. A guerra estava no auge, as previsões eram sinistras com domínio do saliente africano pelo inimigo. Nessa situação abismal o governo resolreu ocupar o nosso litoral com forças do Exército, nos seus trechos mais interessantes às sondagens inimigas em busca do contacto ou talvez de futuras cabeças de praia.

Itajaí sempre olhou com simpatia para o município em cuja sede está acantonado um Batalhão do Exército. Um Batalhão quer dizer mais de setecentos homens que comem, bebem e uma insignificância de 3 milhões de cruzeiros todos os anos. E o dóbro da receita pública a arrecadar. Os Estados da Fe-

deração que contam com dezenas de Corpos, são favorecidos pela Logística que recorre as estatísticas e aos exames das futuras possibilidades e intenções para determinar a localização aí das unidades e seus recursos.

Itajaí desta vez cresceu de importância para reter uma unidade recentemente organizada.

As autoridades militares tiveram uma recepção notável que criou um ambiente favorável para a instalação do III/20º R.I. O governo municipal não sabia a princípio como alojar tanta gente. Parece que desse lado estava o maior interesse. Todos queriam colaborar, mas não haviam chegado a uma solução razoável. Meditaram, escolheram, pediram, e enfim concluíram que seriam necessários dez prédios :

para cinco alojamentos, para

- o Rancho
- a Enfermaria
- o Almoxarifado
- as baias, potreiros, invernadas
- a Escola Regimental
- o Pôsto de Comando.

Onde conseguir instalações tão grandes? A boa vontade do Prefeito Snr. Francisco de Almeida, da Associação Comercial e Banco Inco, altamente dirigidos pelo Snr. Genésio Miranda Lins, foi um "abre-te Sesamo" para o Major Carlos Luiz Guedes, Cmt. do III/20º R.I. que devia estacionar na embocadura do rio, para fazer a vigilância e fornecer a primeira cortina da defesa das nossas costas.

Alguns prédios cedidos deviam ser reparados, restaurados e outros construídos a partir dos alicerceis como aconteceu com o Ginásio da cidade. Indubitablemente, a guerra que tanta desgraça acumula para uns, não é tão má para outros. Zonas abandonadas, esquecidas, tornaram-se de grande importância. Fatos vividos em várias latitudes, confirmam essa veracidade. Nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, na fase da tensão política, quando o nordeste era o saliente cobiçado, foi feita certa preparação espiritual para que o povo do interior rece-

besse bem nossos soldados que iam acantonar na Chapada da Borborema pelos imperativos da defesa nacional. O pavor da população das regiões secas, era a falta da agua, a ausência do precioso líquido, sempre racionado e há séculos tão escasso.

Para milhares de homens, solípedes, motores, que bebem muita agua só um milagre: a chuva. Mas, chover no interior do Nordeste? Não reagiram e nem podia haver reação pelo espirito patriótico dos remanescentes dos Guararapes, mas houve o milagre: não faltou agua.

Na vetusta Bragança, cidade do litoral do Pará, na embaçadura do rio Caeté, houve um acontecimento semelhante. Muitos naufragos vitimas dos torpedeamentos já tinham pal-milhado as praias paraenses quando o 35º B.C. foi acantonar nas margens do Caeté.

O presente foi tão grande que não tinha onde aloja-lo, causando sérias perturbações na vida citadina.

A terapêutica aconselhada foi remover o mal desde que cessou a causa e Bragança perdeu a bela oportunidade de ter seu Batalhão. As duas cidades têm a mesma renda, mas Itajaí possui outro surto industrial enquanto Bragança tem maiores possibilidades na pecuária e agricultura.

Em Itajaí, foi diferente, todos formulavam o mesmo desejo, não havia discrepância, e hoje, dois anos depois, ainda temem perder a oportunidade. A boa vontade do povo criou um ambiente de excitamento cívico.

Um fato que talvez tenha passado desapercebido ao Estado foi um acontecimento inédito para um povo que viu a realização de um sonho. Itajaí não se empavesou, não agitou estandartes, não anunciou com clangores nem quebrou o ritmo de sua vida cotidiana.

Recebeu de braços abertos o III/20º R.I. que não se demorou em conquistar a simpatia de toda população pela sua disciplina exemplar.

As cinco sub-unidades do Batalhão acantonaram em bairros diferentes sem terem seus liames administrativos partidos pela assimetria reinante.

A 7.^a Cia. foi alojada no predio que destinaram ao ginásio, que muito tempo esteve nos seus alicerces pela incompreensão de nossos homens públicos que viram finalmente a oportunidade para acabá-lo. A construção foi animada pelo comércio local que forneceu recursos que facilitaram ao Major Carlos Luiz Guedes mostrar suas qualidades de engenheiro civil.

A 8.^a Cia. acantilhou em dois prédios, na Vila Operária. No primeiro funcionou o Grupo Lauro Müller, hoje tecnicamente instalado e no segundo um clube recreativo. A vida do bairro melhorou. A igreja e a praça, tiveram maior frequência. É um bairro pobre, que prima pela falta d'água, tão escassa que o banho é um dos problemas insolúveis.

O povo que gargareje, namorando as nuvens a espera de chuva.

A C.M. III. aninhou-se num dos recantos mais aprazíveis e pitorescos, sombrio e alegre, sob árvores frondosas e amigas, digno para a meditação filosófica.

Refúgio próximo desta pacata cidade, já foi muito frequentado nos tempos das nefandas atividades desnacionalisadoras. A antiga Sociedade de Atiradores, núcleo maléfico das organizações que se multiplicaram por muitos lustros por todo Sul, onde o agente perverso, há muitos anos plantou a semente do pan-germanismo, estava bem acomodada no ambiente balsâmico dos eucaliptos.

Possuía todas as instalações para o tiro ac alvo, o indefectível salão de dansas e outras dependências indispensáveis.

Reuniam-se para o tiro e aproveitavam para dar expansão à língua, cânticos e música alemã. Não resta dúvida que isso seria cabível no Norte onde não houvesse o complexo racial. Nas ribeiras em que a miscibilidade é fraca e há ambiente para culturas exóticas, não há cabimento para êsses atentados.

A experiência no trato dessas questões levou-me a acusar essas sociedades que representam muito da penetração alienígena pelos processos que adotam para agir. Mantinham de pé as tradições das suas correspondentes alemãs e algumas se excediam ao ponto de se organizarem militarmente em unidades constituidas. Na Cidade Sorriso, na formosa Curitiba, desco-

brimos suas atividades clandestinas que chegaram ao absurdo e a franca colaboração quinta-colunista. Por ocasião da nacionalização das sociedades, seus estatutos foram reformados e nuns deles estava a porta aberta para os reservistas do exército alemão.

O cavalo de Troia, que vem por todos os milênios, hoje é multiforme e tornou-se invisível. O pangermanismo é convincente, ele utilisa todas as armas desde a suprema delicadeza dos sons, a musicalidade das palavras, ao agressivo e deshumano rebentar das balas.

Ele assimila, reune, coordena, dirige e convence pelas formas ideias de sua cultura. Usa de todos os disfarces, estimula o mimetismo numa luta acirrada pela existência.

Descontinando o futuro, êsses esporos da trama pangermanista procuraram uma tábua de salvação, filiaram-se às sociedades de caça e pesca, procurando uma textura onde não possa ter seus designios descobertos.

Cabe aos responsáveis pelos nossos destinos a extirpação de todas essas células corruptas como uma solução radical.

A 9.^a Cia., coube um pardieiro grande onde funcionou uma usina de beneficiamento de algodão.

Construção de madeira, antiga, ocupa um quarteirão de uma das ruas mais abandonadas, onde as crateras são tantas que dão a impressão que essa via pública foi a mais castigada por um ataque de bombardeiros.

O P.E. III., Rancho não tiveram a mesma sorte, foram favorecidos porque ficaram em torno da 7.^a Cia.

O Pôsto de Comando ocupou um casarão de 3 pavimentos num clássico estilo importado da velha Germania.

Foi residência confortável, luxuosa para a cidade, família de gosto que tinha o conforto como norma do bem viver. Os portais e as portas são de madeira trabalhada, importadas da Alemanha.

Isso faz lembrar os clubes de tênis de Manaus. — para os ingleses — que mandavam buscar madeira na Europa para fôrros e outros acabamentos, no meio da maior reserva florestal do mundo, a exemplo da empreza britânica que construiu a es-

trada de ferro Madeira-Mamoré, cujos dormentes vieram da Eurásia.

V

UM BTL. E AS FÓRÇAS ANÍMICAS

Durante um ano a luta foi incessante para obter algo que se assemelhasse a nossas confortaveis casernas que exercem o duplo aspecto o Brasil de quartel e escola.

Nossa formação, exige do Exército esse trabalho que é aceito como um sagrado dever. E' a cooperação espontânea, valiosíssima, é a credencial mais humana que ele apresenta a toda Patria.

O oficial na sua suprema função de comandante é tambem esse educador que se assemelha ao verdadeiro mestre escola que não dispõe das horas de lazer, que multiplica seus instantes para orientar o ensino das letras e a aformosear a alma dos seus soldados. E' o cadiño onde são cristalizadas as amizades que se tornam imperecíveis, é a forja da massa humana que se caldeia para nunca mais esquecer seus deveres cívicos. O Exército é realmente, o maior agente catalítico no tempo de paz para exaltação das fórcas anímicas. A permuta constante dos homens que são devolvidos à sociedade, por outros conscritos que chegam carregados de ilusões, transmitem ao mundo exterior as emoções patrióticas necessárias ao ambiente em que as fórcas armadas vicejam.

São milhares de famílias que festejam a volta do filho querido, são lares que se esvaziam com a chamada ao serviço das armas. O povo já comprehende essa transfusão de sangue necessária a nacionalidade.

A harmonia que reina entre militares e civis desde os primeiros dias da chegada do Batalhão a Itajaí, foi condicionada para melhor o acantonamento de todas as sub-unidades e do comando da novel unidade. Destacamentos ocuparam trechos interessantes do litoral a espera do inimigo para reproduzir a façanha de Dourados e da expulsão dos bátavos que, em certa época ousaram dominar estas terras.

As populações pacíficas e ignorantes das nossas praias tinham no verde da farda dos soldados outra esperança: uma assistência efetiva que lhe viesse minorar seus sofrimentos. Era voz geral que a malária ia acabar. E' desolador o estado de miserabilidade dessa gente boa.

A nossa gloriosa Marinha de Guerra, certa vez, guiada por seus antecedentes, foi muito além das suas possibilidades, reuniu os pescadores, fundou colônias de pesca, cooperativas modelos com escolas, postos de saúde para "libertar, sanear, instruir, educar e defender o nosso boníssimo caboclo praiano" na feliz inspiração desse grande chefe que honra as tradições da nossa Armada, o ilustre comandante Frederico Villar. Sua ação dinâmica no Norte a bordo do cruzador José Bonifácio quando iniciou a nacionalização da pesca ficou gravada no coração do povo.

A ação do Btl., no litoral, dentro do quadro da missão recebida não permitia iniciar uma campanha educativa nesses moldes. Os problemas que se deparassesem, resolviamos, confiantes na nossa força construtiva e no nosso poder organizativo fecundo e perseverante. Temos perfeita consciência de que "precisamos povoar, trabalhar, educar, construir, formar riqueza, desenvolver a cultura, fortalecer a consciência nacional".

E' de surpreender o atraço em muitas partes das nossas costas onde a beleza e a prodigalidade não são tão avaros.

O homem parece que não quiz ficar na praia como caranguejo...

Frei Vicente do Salvado se tornasse a palmilhar essas plagas não saberia o que dizer.

Liautey, o grande chefe francês, conquistador de Marrocos soube se impor a um povo por uma exímia orientação política que seu grande biógrafo André Maurois chamou de "organização em marcha" e de "mancha de azeite".

O comportamento de uma Unidade do Exército no ambiente em que vive, é multiforme e parece a primeira vista complexo.

Fundamentando toda sua ação no campo, na ardua e intensa preparação para a guerra, não pode se eximir de atuar no meio, pela complementação da militância. Em uma cidade pequena, onde há tudo em proporções reduzidas, no inicio, um Batalhão vive, atua e é atuado, age e reage sob os imperativos do meio, agiganta-se, até impor-se como um elemento de ordem, de disciplina, quando se plasma nas duas concepções de Lautrey, animadas pelo esplendor intelectual de André Maurois, o esteta da arte de sublimar as existências bem vividas. Sua ação de presença influência em muito, todas as manifestações de cultura: escolas, centros cívicos, literários, recreativos, benfeiteiros, centros de saúde comerciais, industriais e agrícolas. Porque não falar nas famílias que se sentem mais amparadas, e agradecem com júbilo e tanta simpatia?

Hoje é difícil encontrar uma casa que não recebe a visita amistosa de um soldado.

Depois das atividades diárias do Corpo, as ruas ficam movimentadas. Os cafés são procurados pelos graduados e soldados que se distraem, palestrando com amigos. Nos passeios das esquinas, populares param, impedem o trânsito que não obedece regras pela falta de policiamento especializado.

A noite, na Avenida Hercílio Luz, nos jardins da Praça Vital Ramos, há uma verdadeira romaria, um vai e vem constante de noivos, namorados, casais alegres que povoam as principais artérias da cidade.

Nos bairros mais afastados, nas sombras das árvores e dos lampeões os arrulhos dos pombinhos, o gargarejo sob as sacadas mais altas, os arrufos sob caramachões floridos dos portões, emprestam a cidadesinha um quê de real e humano. Essa irrupção de vida elegante e mundana, custou a definir normas, esbarrou nos preconceitos arraigados aos costumes rígidos, e de clausura, que caracterizam o hábito das cidades fechadas ao amor. Domingo, as missas atraem e desde a madrugada as Igrejas, principalmente a Matriz, ficam repletas de devotos.

Platão o genial filósofo tinha razão ao afirmar bem alto da crença em Deus...

E por todo o dia o entusiasmo continua.

A tarde e a noite, o único cinema não repete as sessões porque tem seus espetáculos racionados, pelas aperturas das saídas que obrigam a massa humana a coluna por um, interminável, e preguiçosa.

A Prefeitura Municipal auxilia a manutenção do conjunto musical da cidade, formado por homens do trabalho, músicos reformados do Exército que, as vezes, dá maior animação às noites domingueiras, pelos seus acordes harmoniosos. Nos dias uteis, mal desponta a segunda-feira, as crianças, como passaros aos bandos, correm para as escolas. São, os tres estabelecimentos mais importantes, os mais procurados. Para êsses voam os enxames das abelinhas, dando uma nota alegre às primeiras horas do dia. Gostam dos soldados, fazem perguntas quando os encontram, marcham com êles e cantam suas canções guerreiras. Os oficiais costumam visitar os grupos e escolas, levando o estímulo e solidariedade aos mestres e carinhos as crianças, futuros cidadãos e soldados da Pátria. São dos sacerdócios semelhantes e o bom oficial no Brasil considera a escola primária como o vestíbulo dos nossos quartéis. Lembro-me que alguns meses depois de assumir o comando do Batalhão, conversei longamente com o Presidente do Centro Cultural de Itajaí sobre a possibilidade das reuniões nos salões desse sodalício dos nossos oficiais que não podem viver divorciados da convivencia intelectual. A militância nos impõe mais êsse prazer divio que é o culto das letras, da lingua que, no dizer de Bilac é a Pátria. Para testemunhar a admração e bôa vontade, o Batalhão ofereceu algumas obras dos nossos historiadores, sociologos, valiosos documentos da literatura indige. Todas as reuniões, tertúlias, os representantes do III/20.^º R. I. lá estão para ouvir, ávidos para aprender, estimular. Esse intercambio que deflue de muita persistência não é mais do que o progresso da "organização em marcha" que é animada, e, alcança outro setor educativo, em que o soldado se adapta, por ser da sua propria vida: e da educação física. Não é estranho a missão do Exército na formação física do homem. Nas nossas casernas, em todas as

paredes está estampada a divisa de Juvenal: "Men sana in corpore sano."

A experiência das ações dessa natureza, por vezes repetidas em várias altitudes e latitudes condicionou a planificação das atividades na síntese gradativa que o bom rendimento reificou.

Impunha-se em primeira mão concluir pela organização esportiva do Btl. que criaria o clima necessário para enquadrar na entidade esportiva do Vale a existência de um clube de futebol que representaria a cabeça de ponte para atrair a simpatia do meio esportivo.

Operação feliz, permitiu a ampliação do horizonte, esportivo que hoje dá margem as competições entre moços e moças, de voleibol, cestobol. Manhãs esportivas, desfiles, são estimulados pelos dirigentes e pelo povo na mais sadia compreensão de que êsses costumes que vêm de épocas dantânho são indispensáveis para a formação de um povo forte capaz de preservar a beleza da vida e as supremas delícias da paz.

DEODORO, O MAGNANIMO

Cel. FELÍCIO LIMA

"Deixai que eu pague o tributo
Que mais fala ao coração,
Águia sem rapacidade,
Grande herói sem ambição".

(*Tobias Barreto*)

São do domínio público o respeito e a admiração que o Marechal Deodoro da Fonseca consagrava a D. Pedro II.

Procurou, sem vacilação, evitar que o nosso venerando Imperador fosse vítima de algum desacato que o pudesse levar ao túmulo.

Dai a balela de que o querido Marechal se levantara do leito de dôr apenas para derribar o Ministério de 7 de Junho de 1889, o qual foi como um toque a reunir os conjurados contra o Império.

Muito significa a sua célebre frase: "Fui monarquista, isto é, amigo do Sr. D. Pedro de Alcântara; mas acima desse sentimento sempre coloquei minha Pátria; o que é natural, porque pela Pátria se sacrificam país, mulher, filhos, etc.". E sabe Deus o que se passava na sua alma nobre, sempre que figurava a pessoa venerável daquêle grande brasileiro! . . .

Conforme testemunho de quem privara com Deodoro e Floriano, êsses grandes militares constantemente se preocupavam com o nosso segundo Imperador. E ante a propaganda intensiva em prol dos princípios republicanos, que ia tomando um caráter agressivo, acordaram os dois Marechais no sentido de resguardar a pessoa daquêle eminente vulto da nossa Pátria.

Donde a nobreza de tão elevado sentimento de humanidade, fazendo com que Floriano transmitisse ao Visconde Ouro Preto, chefe do último gabinete monárquico, a seguinte epístola :

"Gabinete do Ajudante General.

Rio de Janeiro, 17 de Julho de 1889.
Confidencial.

Exmo. Sr. Dr. Chefe.

O nosso Imperador, bem que estimado e venerado, deve ser vigiado de perto por certo número de amigos de toda confiança que façam frustar todo e qualquer desacato.

Sei que V. Ex. tomará as medidas precisas; mas eu quizera secundá-lo com um pequeno mas forte contingente, que entender-se-á com as autoridades de serviço.

Se aceita esse concurso, peço que a começar de hoje remeta-me um bilhete de cadeira e duas entradas gerais todas as vezes que S.M. tenha de assistir a representações teatrais.

Com V. Ex. irá entender-se o meu delegado.

De V. Ex.
sempre m.^o velho e admr.

Floriano Peixoto".

Ante essa atitude, os propagandistas sentiram a grande força moral, quicá material, que era inflexível, e o prestígio que possuia o futuro Generalíssimo da República no seio de sua classe, fatores capazes de enfrentar a situação criada no longo decurso da existência do ideal democrático-liberal.

E, com a questão militar, o seu conceito já havia aumentado consideravelmente, tendo a sessão do Clube Militar, na histórica noite de 9 de Novembro, como que decidido em definitivo a sorte da Monarquia.

Bem o sentiu a imaginação popular, no seu sutil caleidoscópio, prevendo a auréola que faria futuramente sagrá-lo na alma imortal da nação. E' que a deificação cívica obedecera às exigências psicológicas de um povo que achara um grande líder para guiá-lo no seu fadado destino.

Ninguém ignora, aliás, que nos movimentos liberais em que se empenharam as classes armadas, Deodoro sempre esteve na vanguarda, conduzindo-as por veredas seguras em busca da liberdade.

Mas, apesar de seu louvável sentimentalismo, não olvidára jamais as palavras de Rui Barbosa, que um dia asseverou: "... Das idolatrias conhecidas na história da cegueira popular, nenhuma é menos sensata que a das formas de governo. Acima destas, porém, está a felicidade da Pátria. Mas, acima da Pátria, ainda há alguma coisa: a liberdade...".

E no esplendor emocional de sua existência, via a liberdade como única expressão da beleza integrada na iscromia, no ritmo crescente e fecundo da palpitação da alma popular e não como ampliação sem horizontes cívicos.

Assim, impelido gostosamente num momento decisivo pela fatalidade inexorável de seu destino, procurou erguer acima de sua vontade os princípios por que se batiam os republicanos históricos, para afirmar à posteridade o espírito de uma época de agitação, onde as virtudes cívicas de um povo predominaram. Sim, porque uma ideologia não passa da mística evocada para justificar as razões políticas das revoluções, na implantação ética do ideal que encerra, dissimulando o seu objetivo real até a hora do triunfo.

Dai considerar a coletividade como super-estrutura orgânica, colocando o Estado dentro dos limites menos ortodoxos e como fator dinâmico e psicológico, acima do indivíduo — "elemento isolado e egocêntrico", tudo de acordo com as necessidades nacionais e na ânsia de realizar o poder e a grandeza da Nação.

Sentindo que, com o afastamento do nosso venerando Imperador, a sua substituição traria uma fatal solução de conti-

nuidade para o país, desagregando-o e levando à ruina o espírito nacional, tomou o gládio que os propagandistas da República lhe arremessaram, evitando que a unidade do Brasil perdesse.

Eis porque, abandonando os escrúpulos de sua consciência e sobre as forças dispersivas que poderiam perielitar a solidez do novo regime, fez prevalecer o princípio da ordem — drástico e disciplinador — que bem encarnou naquele momento decisivo, quando gritou, à frente da tropa vacilante: “Viva a República !”

E no tradicional Campo de Santana, na memorável jornada de 15 de Novembro de 1889, com a espada gloriosa de Deodoro e o valor de seu prestígio no seio das classes armadas, consorciadas com o povo, foi proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil.

Coroando o êxito revolucionário, na esplêndida aurora desse dia cheio de luz, viu o impávido patriota, deslumbrado, a atuação do grande propagandista José do Patrocínio que, à semelhança de Moisés que no deserto, tocando no rochedo, fez jorrar a água, das sacadas da Câmara Municipal, num leve aceno cívico, fez brotar do coração dos brasileiros os sentimentos liberais em prol da República, tornando-se em apoteose a manifestação que realizou o povo ao fundador das novas instituições políticas.

José do Patrocínio, naquela hora solene, como que dominou completamente a situação, fazendo lembrar na história a posição de Helena, pela qual lutaram os heróis de Homero.

Deodoro, todavia, não deixava de detestar os destruidores do Império, como acontecia com Silveira Martins quando o Partido Liberal estava no ostracismo. Mas admirava os monarquistas da têmpera de um Visconde do Rio Branco, que governou avisadamente o Brasil em condições políticas, financeiras e militares às vezes bem críticas, nunca deixando descoberta a pessoa do Imperador, tornando-se um modelo de homem de Estado.

Para o querido Marechal, o caráter era o grande fecundador das capacidades humanas, como o fiel servo da parábola de Jesus, fazendo selecionar as almas que lhe eram confiadas.

Considerava a baixeza um processo indecoroso de subir e engrandecer, em que se torna crime a independência pessoal; ela lhe fazia lembrar a célebre tragédia de Shakespeare, onde o famoso dramaturgo inglês retratou a figura de Polônio, o dedicado servidor de Hamlet, a mais perfeita encarnação do adulador, que é como certos insetos, que tomam a cõr do folhagem em que se ocultam!

Na força sugestiva da grandeza de sua imaculada alma e na alma e na agudeza de seus sentimentos quando no poder, em vão os politiqueiros procuraram desviá-lo de seu dever militar, que era como um polo magnético, atraindo os seus camaradas. E numa renúncia admirável ficou com as suas convicções, oriundas de notáveis sentimentos altruísticos.

Abnegado ao seu povo, passará à posteridade como um paradigma de coragem e de discernimento.

Procurou evitar que o povo fosse explorado na sua fé cívica, obedecendo aos que lhe ofereciam a ilusão de um futuro venturoso, cujo derrotismo haveria fatalmente de atingir a sua alma na carência de unidade nacional e de sentimento de responsabilidade, numa ocasião em que estava em jogo o destino da Nação.

Eis porque as suas cás se tornavam cada vez mais acentuadas pelo sofrimento marcante e as rugas se aprofundavam como baixos-relevos, em consequência do martírio da lembrança do futuro da terra que adorava.

O drama de uma luta inevitável, que surgiria inexoravelmente como eclosão de uma força oculta e perigosa, ficou fora da órbita de sua aspiração e de seu sentimento estético, estendendo antes um ramo de oliveira à sua Pátria, para evitar a possibilidade que permitiria à democracia brasileira marchar para o túmulo, cantando lugub्रemente o seu "De profundis", na tortura acústica da guerra civil.

Sabia que a tragédia só tem significação lógica para um povo, quando ela é a expressão emocional de sua alma. E as-

sim, eternizando no espaço e no tempo o milagre da transformação de um gênio impulsivo em benefício do sóssego público, projetou-se na imortalidade.

No holocausto de seu sagrado pôsto, que é bem a santificação de um novo calvário, ali está o seu esquife de herói; incompreendido por quantos, devido às paixões políticas e ao desespere de uma sensibilidade moral duvidosa, não perceberam a fé no ideal do grande brasileiro, embora tardiamente reconhecendo o êrro e a culpa, na loucura da ambição sem par que alimentaram — ignomínia indelével do coração humano, epitáfio de uma época que passou tristemente.

E o povo, que não esquece os beneméritos da Pátria, erguendo-o no pedestal que se transformou num sacrário da Nação, réviverá eternamente a sua grata memória, que ressurge cada vez mais viva, raiando assim o sol de um nevo dia para iluminar a noite escura de seu martírio moral, quando mostrou que a vida vale menos que a renúncia de um áureo prestígio do poder.

O gesto admirável de Deodoro é um patrimônio moral altamente patriótico, pois neutralizou os oportunistas que na voragem insaciável da ambição procuravam ensanguentar a nossa Pátria.

O Generalíssimo, enfim, foi de uma tenacidade espartana e, fervoroso nas suas idéias, preocupou-se, sobretudo, com a prosperidade de seu povo e o destino do Brasil; daí, haver criado para a eternidade o título de "Deodoro, o Magnânimo".

Eis a homenagem que prestamos na passagem de mais um dia do seu auspicioso natal, neste mês de Agosto duplamente glorioso . . .

O Serviço de Informações no Regimento de Cavalaria

D. C. C. — Cap. Cav.

Nestes dias, em que o progresso da técnica moderna nos empolga ao dirigirmos nossa atenção para o espetáculo grandioso que nos oferecem a motorização e, a mecanização, é oportunuo, quiçá necessário, dispensem um especial cuidado à nossa Cavalaria, da qual muito havemos de exigir ainda.

Atentemos ao espaço e, ao tempo; o cavalo, como "arma" subsiste, dêle não podemos prescindir sempre que nossas cogitações forem racional e, prudentemente dirigidas para os fatos que se ligam ao ato da guerra.

Estamos, indubitavelmente, ante o perigo característico da fase de transição; ainda não é chegada a hora do advento do motôr.

Nossa *Arma* tem uma tradição a honrar; firmados em nossa mentalidade estão os reflexos de uma instrução que nos desenvolveram a vivacidade, a coragem física e moral, a fidelidade na apreensão dos fatos, a presteza no tomar e modificar decisões.

Asseguremos, pois, à nossa *Arma* a conservação de seu justo valôr.

A improvisação é caracterizada por um certo gráu de imperfeição, quando se chega de fato a improvisar.

A *Cavalaria* não é improvisável e seu maior inimigo, todos o conhecemos, "é o chefe que não a sabe empregar".

Seu equipamento e a perícia de seus homens no emprego das armas são fatores decisivos de sua eficiência.

Camaradas, bem recente a alentar-nos está o exemplo da Cavalaria polonêza, desapareceu sem que causasse o menor dano ao inimigo.

Estas foram as reflexões iniciais ao concatenar o que se segue.

— x —

A coordenação de esforços exige que cada elemento saiba *quais* as ações que deve desempenhar e, *como* executá-las.

Vejamos, pois, o que compete ao Oficial de Informações no Regimento de Cavalaria e, o modo pelo qual ele dá cumprimento às suas obrigações.

Tencionamos aqui, elaborar uma *diretriz de ação* simples, fiel às prescrições regulamentares, útil aos companheiros de arma; toda fantasia e todo o requinte teórico, aqui não têm lugar.

O Oficial de Informações é um — adjunto — à disposição do Coronel, é o único responsável pelo S. I. no seu Regimento.

E' no Esq. Extra que o Regimento conta com os seus órgãos de — vida — e seus órgãos de — comando.

O Pelotão de Comando tem papel de relevância em qualquer situação da vida em campanha e, no combate; da coordenação de esforços entre os oficiais de Transmissões e de Informações, resulta o maior benefício para o conjunto.

Coordenação de esforços quer dizer — *Ligaçao*.

De um modo geral, qual a finalidade a atingir, quando procuramos estabelecer as ligações?

R.E.C.C. Título VII Cap. I Art. I

Em que consistem as ligações:

— para o Comando?

R.E.C.C. idem

— para os escalões subordinados?

R.E.C.C. idem

— para todo o comandante de unidade, para cada Arma, para todo chefe de Serviço (formações regimentais de Serviço).

R.E.C.C. idem

Quais as necessidades de Ligações dos Regimentos de Cavalaria?

São:

- dos R.C.I. — com as Brigadas
- com os Esquadrões
- com os elementos subordinados
- com a Artilharia de apôio
- com a Aviação (eventualmente)
- com as unidades vizinhas
- com observatórios
- com os trens
- dos R.C.D. — com a D.I.

Esta necessidade exigirá freqüentemente que o Comandante das Transmissões da D.I. dote o R.C.D. de meios suplementares fornecidos pela Cia. de Transmissões.

ATRIBUIÇÕES DO OF. DE INFORMAÇÕES

Vêr as Instruções Provisórias para o Serviço de Informações em campanha nos corpos de trópa de Infantaria e Cavalaria.

O Oficial de Informações age sob a autoridade do Coronel, por iniciativa própria e, mediante ordens ou diretivas do próprio Coronel, ou das unidades superiores.

Compéte ao Oficial de Informações:

- a) — precisar claramente as informações necessárias pelo estabelecimento de ordens, ou de instruções;
- b) — organizar a busca de informações, por meio de ordens ou informações precisas e numerosas, enviadas aos diversos elementos de informação;
- c) — interpretar as informações e fazer uma síntese das mesmas;
- d) — difundir as informações, transmitindo-as aos que necessitam conhecê-las.

Encaremos a situação do Oficial de Informações como responsável pelo S.I., em ocasiões características, em cada uma das quais sua ação se desenvolve da maneira que lhe é própria e que são:

- 1) — durante as marchas;
- 2) — a partir do momento em que a Vg. inicia a tomada de contato;
- 3) — logo que o Regimento se detém.

No primeiro caso, o pessoal de Informações poderá seguir na vanguarda, junto ao Coronel, ou com os elementos mais avançados da vanguarda para melhor observar. Sua ação é restrita: a observação aérea, em regra, é a principal tarefa. O trabalho do Oficial de Informações, no caso em apreço, consistirá na reunião dos assuntos de seu Relatório (de qual trataremos adiante).

— x —

No segundo caso, o Oficial de Informações deve realizar o seguinte:

- instalação de um observatório, pelo menos, suficientemente avançado de onde possa, ele próprio, observar o máximo o seu quartelão;
- manutenção permanente do contato com o Oficial de Transmissões, afim de garantir a transmissão "em tempo útil" das informações. (1)
- providenciar o estabelecimento rápido das ligações imprescindíveis.

NOTA:

O fator *tempo*, neste caso, merece um cuidado especial, a ordem natural da sucessão dos fatos oferece um entrozamento perfeito quando cada elemento cumpre o que lhe compete; ao oficial de Informações compete:

- ir ao encontro das informações;
- interpretá-las;
- difundi-las.

Pois bem, desde a tomada de contato pela Vg. até engajamento a pé pelos Esquadrões escôa-se um tempo precioso; é o tempo de *ação* do Of. de Informações, ele deve procurar saber o máximo a respeito do terreno e do inimigo.

Cumpre aproveitar este tempo.

— x —

Passemos ao terceiro caso, isto é, logo que o Regimento se detem.

- assegurar a organização judiciosa da observação; verificar si as ligações entre os observatórios e o P.C. se acham convenientemente estabelecidas (2);
- assegurar, durante a noite, a ocupação dos observatórios que sejam difíceis de ocupar durante o dia;
- verificar se foi estabelecida ligação com as unidades vizinhas.

As "Instruções" determinam ainda as seguintes tarefas:

- examinar os documentos deixados pelo inimigo e remete-los à autoridade superior;
- assegurar a identificação, classificação, interrogatório sumário e, remessa de prisioneiros;
- elaborar o relatório diário, no qual passa em revista a sucessão dos acontecimentos do dia, no intuito de sanar as faltas de organização ou de execução, por ventura verificadas;
- fazer uma síntese verbal do serviço realizado na presença do Comandante do Regimento, comunicando-lhe seus pensamentos e, sua impressão geral sobre os acontecimentos da jornada, apresentando-lhe as sugestões necessárias;
- redigir as ordens para a busca de informações no dia imediato, depois de receber do Coronel todas as ordens ou instruções a respeito;

- dar ciência do seu relatório à unidade superior (por telefone, ou outro meio de transmissão);
- remeter o Relatório à autoridade superior, lôgo que possível.

Vejamos agora *como* dar cumprimento às missões que vimos de expôr.

Seja a primeira dêlas:

- precisar claramente as informações necessárias.

Ora, quais são estas "informações necessárias"?

Não poderemos particularizar, o raciocínio nos dirá, segundo o caso, mas, quaisquer que sejam, podem ser grupadas em duas categorias:

- informações pedidas pelo escalão superior;
- informações necessárias às decisões do Coronel Comandante.

As primeiras constarão das ordens, ou instruções recebidas da unidade superior; as segundas deverão ser tais que, em qualquer caso exclareça o Comandante quanto:

- ao inimigo
- ao terreno.

Quais as informações que o Of. de Informações deve colher afim de que o Comando possa têm ideia do inimigo e, do terreno?

São as seguintes:

- 1º) a frente ocupada pelo inimigo (os elementos em contato determinam esta frente; o Oficial de Informações assinala-a na carta, ou confaciona um croquis);
- 2º) natureza e valor das forças adversárias, sua reparição no terreno, localização dos P.C.;
- 3º) Tropas em contato:
 - seus meios
 - colocação dos órgãos de fogo
 - dispositivo
 - substituições
 - atitude
 - atividade das metralhadoras e engenhos.

Estas informações, está claro, só pôdem ser colhidas no desenrolar da ação e, à medida que o inimigo se revela pelo emprego de seus meios; o Oficial de Informações vai decebendo estes dados para serem transmitidos *em tempo útil* pelo Oficial das Transmissões.

4º) Artilharia:

- natureza dos tiros, baterias assinaladas, duração e direção dos tiros;

5º) Aviação:

- atividade, pontos bombardeados, espécies de aviões empregados.

6º) Organização do terreno:

- assinalar as destruições, os locais dos observatórios, as defesas acessórias;

7º) Sinais:

- sua natureza e significação.

Verificamos que, em todo caso, cumpre conhecer o inimigo e, o terreno. A situação do momento indicará de que se trata saber; o Oficial de Informações não procurará as informações segundo uma ordem arbitrária de sucessão, muito ao contrário, empregará seu raciocínio e sentirá a *ordem de urgência*.

A Cavalaria cabe o primeiro contato com o inimigo, o Serviço de Informações Regimental é o último escalão do S.I. Que conclusão tiramos destes fatos?

Outra não poderá ser, sinão a de que o papel do Oficial de Informações de Cavalaria é de maior responsabilidade que o dos Of. de Inf. das outras Armas.

Encaremos a segunda tarefa:

Organizar a busca de Informações

De que meios dispõe o Of. de Informações para a busca de informações?

Ele dispõe:

- dos elementos de segurança em marcha e em estação);
- de todos os elementos que tomam parte na ação;

- dos elementos especializados (observadores) cada um deles pode fornecer determinadas informações.

Dos *observatórios* podemos colher informações oriundas de sua *vigilância* e, de sua *observação*.

Por seu intermédio saberemos:

- a colocação dos elementos avançados durante o combate (lado amigo);
- a situação do inimigo na zona mais próxima;
- situação das Baterias, sua direção, durante a noite e outras informações.

Os elementos que tomam parte no combate, nos dão a frente ocupada pelo inimigo.

As patrulhas (*observação móvel*) nos darão informações sobre determinados pontos do terreno e outras que fogem à ação dos observatórios.

Emfim, cumpre "coordenar os esforços", pedindo a cada órgão aquilo que ele possa produzir, de acordo com sua natureza.

E' mistér habilidade e critério.

Há ainda como meios de Informações o "prisioneiro" e os documentos apreendidos.

Não nos deteremos muito sobre estes elementos.

Não se retêm prisioneiros no escalão Regimento; quando os houver, o Oficial de Informações comunica ao escalão superior, seu número, suas unidades, local e hora da captura.

Pelo Of. de Infirmeiros são ligeiramente interrogados, quando ainda emocionados e, em separado.

Em seguida são grupados e enviados ao escalão superior, depois de revistados.

No escalão Regimento, interessa saber do prisioneiro:

- organização do terreno deante do quartelão;
- localização dos P. C., observatórios etc.;

— existência de unidades de "carros", engenhos anti-carros, Artilharia, horas de substituição e de alimentação.

As informações redigidas pelo Of. Inf. terão o seguinte cabeçalho:

..... Regimento de Cavalaria Divisionária (Ind.)
Para conduzir ao Centro de Reunião Divisionária da
..... Divisão, em de pelo
seguinte intermediário

Logar, data, hora

Of. Inf. R.C.D. (I.)
A) Ten. X

— x —

Quanto a "documentos" sejam eles oriundos de prisioneiros, de feridos ou de mortos, não têm os corpos de trópa recursos para seu estudo. A conduta a seguir é remete-los à 2ª Secção do E.M. da Grande Unidade a que pertence o Regimento.

Finalmente — interpretar as Informações e fazer uma síntese das mesmas é tarefa que não teremos a veleidade de pretender explicar; — difundir as informações — é trabalho dependente do Oficial das Transmissões, que sabe como explorar os diferentes agentes e processos de acordo com a situação do momento.

Dentre desta ordem de ideias estaremos cumprindo um serviço indispensável, cuja relevância cada vez mais é reconhecida por todos nós.

Relativamente ao recrutamento do pessoal especializado podemos afirmar que, é um problema importantíssimo e que ainda carece ser meditado mais detidamente.

ACABA DE APARECER:

A Arte de Guerra, de Frederico, o Grande

II volume da Biblioteca Clássica de Cultura Militar,
dirigida pelo Cel. J. B. Magalhães

* * *

*Conhecer o que foi, para poder compreender o que é,
e prever o que poderá ser a guerra no futuro, eis o método
a seguir na formação da cultura profissional do oficial
moderno. A leitura das obras desta Biblioteca interessa,
portanto, a todos os oficiais.*

* * *

Pedidos à Biblioteca de "A Defesa Nacional".

Preço : encadernado Cr\$ 35,00
brochado... Cr\$ 25,00

* * *

Caixa Postal 32, Ministério da Guerra, Rio de Janeiro,
ou, por reembolso postal.

* * *

Nota : — Existem poucos exemplares do Volume I :
A Arte da Guerra, de Maquiavel.

RUDOLF KJELLEN E A GEOPOLÍTICA ALEMÃ

ORLANDO M. CARVALHO

Geopolítica, a nova mística de que se servem os alemães para justificar a sua atual política de força, é o resultado de muitas correntes de pensamento imperialista, velhas na Alemanha de pelo menos 150 anos, mas renovadas e rejuvenescidas sob a influência de doutrinas mais recentes.

Uma dessas sistematizações que concorreram para reforçar a convicção alemã de dominar o mundo foi a teoria organicista do Estado, a qual representa um esforço feito para formular leis de caráter científico-natural, capazes de enquadrar o Estado em todas as suas manifestações.

Assimilando o Estado a um organismo biológico, dá-lhe ela o caráter de ser vivo, com unidade específica, a modo de animal ou de planta. Os indivíduos dentro dele seriam como células do super-organismo. Esta nova entidade, criada por força de uma analogia elementar entre o mundo do espírito e o da natureza, passa por fases de vida como os componentes do mundo naturalista: nasce, cresce e morre, de acordo com as leis que governam o crescimento e a morte dos organismos naturais individuais.

Alguns organicistas não trepidaram mesmo em levar a analogia ao extremo de determinar o sexo do Estado, que, para o clássico Bluntschli, devia ser varão. Como a Igreja é mulher, concluía o famoso publicista suíço-alemão que a Igreja deveria estar subordinada ao Estado, como tradicionalmente se dá nas relações entre o homem e a mulher.

Conclusões deste gênero evidenciam desde logo o teor ético-político das falsas analogias organicistas. A atribuição da

natureza de *órgão vivo* ao Estado visava, antes de tudo, um determinado fim político, que seria a justificação, ora da supremacia do Estado sobre a Igreja; ora da subordinação total do indivíduo ao governo, como a célula depende completamente do organismo; ora, enfim, do aumento do Estado em território, em população ou em poder, como natural desenvolvimento orgânico cu resultado de domínio do mais forte, na luta pela existência, uma vez que a doutrina não é mais do que um corolário da teoria darwiniana da evolução.

A esta doutrina, que gozou, em certo momento, de invejável popularidade, havendo estudos organicistas em todas as línguas europeias, filiou-se o sociólogo sueco Rudolf Kjellen, (1) falecido há 20 anos atrás, cujas idéias estão agora em moda no Terceiro Reich Alemão.

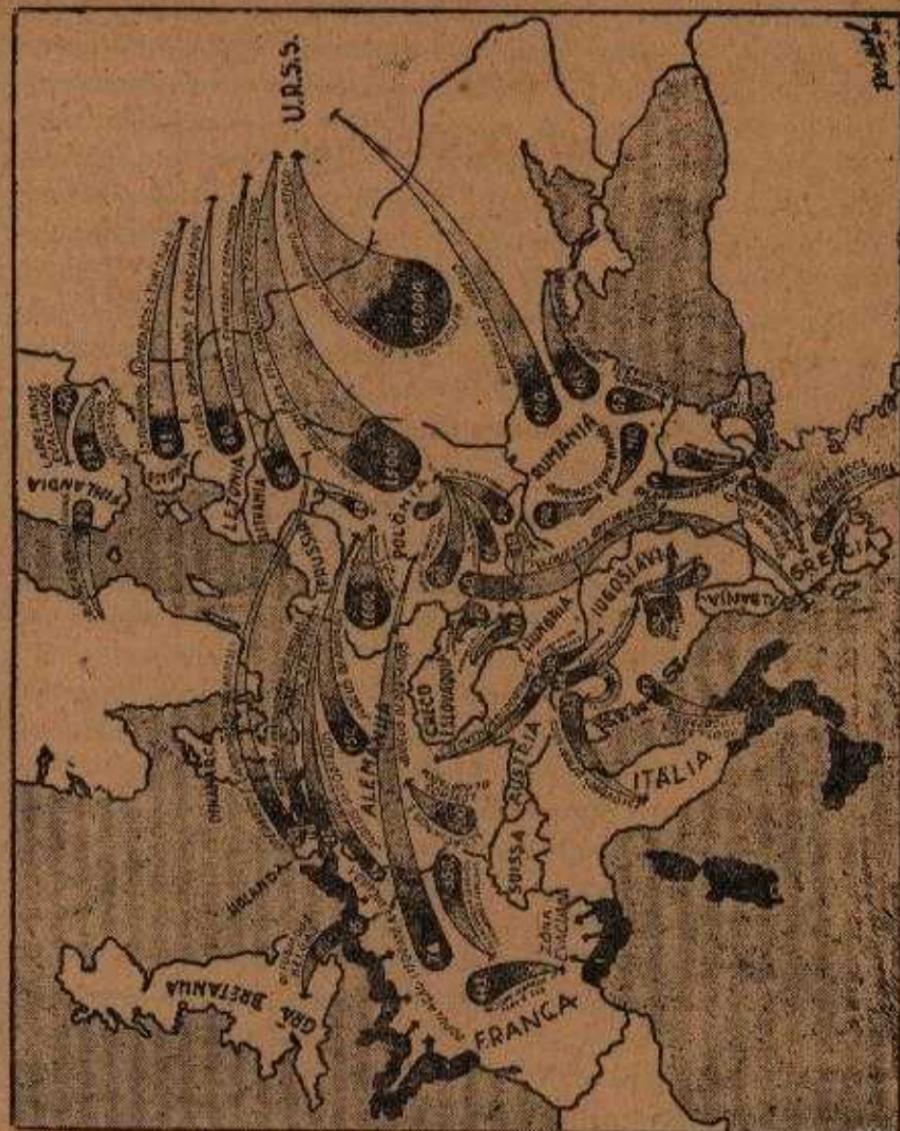
Kjellen defendia a tese de que há uma íntima conexão entre o espaço e o destino da população que o habita, acentuando de forma indiscutível a importância dos fatores geográficos na vida das nações. Servindo-se de conhecidas noções antropogeográficas de Ratzel, concebia o Estado, não só como um organismo, dotado de personalidade física e de diferenciação sexual (John Bull, Tio Sam, Marianne), como também acentuava a possibilidade de Estados de maior força aumentarem o próprio território e sua população por meios violentos, como os indivíduos da natureza.

Assim, dizia que os Estados vitalmente fortes, possuindo apenas um limitado espaço, devem procurar alargar o seu espaço por anexação, colonização ou conquista. Para caracterizar esta concepção dinâmica do organismo estatal achou um termo — *Geopolítica* — cuja fortuna estava longe de prever.

Ser vivo, organismo especial, tudo isso são conceitos de caráter biológico que Kjellen adaptou à política expansionista, para acobertar a conquista e a anexação de novos territórios.

Que a tendência científico-naturalista, ou a caracterização da doutrina como uma extensão da biologia ao mundo social, foi elidida, provam-no duas objeções fundamentais. No mundo

(1) Nota de Redação: Leia-se "dijelem".



O mapa acima, baseado em trabalho de Eugene M. Kulischer, do International Labour Office, já divulgado na imprensa norte-americana, mostra a deslocação de populações provocadas pela política nazista de fortalecer a posição geográfica da raça alemã e assegurar um espaço vital no futuro. Os números representam milhares e a seta indica a direção provável da migração voluntária ou forçada.

da natureza, as leis são formuladas para definir a regularidade de sucessão de certos fenômenos orgânicos. Quando são reveladas outras relações entre êsses fenômenos que não correspondem às leis existentes, são elas modificadas e ampliadas para abranger as novas manifestações. Procede-se, portanto, por indução, por observação dos fatos particulares, para chegar a uma conclusão genérica. Enquanto isso, os organicistas formulam inicialmente certas leis, às quais devem obedecer no futuro os fenômenos sociais. Toda vez que uma manifestação social não se enquadra na lei, deverá ser afastada, anulada ou evitada. A lei está certa, o fato é que está errado; o que lembra a anedota do "mingau científico", atribuída a Bernard Shaw: os pediatras de Londres reuniram-se e concordaram na fórmula científica de um mingau, que faria desenvolver qualquer criança. Aplicada a pitance a um lactente, o garoto não cresceu, nem engordou. Os médicos reexaminaram a fórmula e confirmaram a sua absoluta precisão. O mingau estava certo, a criança é que devia ser jogada fora.

Outro sofisma fundamental está na natureza do lâme entre os indivíduos e Estado, que deverá ser da mesma natureza da dependência absoluta da célula para com o organismo. Uma célula não com o organismo. Uma célula não tem liberdade, vive da vida do organismo, e com isto demonstrar-se-ia que o indivíduo se submerge no Estado, perde-se na coletividade, de onde tudo lhe vem. Mas, o indivíduo, ao contrário da célula, que pertence a um só organismo, pode concorrer para a formação de vários organismos sociais ao mesmo tempo — igreja, cidade, partido, corporação, sindicato, classe e nação — o que constitui uma "impossibilidade biológica".

Para contornar a dificuldade, aludem os organicistas a uma união de caráter ético e espiritual entre os indivíduos-células, para formar o Estado, mas isto seria a negação do caráter naturalista do organismo estatal.

Si tais objeções destroem a sinceridade dos propósitos desses pesquisadores, outros aspectos de seu pensamento acabam de condená-lo definitivamente como corpo de doutrina de finalidade puramente política e imperialista.

O mesmo Kjellen desvenda as intenções ocultos de seu sistema, quando alude à capacidade de expansão que têm os organismos estatais em plena maturidade. Necessitam de espaço e de população, como um corpo que engorda após uma doença. Diz ele precisamente: "Onde reina a saúde, mostra-se um sentimento instintivo da necessidade de readquirir o perdido no exterior por um desenvolvimento interior intensivo. Este sentimento foi expresso na frase de Tegner: recolocar a Finlândia dentro dos limites da Suécia. A intuição do poeta captou aqui uma verdade profunda, de natureza puramente geopolítica: poderíamos chamá-la de "lei de restabelecimento". Esta lei impulsinhou o povo holandês, em 1830, a reconquistar a Bélgica em território marítimo e o povo dinamarquês, em 1864, a reconquistar o Schleswig; si quisermos reconhecer atualmente em nosso próprio país um impulso potente de desenvolvimento, um maior interesse por nossos tesouros naturais, juntamente com uma certa ousadia e espírito empreendedor em política comercial, coisa que contrastam com o largo período letárgico por nós atravessado, é a lei do restabelecimento que nos ordena imperiosamente a união das montanhas, pântanos, quedas d'água e linhas de comunicação". Si recordarmos que até o século XIX era a costa finlandesa uma colônia sueca e o Báltico uma espécie de Lago Sueco, fácil é divisar as pretensões políticas social de Rudolf Kjellen.

Mas, o mal dêste sistema foi maior. Kjellen distinguiu no Estado alemão todos os caracteres de seu perfeito organismo em vias dum crescimento; identificou a pseudo-ciência então elaborada — a Geopolítica (1917) — com o Reich alemão, e sugeriu a imprescindível necessidade de alargar o seu espaço vital, para torná-lo mais forte, mais seguro estratégicamente e permitir-lhe realizar a missão universal de dirigir a humanidade, como povo mas bem dotado (*Herrenvolk*).

A Geopolítica de Kjellen veio assim a desembocar na velha corrente do imperialismo, fornecendo a antevisão das novas fronteiras alemãs de Dunquerque a Riga e de Cracóvia a Bagdá, isto é, o Terceiro Reich Alemão dentro de seu pretenso "espaço vital" (*Lebensraum*).

A teoria do sueco juntou-se às idéias já sistematizadas do general Karl Haushofer, professor em Munich, para formar uma doutrina de ação militar, cujo nome *Geopolitik* tornou-se um termo místico e hipnótico sem definição clara, servindo de guia para a atual política expansionista do nacional-socialismo.

Determinado a criar o "espaço alemão" na Europa, o partido nazista aplica a doutrina de Haushofer de dar novas fronteiras ao país da maneira mais cruel. Hitler desloca cidades e nações dentro da área continental, com um desprezo pela humanidade somente comparável ao desdém de Felipe da Macedônia, o primeiro geopolítico da Europa, que transferia povos inteiros, como os pastores removiam os rebanhos na mudança das estações, ao leu da sua volúpia de enfraquecer a Grécia, conforme conta Justino: "ut pecora pastores nunc in hibernos, nunc in aestivos saltus trajicint, sic ille populos et urbes ut illi vel replenda, vel deliquerenda quaeque loca videbantur, ad libidinem suam transfert".

(Transcrito do *Correio da Manhã* de 2, abril, 1944).

O QUE A ENGENHARIA VEM REALIZANDO NESTA GUERRA

(Noticiário autorizado pelo Chefe do Corpo de Engenheiros do Exército Norte Americano).

NOTÁVEL APRECIAÇÃO SOBRE O TRATOR BULLDOZER

De todos os engenhos de guerra o trator bulldozer é, sem dúvida, o mais importante. Os aviões e os carros podem ser de feitio mais romanesco, excitar mais profundamente a opinião pública, mas o avanço do Exército depende do prosáico e ainda não decantado herói que conduz aquela máquina.

Na Itália, durante meses a fio, um Grupo de Engenharia de Combate vem encaminhando as passadas do Quinto Exército, através de montanhas e de pântanos sucessivos. Pelo inverno a fora, tudo era lama: lama que atolava os caminhões, lama que atolava os carros, lama que, até mesmo, em algumas raras ocasiões, atolava o próprio trator bulldozer. Mas, em todos os casos a solução foi sempre, também, êste trator.

Tornava-se necessário tirar um canhão da estrada e colocá-lo em posição? A engenharia era procurada para fazê-lo com o trator bulldozer. Encontrara-se algum hospital em dificuldades de levar as suas ambulâncias aos pontos necessários em consequência da grande quantidade de lama nas estradas? Um trator bulldozer era solicitado para desembaraçar o caminho. Um outro era enviado ao ponto X, afim de preparar uma pista de aviões. Outros eram encarregados da transformação da estrada de ferro entre Y e Z em uma rodovia dupla, dentro de uma semana (não esquecer que a localidade Z estava ainda em poder dos alemães), empurrando os trilhos

para fora do leito, aterrando os vãos deixados pelos alemães nos lugares onde se achavam as pontes, adoçando as barrancas dos rios afim de permitir a travessia a vau. Acaso existiam minas ainda não descobertas pelos homens encarregados de sondar o terreno? O trator bulldozer poderá ser incumbido de destrui-las, com a perda provável de uma lagarta. Bulldozer! Muitas vezes assistiamos com pesar à chegada de outros materiais de guerra aos teatros de operações e cujo espaço a bordo dos navios poderia ter sido mais bem aproveitado se tivesse vindo ocupado por bulldozers!

E que dizer dos homens que dirigem êsses engenhos? Até hem pouco tempo (recebemos agora cabines blindadas que, pelo menos, oferecem proteção contra estilhaços e de modo relativo contra o tiro das armas portáteis), os motoristas ocupavam o seu posto completamente desprotegidos, conduzindo u'a máquina cujo ruído próprio excluia qualquer possibilidade de ouvir a aproximação de uma granada antes que ela explodisse. Nos trabalhos noturnos, o ruído e as chamas da descarga pareciam dizer: "Aqui estou", para os alemães, e êstes, apreciando devidamente a importância que aquela máquina tinha para nós, prestavam-lhe toda a atenção. Três vezes vi colunas de tanques dirigirem-se para uma ação conduzidas por um trator bulldozer encarregado de atulhar as valas e crateras, afim de tornar possível a aproximação. Antes do advento das cabines, foi adotada, em algumas unidades, a precaução de dotar os motoristas de coletes à prova de bala tomados por empréstimo da Aeronáutica, toda vez que tinham de operar sob fogo direto de fuzil, metralhadora ou morteiro. As primeiras dez condecorações de estrela de prata concedidas no Corpo de Engenheiros couberam todas a êsses homens.

Quando o historiador escrever a história desta campanha, não deixe na obscuridade o familiar trator bulldozer e os seus operadores, porque o avanço dos exércitos depende deles. Os exércitos avançarão até onde aquele trator avançar, nem um passo mais.

TANKDOZER.

O tankdozer faz parte do novo equipamento de Engenharia, sómente agora revelado por motivos de sigilo militar. É um carro médio Sherman dotado de uma lâmina de bulldozer. Equivale, em capacidade de trabalho, ao tractordzozer pesado, usualmente conhecido como bulldozer, máquina universalmente utilizada em trabalhos de terraplenagem. Um macaco hidráulico, acionado por uma bomba localizada dentro do carro e alimentada pelo motor deste, permite fazer funcionar a lâmina do tankdozer. As operações de terraplenagem podem ser realizadas mesmo quando o motorista esteja "encerrado" na sua cabine. A potência de fogo do tankdozer não é diminuída. Um mecanismo de acionamento rápido permite, de dentro do carro, isolar o conjunto da lâmina de bulldozer, em cerca de 10 segundos, deixando livre o carro, para fins de combate. No tankdozer se combinam — o carro, com seu poder combativo, e o trator bulldozer, com a sua capacidade de trabalho.

A montagem da lâmina de bulldozer em carro foi aperfeiçoada pelo Corpo de Engenheiros em cooperação com os fabricantes. A idéia foi originalmente concebida em 1940, mas só passou a tomar forma concreta a partir de 1943, quando o primeiro modelo de tankdozer ficou concluído, seguindo-se uma série de experiências que deram lugar ao projeto definitivo.

O tankdozer encontra sua aplicação nos casos em que é necessário prover capacidade de trabalho de bulldozer, potência de fogo de carro e proteção pessoal. No assalto a obstáculos, o veículo vencerá os que forem destinados ao pessoal, como as redes de arame farpado e as minas, assim como os que se destinarem ao material moto-mecanizado, como rede de estacas, crateras, fossos, cubos de concreto, tetraedros de aço, ouricos e muros. Esmagará os ninhos de metralhadoras e poderá ser vantajosamente aproveitado nos trabalhos de emergência a cargo da Engenharia, abrindo pistas na mata em presença do fogo individual do inimigo, construindo desvios em estradas batidas e preparando travessias de cursos d'água em idêntica situação.

Em geral, o tankdozer tem uma potência triplice: de fogo — dada pelo carro, sem que a lâmina adicional nela cause qualquer diminuição; de realização de terraplenagem — comparada a de um trator bulldozer; finalmente, de inércia devida ao seu grande peso. A combinação destes aspectos resulta em um incomparável poder de destruição, que permite ao tankdozer irromper através de obstáculos anticarro, quer pelo impacto da força bruta, quer pelo deslocamento de terra para construir rampas sobre os obstáculos e ultrapassá-los.

Esta nova arma foi utilizada na Normandia para perfurar os campos de estacas e abrir caminho para as armas mecanizadas. Em combate na Itália, o tankdozer foi empregado no fechamento de crateras de bombas existentes nas estradas, para retirar os veículos desarranjados para fora do caminho, para construir desvios em torno das pontes destruidas, para enterrar viaturas semi-caterpillar ou outros veículos na linha de frente dentro do alcance do fogo de artilharia inimigo, para realizar aterros sobre boeiros recém-construídos, para restabelecer, através do leito das estradas de ferro, rodovias destinadas a substituir passagens superiores destruidas, para remoção do entulho proveniente do bombardeio das cidades nos pontos de perturbação do trânsito e para atirar com o canhão de 75 mm e as metralhadoras de calibre 0,50 contra as posições anticarro e ninhos de metralhadoras do inimigo.

A utilidade futura do tankdozer em orientar o ataque das divisões blindadas será de tremenda valia. Pode constituir um fator decisivo em terreno áspero. Tem sido afirmado nos teatros de operações que, em consequência do desenvolvimento desta nova arma, a velha concepção de "campo de tanques" pode ser considerada obsoleta.

CABINES BLINDADAS PARA TRATORES.

Cabines blindadas para tratores bulldozers foram aperfeiçoadas pelo Corpo de Engenheiros, com a audiência do Serviço de Material Bélico no que se refere ao emprego das couraças e à realização das provas. Podem ser grupados em quatro ta-

manhos diferentes para se adaptarem aos vários modelos de tratores utilizados pelo Corpo de Engenheiros.

Acham-se projetadas para proteger os operadores dos tratores contra o fogo das armas portáteis e das metralhadoras, minas terrestres, granadas de mão e estilhaços de bombas e de granadas de artilharia. As cabines blindadas estão sendo distribuídas a todas as organizações de Engenharia, tendo sido espe-



Fig. 1 — Tankdozer irrompendo através de um campo de estacas, sem sensível diminuição na sua marcha.

cialmente solicitadas pela Engenharia de Aviação que opera nas zonas de frente.

Todos os tamanhos têm a mesma forma geral, apresentando couraças de $1/2"$ em todo o contorno e na cobertura, para uma proteção em qualquer direção. Foram previstos orifícios para parafusos com as porcas fundidas pelo lado de dentro da cabine, de modo a permitir o transporte das cabines desmontadas e a sua fácil montagem no local de destino. Os últimos modelos de cabines possuíam janelas e seteiras que asseguravam 20 a 50 por cento de eficiência nos trabalhos sob fogo, e até 100 por cento nos outros casos. O tipo atual prevê a existência de peris-

cópios que permitem manter inalterável a visão do operador quando a cabine está "trancada".

Na mata densa, onde a Engenharia tem de abrir picadas para as tropas de Infantaria, as cabines blindadas asseguram proteção à guarnição dos tratores contra os tiros individuais (arma portáteis). Assim, também, no enchimento de crateras, após um bombardeio, contra a ação de aviões que, voando baixo, atacam os tratores bulldozer. Nas áreas já "varridas" pelos detetores de minas ou "batidas" pelos percutidores do solo, o tractordozier munido de cabine blindada pode ainda ser utilizado para fazer explodir minas antiecarro ou antipessoal profundamente enterradas. A cabine blindada também oferece proteção contra estilhaços.

Atualmente, duzentas cabines blindadas são fabricadas por semana nos Estados Unidos e embarcadas para as linhas de frente, onde estão tendo emprêgo generalizado. Conquanto não consigam transformar os tratores em carros de combate, e não possam proporcionar aos operadores proteção completa, aumentam materialmente tanto seu moral como a probabilidade que possam ter de escapar à ação do inimigo.

(Da "Military Engineer", de outubro de 1944)

LIVROS NOVOS

O EXÉRCITO VERMELHO — D. Fedotoff White (tradução)
Editora Gráfica "O Cruzeiro" — 1945.

ALGUMAS COUSAS DA RUSSIA — Cel. J. B. Magalhães —
Empresa Gráfica Leuzinger — 1945.

Até que ponto poderíamos contar com a eficiência do Exército Vermelho frente à Wehrmacht?

Eis uma pergunta embaralhosa. Em verdade o alemão sempre foi um soldado de respeito, por conta da sua especial aptidão guerreira e do seu aparelhamento militar caprichado.

O cálculo, pois, em torno das possibilidades de qualquer exército no embate contra os germânicos, há de ser conduzido com muita prudência, muita. No caso russo a previsão se complicava, ainda, com a intervenção de dois fatores específicos:

I — A Wehrmacht vinha daquelas campanhas fulminantes, em que desmantelara a golpes maciços os exércitos mais poderoso da Europa, inclusive o francês, cuja missão essencial era, precisamente, enfrentar as armas alemãs.

II — Uma propaganda sistemática, de inspiração nazista, em grande favorecida pelas reservas com que a própria Russia cercava a sua vida interna, apontava o regime dirigido por Stalin como, entre outras coisas, o reino da incapacidade e da opressão; não sendo possível ocultar o volume do Exército Vermelho, garantia-se que o seu armamento, de fabricação nacional, era tecnicamente inferior, que os soldados estavam mal equipados e até mal vestidos, que a disciplina fora subvertida e praticamente não existia nos quartéis soviéticos, que os oficiais eram sumamente incompetentes e por fim, que na primeira oportunidade todo aquêle edifício mantido pelo terror, viria abaixo pela revolta das massas esfaimadas e sofregas de liberdade.

Esses dois fatores, portanto, de um lado o impressionante poderio da Wehrmacht e de outro o retrato depreciado da Rus-

sia, criaram invencíveis dificuldades, mesmo para o observador mais sereno. E, dessa forma, quase todos pagaram a sua taxazinha de engano.

O maior engano, em todo caso, foi mesmo o do estado-maior germânico, que reiteradamente subestimou o valor dos russos: quando os atacou contando executar mais uma "blitzkrieg", quando julgou havê-los destruído como força militar, quando relutou em aceitar a derrota já nitidamente decretada, a partir de Stalingrado.

O fato é que, mesmo quem tivesse as mais precisas informações sobre o Exército Vermelho, encontrar-se-ia em dificuldades para avaliar o resultado de um choque com a Wehrmacht. Esta era uma máquina diabólica e adquirira uma embalagem vertiginosa.

Aliás, explicando e fixando os limites dessa superioridade da Wehrmacht, em estudo técnico sobre a mótomecanização, datada de 1941 (nessa altura o Eixo chegara ao apogeu da força militar, estava em vésperas de lançar-se contra a Rússia), escrevemos o seguinte:

"Passados os primeiros instantes, que foram de estupor, restaurada pouco a pouco a nossa capacidade de análise, recebidos certos dados esclarecedores, já podemos ir penetrando o segredo do sucesso militar alemão."

"Uma coisa parece definitivamente certa e é que o motor foi o agente número um desse sucesso, não só pelo seu valor intrínseco como pelo amplo, inteligente e resoluto aproveitamento que o exército germânico soube dar-lhe. Assim, os alemães se impuseram com o motor, de que posuiam esmagadora superioridade numérica e equipagens rigorosamente adestradas. De outra parte, lograram uma incontestável surpresa tática.

"A combinação avião-tanque, bem como a ação profunda das diversões encorajadas, pôsto que discutidas desde antes da guerra e esperadas como certas no seu desenrolar, foram realizadas de uma forma verdadeiramente imprevista, não só quanto à intensidade como no tocante ao arraste e perfeição da execução".

"Foram êstes, além de outros elementos importantes, que possibilitaram as magistrais exibições do exército alemão desde a Polónia até a Grécia. Sim, porque não ha milagre, na guerra não se produzem impossíveis. Contra superioridade material, organização, inteligência e espírito de luta, só mesmo êstes elementos. Vemos que, quando êles não podem ser plenamente articulados, a "Blitzkrieg" tarda ou não vem nunca, como está acontecendo em relação às Ilhas Britânicas (a Luftwaffe havia sido derrotada na batalha da Inglaterra, mas o Eixo ainda ameaçava com a invasão das ilhas). Vemos que quando êles se equilibram, a "blitzkrieg" falha ou emperra, como vem sucedendo na fronteira do Egito. Mas se predominam de um lado, êste prevalecerá fatalmente, mais depressa, menos depressa, questão das disposições dos combatentes, dos métodos empregados, — humanos ou ferozes, com ou sem limitações — questão sobretudo, da desproporção".

"Todas esas verificações — diziamos por fim — constituem uma advertência para uns e um clarão para outros. É sempre possível resistir, lutar e até vencer. Não há exércitos infalíveis, há exércitos poderosos, ás vezes despóticamente poderosos".

Dentro dessas idéias não poderia surpreender-nos o rumo tomado pela campanha da Rússia. Colocavamo-nos, é certo, sob um ângulo muito geral. Mas os dados de agora, já relativamente numerosos e fiéis, em verdade confirmam êsse princípio — não houve milagre na Rússia: o Exército Vermelho bateu a Wehrmacht porque se pôs em condições morais e materiais de fazê-lo.

Mas como se teriam criado tais extraordinárias condições?

Bem sabemos que o Exército Vermelho surgiu da revolução e essa origem se prestaria excelentemente à campanha de descredito que lhe moveram. De fato, o radicalismo revolucionário inicial subverteria a consagrada disciplina militar. Ainda êsse mesmo radicalismo, inevitável, até necessário nos movimentos político-sociais de profundidade, determinara a dissolução violenta do quadro de oficiais do exército do Czar, constituído de nobres perfeitamente distantes, quando não avessos, às as-

pirações vitoriosas. Foram duas medidas que, por incidirem sobre pontos capitais da estrutura militar clássica, ressoaram prolongadamente nos exércitos do mundo inteiro, predispondo-os a negar, ou pelo menos duvidar do valor do Exército Vermelho.

No entanto, é certo que o período propriamente subversivo do Exército dos Soviets, no qual tudo eram improvisações e experiências avançadas, durou apenas até o restabelecimento completo da paz, isto é, até 1923. Daí por diante inaugura-seC uma fase, nunca mais interrompida, de desenvolvimento sistemático, dentro da idéia de Lenine, de que o Exército devia ser "inteiramente novo, disciplinado, constituído principalmente de camponeses e operários, não desprezando, porém o aproveitamento de elementos antigos".

As reformas técnicas foram de comêço, orientadas e dirigidas por Frunze, que, além disso, refez os regulamentos disciplinares e reconstituiu a hierarquia.

"É necessário — proclamava êsse primeiro artifice do moderno Exército Vermelho — uma disciplina forte baseada na autoridade do comando e na conscientiosa compreensão dos deveres militares por todos".

Por morte de Frunze, logo em 1925, coube a Voroschilov ser o seu continuador. E foi essa grande figura que, em verdade, criou o atual poderio militar russo. Compreende-se a importância de Voroschilov por êste simples episódio ocorrido entre Lindbergh e Lloyd George :

O famoso aviador norte-americano, francamente derretido pelo nazismo, depois de visitar a Rússia solicitou uma entrevista ao veterano estadista inglês, para expor-lhe as suas desiludidas impressões sobre a aviação russa; Lloyd George ouviu-o e por fim, como única objeção perguntou-lhe apenas :

— "Mas o senhor conversou com Voroschilov" ?

— "Voroschilov ? quem é Voroschilov ?" — foi a embarracada resposta do aviador.

Vê-se que importância Lloyd George conferia a Klimenty Voroschilov, a ponto de fulminar as observações de Lindbergh

com a pergunta maliciosa, como quem diz: — "Se o senhor ignora Vercoschilov, que pode saber do Exército Vermelho?"

Pois bem, é a história da formação dessa antes tão depreciada, e depois tão temida, máquina militar, que está no volume de F. White. Por ele conhecer-se-ão, em minucia, todas as fases do processo evolutivo da gigantesca força que quebrou o impeto da Wehrmacht e enfraqueceu-a por um desgaste fóra de qualquer possibilidade de recuperação.

O outro volume, de autoria do Cel. J. B. Magalhães, menos crônica, menos fato, do que informação explicativa, do que elucidação psicológica de certos elementos essenciais à compreensão do fenômeno militar russo, será um excelente complemento à leitura da obra de White.



THE CALORIC COMPANY

Matriz - Rio de Janeiro
Avenida Presidente Wilson n.º 118

Fornecedora há longos anos de óleo combustível e óleo Diesel às principais linhas brasileiras de navegação, com entregas rápidas feitas por meio de encanamentos e chatas-tanque. THE CALORIC COMPANY está colaborando com as marinhas de guerra das Nações Unidas, e estará em condições para prestar seus serviços à navegação mundial no apôs-guerra.

DEPÓSITOS :

Rio - São Paulo - Santos - Salvador - Recife - Belém

Representantes nas principais cidades do país.

REVISTAS EM REVISTA

Da REVISTA MILITAR DA BOLIVIA — “A GEOPOLITICA. NOVA ESTRATEGIA MUNDIAL — Por Humberto Palza.

Humberto Palza, Professor de Sociologia da “Universidade Mayor de San Andrés de La Paz”, escreveu esse excelente estudo, em parte, aliás, inspirado em impressões recolhidas aqui no Rio, quando participou, representando o seu país, de um Congresso de Geografia e Cartografia.

Remata esse trabalho, de feição essencialmente objetiva, um “ensaio de programa para um curso de Geopolitica Teorica e Aplicada.

Julgamos interessante divulgá-lo, como forma de chamar a atenção para a matéria e já fornecer uma adiantada base de partida para o trabalho dos interessados.

Eis o programa :

• GEOPOLITICA TEORICA

I — Introdução geral — A cultura e o homem — Mundo natural e mundo — A cultura como domínio sobre a natureza — A filosofia moderna e a cultura — Seus representantes mais destacados: Diltey e Rickert. Breve análise de suas idéias — Conceito da ciência e da técnica como meios de explicação e domínio da natureza.

II — A Geografia e o homem — Marcos naturais e sociedade naturais — O clima e a vida — As condições do solo e a atividade do homem — A sociogeografia — Suas idéias fundamentais — Socioeconomia do solo — Conhecimento de obra de Helmpach: Gepsique — Outras obras a respeito.

III — Historia das idéias geopolíticas — Divisão em 5 épocas por necessidades de método: 1) Antiguidade; 2) Idade

média; 3) Renascimento; 4) Idade moderna; 5) Idade contemporânea — Grecia e Roma — Historiadores e filosofos. Idéias e obras mais importantes — Tucides e Estrabon — Platão e "A República" — Aristoteles e "As Leis" — Ideias ácerca da geografia e das relações do homem com o solo.

IV — Idade média — Decadência das idéias geográficas. O conceito providencialista da História — Referência à "Cidade de Deus" de S. Agostinho. "O Renascimento" — Descobrimento da Razão e o novo conceito racionalista do mundo. A era dos descobrimentos geográficos — A geografia como ciência de itinerários para navegantes — A geografia ciência descriptiva e estatística — Jean Bodin — Idéias e Obras — Os filosofos: Hobbes, Spinoza, Lubnitz.

V — Idade moderna — Nascimento da geografia moderna — Carlos de Montesquieu — Analise suscinta das suas obras e ideias : "Considerações sobre a causa da grandeza e decadência dos romanos, "Cartas persas" e "O Espírito das leis" — O novo conceito interpretativo e dinâmico da geografia — Frederico Raizel — Analise a fundo da sua obra.

VI — Idade contemporânea — Geografia política e Geopolítica. Suas relações e suas diferenças — O nascimento da geopolítica na Alemanha — Seus antecedentes — Os filosofos — Herder e o conceito biológico da nação — Hegel e a teoria orgânica do Estado. Outras idéias suas ácerca do Estado. Fichte e a queda da Prússia. Os "Discursos à nação alemã". Seu conceito do povo e sua fusão com o solo.

VII — A geopolítica na Alemanha — Karl Haushoffer. Breve notícia sobre sua personalidade — Antecessores diretos: Halford Mac Kinder, Frederico Ratzel e Rudolf Kjellen — Mac Kinder e o "pivô geográfico da história". Outras idéias — Kjellen suas obras e idéias — La geopolítica alemã como ciência — Definições e doutrinas fundamentais — A geopolítica em outros países, principalmente França, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil. Conclusões gerais da primeira parte.

GEOPOLITICA APLICADA

VIII — Introdução geral — O Estado e a circunscrição territorial — A consciência geográfica do Estado — Geopolítica global, continental, regional e nacional. Conceito de cada uma. As Ligas e Confederações Nacionais. Antiguidade da idéia. O conceito moderno político, racial e cultural. Paneuropeísmo, pan-germanismo, panslavismo, panasiatismo, panamericanismo, pan-latinismo — Explicação do conteúdo de cada um deles.

IX — A Geopolítica e o Direito Internacional — A Geopolítica e a Política Internacional — Breve história da política de poder na Europa — A era das nacionalidades e o equilíbrio de potências até a guerra de 1914 — Os antecedentes imediatos da guerra — O tratado de Versalhes e a nova distribuição da Europa — O ponto de vista geopolítico — Os problemas criados.

X — A Europa até a segunda guerra mundial. As questões geográficas e sua interpretação geopolítica criada pela guerra anterior — A questão das minorias — Os problemas econômicos — A aviação e as modernas ciências das comunicações para a nova concepção do mundo e sua estratégia — A Geopolítica e a estratégia — A cartografia como auxiliar da geopolítica. O novo conceito e função do mapa — O mapa arma de propaganda.

XI — A segunda guerra mundial — Breve história de seu desenvolvimento. Geopolítica da guerra na Europa Central e Oriental. Geopolítica russa em função de guerra — A geopolítica do círculo polar artico — Prováveis consequências da guerra na política internacional. Planos para uma nova organização de nações — Palavras de Coulbortson, Sonle, Adamic e outros.

GEOPOLITICA DO HEMISFERIO OCIDENTAL (AS AMERICAS)

XII — Descrição geográfica do hemisfério — Latitudes, longitude e altitude — As partes constitutivas do Hemisfério: Norte América e Canadá, América Central e América do Sul —

Análise geográfica comparativa entre as três — Diferenças e semelhanças — Orografia, hidrografia, climatologia — Zonas de produção e gênero de produção — Geografia humana.

XIII — Resenha histórica do descobrimento e independência das colônias norte-americanas — Washington e Jefferson — O "Destino manifesto" ou a República Continental — Significado geopolítico destes termos. As anexações, conquistas e compras da Louisiana, Florida, Texas, California, Oregon — Apreciação geopolítica da História dos Estados Unidos e da sua situação presente.

XIV — Descobrimento e conquista da América espanhola — Descobrimento e conquista da América portuguesa — Diferenças e semelhanças — As primeiras viagens às ilhas do mar das Caraíbas — A conquista do México e a constituição do Mundo centro-americano — Os primeiros vice-reinados, intendências e capitâncias na América — O descobrimento do Pacífico e seu significado geopolítico — Outros comentários históricos.

XV — Os descobrimentos e conquistas na América do Sul — A bula de Alexandre IV e os tratados de Tordesillas e S. Ildefonso — Conquista do Perú — Breve história dos Vice-reinados da Nova Espanha, Nova Granada, Perú e Buenos Aires — Firmes bases geopolíticas de todos eles — Breve história das Audiências e sua importância — Considerações sobre o governo da colônia e sua vida econômica, social, política, cultural — Visão geopolítica da época.

XVI — A independência e a constituição das nacionalidades na América — A idéia da integração das Américas. Análise sob três aspectos: político, econômico e cultural — Integração política — Antiguidade da idéia desde Bolívar e o Congresso do Panamá. Sua evolução — A doutrina de Monroe, sua origem, história e evolução até os nossos dias — O Panamericismo, sua origem, história e desenvolvimento — A política de boa vizinhança — A segunda guerra mundial e a situação política atual da América — Projeto de Liga das Nações Americanas.

XVII — Integração econômica das três Américas — Diferenças e similaridades — As características de cada uma em rela-

ção à produção, consumo e distribuição da riqueza — Os recursos naturais — O problema das matérias primas — As indústrias — O comércio interamericano — Possibilidade dos blocos econômicos na América — Possibilidades positivas e negativas — Outras questões concomitantes.

XVIII — Integração cultural — Análise comparativa da realidade racial, social, política e cultural das três Américas — América Saxonica e América Indolatina — As crenças mentais e espirituais de cada uma — A Democracia e seus problemas — O indianismo e seus problemas na América Indolatina — Exame a fundo da obra “O fator geográfico na política Sul-americana” Carlos Badía Malagrida), com exceção da parte relativa à Bolívia — Único sentido possível da cooperação cultural — Outros comentários e outros problemas.

XIX — A defesa do Hemisfério Ocidental — A frente militar — O problema da invasão — Proteção naval — Defesa de costa — O poderio armado do Novo Mundo — As zonas amortecedoras — O mediterrâneo americano — As zonas equidistantes — Possíveis planos estratégicos — Possibilidades de invasão — Invasão pelo Pacífico — Invasão pelo Atlântico — Modalidades defensivas em ambas as frentes — Outras considerações estratégicas.

Segue-se a última parte do programa organizado pelo Prof. Humberto Palza e que se refere à Geopolítica da Bolívia. Por fim, vem a bibliografia, na qual se incluem alguns autores brasileiros (Cassiano Ricardo, Mário Travassos, Nelson Werneck Sodré, Djacir Menezes).

Ei-la :

“Geopolítica (Generales y Geógrafos), Hans W. Weigert, Ed. Fondo de Cultura Económica, México, 1943 — 2” *A Geopolítica*, Jorge A. Vivó, Colec. “Jornadas”, Ed. “O Colegio de México”, México, 1944. — 3 — “A Terra e a Evolução Humana. Síntese Coletiva dirigida por Henry Berr”, Vol. IV. Ed. Cervantes, Barcelona, 1925. — 4 — “Geografia da História

ria", J. Brunhes e C. Vallaux, *Jorro*, adrid, 1928. — 5 — "German Geopolitics", H. W. Weigert, Colec. "América in a world at war", N.º 19, Oxford University Press, sf. — 6 — "América at war" (A geographical analysis), Van Valkenburg, contribuição de varios autores, Ed. Prentice Hall Inc., New York, 1943. — 7 — "Compas of the world" (A symposium on political geography), recomposição de 28 autoridades em diversas matérias feita por Weigert e Stefansson, Ed. The Mac-Millan Co., New York, 1944. — 8 — Artigo "Geopolítica" vertido em português da Rev. "Life", Chicago, 21. Dcembre, 1942, por Joseph J. Thorndike Jr., em Boletim Geográfico, Publicação do Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ano I Setembro, 1943, N.º 9. — 9 — "Estados Unidos frente ao mundo", Nicholas J. Sykma, Ed. Fundo de Cult. Econó., México, 1944. — 10 — "A Diplomacia dos Estados Unidos na América Latina", Samuel Flagg Bemis, Ed. Ibidem, 1944. — 11 — "O Indoamericanismo e o problema racial", Prof. Dr. Alejandro Leipschutz, Segunda Edição, Ed. Nascimento, Santiago do Chile, 1944. — 12 — "O fator geográfico na política sul americana", Carlos Badia Malagrida, Real Academia de Jurisprudência e Legislação, Ed. Estabelecimento tipográfico de Jaime de Rales, Madrid, 1919. — 13 — "Possibilidade de blocos Económicos na América Latina. Xavier arques, Colec. "Jornadas", Ed. "O Colegio do México, México 1944. — 14 — "Marcha para Oeste" (A influência da "bandeira" na formação social e política do Brasil) Segunda edição, Cassiano Ricardo, Coleção Documentos Brasileiros, Ed. José Olympo, Rio de Janeiro, 1942. — 15 — "Oeste" Ensaio sobre a grande propriedade pastoril, Nelson Werezek Sodré, Ibidem, 1941. — 16 — "Introdução à geografia das comunicações brasileiras" (Ensaio) Mario Travassos, Ibidem, 1942. — 17 — "Nordeste" Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste" Formação social do nordeste, Djacir Menezes, Ed. Ibidem, 1937.

BOLETIM

O Cel. J. B. Magalhães, esse extraordinário estudioso, a quem vimos devendo dia a dia novos e positivos trabalhos de alto interesse militar, publicou no "Jornal do Comércio" (27 maio) um notável ensaio sobre Osório.

Dir-se-ia que o vencedor de Tuiuti, tão exaustivamente estudado por numerosos autores, estivesse esgotado. Pois bem, o Cel. J. B. Magalhães deu-nos agora sobre Osório uma contribuição originalíssima: colheu, através das cartas, ordens do dia, pareceres, e mais documentos legados pelo Marquês de Herval, o seu pensamento sobre patriotismo, cívismo, política, administração, assuntos militares, etc.

Dai ressaltam novos riquíssimos angulos da personalidade de Osório.

Com a devida vénia, iremos reproduzindo nesta seção alguns conceitos da inspirada e criteriosa colheita do Cel. J. B. Magalhães:

"O tempo é das ciências, das letras, da civilização, a força dos governos não reside nas metralhadoras e canhões, nem no despotismo e violência contra os povos, mas sim no império da justiça, no respeito ao direito de todos e à liberdade."

"É preciso energia. A guerra não se faz com abraços".

"Aborreço-me esta vida da Corte; si tivesse olhos de ouro já m'os tinham arrancado."

"Quando se trata de interesse público refilto antes de agir".

* * *

Acaba de ser criado o "Centro de Aperfeiçoamento e Especialização, do Realengo, compreendendo os seguintes estabelecimentos: Escola de Motomecanização, Escola de Transmissões, Escola de Instrução Especializada, Escola de Sargentos das Armas.

* * *

O escritor Peregrino Junior escreveu sobre a FEB, na revista "Carta":

"Ainda não foi fixada, e talvez não o seja tão cedo, por ausência de perspectiva histórica, a importância extraordinária da nossa participação militar na guerra europeia. Mas o fato teve importância excepcional. Pela primeira vez, na história da América do Sul, um Exército latino-americano transpôs o Atlântico, para, lutar no Velho Continente em defesa da liberdade, da Democracia, dos valores eternos da Civiliza-

ção. E esse Exército era o Exército Brasileiro — e levava à Europa o espírito de luta, a bravura, a pugnacidade heróica da nossa gente. Os homens do Brasil — esses "pracinhas" do sertão e do litoral, do Norte, do Centro e do Sul — conheceram assim um instante inolvidável de heroísmo e de Glória, e viram surgir na Europa, cujo sólo tingiram com o seu generoso sangue, o sol da Vitória."

* * *

Novidades bibliográficas:

"Vida do Gal. Manoel Luis Osorio" — Luiz Pinto.

"Uaupés" (hidrografia, demografia, geopolítica) — Ten. Col. Frederico Rondon.

* * *

Do discurso do Sr. João Daudt d'Oliveira, ao tomar posse na Presidência da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 7 de junho último:

"A pobreza ou a riqueza atual do país mede-se pelo que toca à grande massa de seus habitantes, na distribuição geral dos bens e serviços produzidos. Não podemos duvidar de que um inquérito através de toda a população, neste momento, responderia que cada um tem menos do que tinha em outros tempos. E que continuaria a ter menos, ainda que os lucros chamados extraordinários de alguns fossem divididos igualmente pelos quarenta e poucos milhões de nossos pátricos."

* * *

Vem-nos de Buenos Aires, Libreria Nelson, um volume utilíssimo: "Vademecum del traductor militar" — Abreviaturas militares del ejército alemán — de autoría de Eugenio Wittenberg.

* * *

Entre os oficiais expedicionários que recentemente retornaram ao Brasil, está o Cap. Plínio Pitaluga.

Comandou na Itália a única unidade de Cavalaria integrante da FEB, um Esquadrão de Reconhecimento, o nesse comando teve atuação destacada, merecendo mesmo algumas menções por atos de bravura.

O Cap. Pitaluga é também um intelectual de boa estirpe, de sorte que devemos contar, para breve, com algumas vivas páginas fixando aspectos da luta em que foi parte e dos quadros humanos que presenciou.

* * *

O Maj. Frederico Trotta lançou nova edição, a 4.^a, do seu ensaio biográfico "General Eurico Dutra".

A obra, cuja primeira edição data de 1941, surge agora ilustrada e atualizada, inclusive trazendo, como capítulos finais o pensamento do General Dutra, sobre os problemas fundamentais da nacionalidade, expressos em diferentes oportunidades, durante a sua gestão na pasta da Guerra, e mais recentemente, através de discursos e entrevistas, desde que se tornou candidato à sucessão presidencial.

Eis os capítulos em que se desdobra o ensaio de autoria do Major Trota :

EURICO GASPAR DUTRA nasceu a 18 de maio de 1885 em Cuiabá; embora franzino... Infância e primeiras letras... Antônio João e Caxias... Soldado — Aluno da Escola do Rio Pardo — O Incêndio da Alfândega de Porto Alegre; Volta ao lar paterno — A anistia de 1905; A marcha de Gravataí; A 1.^a Grande Guerra — Transformação do Exército; A cavalaria, sobre arma audaz; Por sua pátria e sua dama; Enriquece em 1915 as lettras militares com dois livros; Uma boa profecia; O seu a seu dono — as manobras de Nioac — General de Brigada; Ministro da Guerra — O organizador da FEB; Visita à frente de batalha na Itália; Virtudes de cidadão e de soldado; A proclamação do General Dutra quando do afundamento de nossos navios; Mobilização de todos os recursos materiais e humanos do Brasil; Problemas sociais e políticos — O homem que trabalha e que produz deve ter; O General Eurico Dutra e a Legislação Trabalhista — O Polígono de tiro de Marombaia.

A Metalurgica Teixeira Limitada

(Sucessora de A. J. TEIXEIRA & CIA.)

Manufactura especial de: Lanpeões, Faróis, Lanternas para iluminações públicas e particulares, Estradas de Ferro e Marinha, Artigos domésticos, de adorno, para navegação e agricultura.

Cumprimenta aos heróis da F.E.B. pela sua gloriosa atuação na Itália.

Rua Buenos Aires, 264/6
RIO DE JANEIRO

TEL. | 43-0635 FÁBRICA,
43-0695 ESCRITÓRIO

FÁBRICA DE ESTOJOS PARA JOIAS E PERFUMARIAS

HUMBERTO MARZANO

RUA NABUCO DE FREITAS, 65 — FONE 43-3054
RIO DE JANEIRO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no «Diário Oficial», no período de 20 de Junho a 20 de Julho de 1945

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter)

— As Comissões de Estrada de Rodagem números 3, 4 e 5 passam a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.589 de 22 — D.O. de 25-6-945).

— A 13.ª Circunscrição de Recrutamento passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.587 de 22 — D.O. de 25-6-945).

— Os Depósitos de Moto-Mecanização de Porto Alegre e de Rio Claro passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 1.654 de 3 — D.O. de 4-7-945).

— O Depósito de Pessoal em Trânsito passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.653 de 3 — D.O. de 4-7-945).

COMPANHIA EXTRA N.º 1 DE TRANSMISSÃO — (Efetivo)

— Na conformidade do que propõe o Estado Maior do Exército, fica a Companhia Extra do 1.º Batalhão de Transmissões (Batalhão Vilagran Cabrita) aumentado, no seu efetivo, do seguinte pessoal :

1 1.º Tenente de manutenção (com o curso de moto-mecanização).

2 Cabos mecânicos de auto.

4 soldados mecânicos de auto.

1 soldado soldador.

(Aviso n.º 1.746 de 19 — D.O. de 21-7-945).

CORPO DE TROPA — (Criação)

Foi criado, para organização imediata, com sede na cidade de São Gabriel — Estado do Rio Grande do Sul, o 3.º Batalhão Motorizado de Transmissões.

**Biblioteca da Cooperativa Militar Editora
e de Cultura Intelectual «A Defesa Nacional»**

LEGISLAÇÃO MILITAR

POR

DANTE TOSCANO DE BRITTO

Capitão do Exército e Bacharel em Direito



Preço: Cr\$ 12,00

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os autos administrativos que se fizerem mister, para execução do presente Decreto.

Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 19.121 de 9 — D.O. de 11-7-945).

CURSO REGIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS —

(Solução de consulta).

— O Comandante do 2.º R.I., esclarecendo que se acha funcionando naquela unidade o Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargentos, consulta se cabe aos oficiais instrutores a gratificação de que trata a letra k da subsconsignação 21-13 da Consignação III — Vantagens, do atual Orçamento.

Em solução declaro:

I — A vantagem está prevista nos arts. 135 e 136 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, que estabelecem:

a) "Art. 135. Aos diretores e sub-diretores de ensino, cabe gratificação, conforme distribuição aprovada anualmente pelo Ministro da Guerra, de acordo com os respectivos regulamentos e recursos orçamentários".

b) "Art. 136. A vantagem do artigo anterior terão direito os oficiais que fazem parte do corpo de instrutores das Escolas Militares".

II — Não se podendo considerar o Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargento como escola militar, não assiste direito aos instrutores às vantagens constantes dos dispositivos do referido Código.

(Aviso n.º 1.665 de 4 — D.O. de 6-7-945).

DEPOSITO DO PESSOAL EM TRANSITO — (Efetivo).

— Fica o efetivo do Depósito do Pessoal em Trânsito, criado pela Aviso n.º 1.178, de 25-4-45, acrescido na forma abaixo:

— para o Rancho:

1 (um) terceiro sargento

2 (dois) cabos

4 (quatro) soldados cozinheiros

8 (oito) soldados ajudantes de cozinheiro;

— para a Seção de transportes:

1 (um) club

1 (um) soldado motociclista

3 (três) soldados motoristas.

(Aviso n.º 1.744 de 16 — D.O. de 17-7-945).

ESTAGIOS OU PERIODOS DE INSTRUÇÃO — (Ordem).

— Fica revogado o Aviso n.º 230 de 27-1-43, que suspendeu os estágios ou períodos de instrução para efeito de promoção, previstos nos artigos 11, 40 e 41 do R. C. O. R.
(Aviso n.º 1.730 de 3 — D.O. de 16-7-945).

JOMINI

OU

O ADIVINHO

DE NAPOLEÃO



Xavier de Courville

Prefacio de Jacques Bainville



Tradução do Cel. Renato B. Nunes

PREÇO Cr\$ 20,00

Pedidos à Biblioteca de "A Defesa Nacional"

GRANDE COMANDO — (Sede).

E' transferida, de Alegrete para São Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul, a sede do 1.^o Corpo de Cavalaria, ficando, assim, alterado o § 2.^o do art. 3.^o do Decreto n.^o 16.507, de 1 de setembro de 1944.

Enquanto se processam os trabalhos de adaptação do respectivo Quartel General em sua nova sede, esse Grande Comando ficará instalado na cidade de Pôrto Alegre.
(Decreto-Lei n.^o 19.120 de 9 — D.O. de 11-7-945).

LEI DO SERVIÇO MILITAR — (Alteração).

O Diário Oficial n.^o 140 de 21-6-1945, publica na íntegra o Decreto-Lei n.^o 7.658 de 19, que altera disposições da Lei do Serviço Militar e dá outras providências.

MEDALHA "SANGUE DO BRASIL" — (Criação).

O Diário Oficial n.^o 158 de 12-7-945, publica na íntegra o Decreto-Lei n.^o 709 de 5-7-945, que cria no Exército a medalha "Sangue do Brasil" para agraciar os feridos de guerra.

MODELOS DE JOGOS DE CARTUCHEIRAS — (Aprovação).

— Aprovo, a título provisório, os modelos de jogos de cartucheiras para munição de pistola "Colt" e revólver, ambos de calibre 45, — sendo um de capacidade para 54 cartuchos (18 em cada bolso) e outro de capacidade para 39 cartuchos (7 no bolso) e outro de capacidade para 39 cartuchos (7 no bolso de cima e 16 em cada um dos bolsos inferiores), modelos estes propostos pela Diretoria de Intendência do Exército em Ofício n.^o 1.883-S/2, de 20 de junho último.
(Aviso n.^o 1.683 de 9 — D.O. de 10-7-945).

MODELO DE INSIGNIAS — (Aprovação).

— Aprovo o modelo de insignias, que a este acompanha, para 1.^o Grupo Ferroviário de Artilharia de Costa.
(Aviso n.^o 1.694 de 10 — D.O. de 12-7-945).

OFICIAIS E PRAÇAS DA F.E.B. — (Férias).

— Aos Oficiais e praças da F.E.B. que regressam ao Brasil, isoladamente ou não, é concedido um período de férias, na forma do disposto no Aviso n.^o 1.252 de 7 de maio último, a ser gosado antes do prazo de trânsito a que por ventura tiverem direito. A disposição acima é extensivo ao militares que já tenham regressado e se encontrem em trânsito, caso em que este será interrompido, para terminação após a conclusão das férias.
(Aviso n.^o 1.580 de 19 — D.O. de 21-6-945).

ACABA DE SAIR

Algumas Coisas da Russia

Pelo Cel. J. B. Magalhães
Autor do Fenomeno Militar Russo

INDICE

PRIMEIRA PARTE

- I — Preparação dos quadros.
- II — A política da guerra.
- III — A ciência e a guerra moderna.

SEGUNDA PARTE

- I — O ambiente.
- II — O papel histórico Suvorov.
- III — O exército russo de Suvorov
- IV — O homem e o soldado
- V — Na última fase da vida
- VI — Conclusão.

PREÇO Cr\$ 12,00

Pedidos à Biblioteca de "A Defesa Nacional".

OFICIAIS E PRAÇAS DA RESERVA DO EXÉRCITO — (Ordem).

— Não se torna mais necessária autorização por parte deste Ministério para que, oficiais e praças da Reserva do Exército, possam sair do País.

(Aviso n.º 1.592 de 22. — D.O. de 25-6-945).

OFICIAIS DA RESERVA REMUNERADOS — (Alistamento).

— Em face da decisão do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal torno público, para conhecimento dos interessados, que, de conformidade com o que prescreve a letra a, art. 3.º das Instruções aprovadas pelo Tribunal Superior Eleitoral, publicadas no "Diário da Justiça" de 16 de junho findo, os Oficiais da Reserva remunerada não serão alistados ex-officio.

(Aviso n.º 1.745 de 17 — D.O. de 19-7-945).

OFICIAIS DA RESERVA CONVOCADOS — (Férias).

— Declaro que aos oficiais da reserva convocados que, tendo pertencido à F.E.B., regressem ao Brasil, deverá ser concedido um período de férias, na conformidade do disposto no Aviso n.º 1.580, de 19 de junho corrente, se assim o desejarem, antes de serem licenciados.

(Aviso n.º 1.625 de 29 — D.O. de 30-6-945).

OFICIAIS DA RESERVA CONVOCADOS — (Licenciamento).

O Diário Oficial n.º 155 de 9-7-945, publica o aviso n.º 8.457, do Ministro da Guerra que aprova as instruções, regulando o licenciamento aos oficiais da Reserva convocados e das praças pertencentes aos corpos da Força Expedicionária Brasileira.

FORÇAS INCORPORADAS — (Engajamento).

I — Tendo em vista que, por motivo do estado de guerra, não foi fixado tempo de serviço para as praças incorporadas a partir de 1 de janeiro de 1943, declaro que nenhuma praça (voluntário, sorteado ou reservista de 2.ª categoria) poderá engajar antes de haver completado onze meses de serviço.

II. Autorizo a concessão:

a) de engajamento e reengajamento às praças que permanecem nas fileiras por motivo da suspensão do licenciamento e satisfazem além da exigência acima, os demais requisitos legais;

b) de engajamento aos reservistas de 1.ª categoria, convocados, que ainda se encontrem incorporados e sejam sargentos ou hajam atingido essa graduação, desde que satisfaçam os requisitos da Lei do Serviço Militar.

III. O disposto no parágrafo único do art. 143 da Lei do Serviço Militar aplica-se às praças que, não podendo reengajar por força desse artigo e do 142 da referida Lei, permanecem ainda nas fileiras por motivo da suspensão do licenciamento e atingiram a graduação de 1.º sargento.

AGOSTO DE 1945

A DEFESA NACIONAL

IV. O engajamento ou reengajamento previsto neste aviso deve ser contado da data em que se publicar a sua concessão.

V. Este aviso substitui o de número 1.597, de 27-6-45.

(Aviso n.º 1.693 de 10 — D.O. de 14-7-945).

PRAÇAS DA TROPA DA I.D/5 — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante da I-D/5 quais as praças da tropa do Q.G. da referida I. D. que devem ser consideradas montadas. Em solução declaro que, enquanto não forem publicados os novos quadros de efetivos, devem ser, na tropa dos Q.G. de I.D. e A.D., consideradas praças montadas armadas de revólver um cabo e sete soldados, inclusive o ordenanç, e consideradas a pé, também armadas de revólver, as demais praças.

(Aviso n.º 1.692 de 28 — D.O. de 29-6-945).

PRAÇA VOLUNTARIA SORTEADA OU RESERVISTA. —

(Engajamento).

I — Tendo em vista que, por motivo do estado de guerra, não foi fixado tempo de serviço para as praças incorporadas a partir de 1 de janeiro de 1943, declaro que nenhuma praça (voluntário, sorteado ou reservista e 2.^a e 3.^a categoria) poderá engajar antes de haver completado doze meses de serviço.

II. Autorizo a concessão:

- a) de engajamento e reengajamento às praças que permanecem nas fileiras por motivo da suspensão do licenciamento e satisfazem além da exigência acima os demais requisitos legais;
- b) de engajamento aos reservistas de 1.^a categoria, convocados, que ainda se encontram incorporados e sejam sargentos ou hajam atingido essa graduação, desde que satisfazam os requisitos da Lei do Serviço Militar.

III. O disposto no parágrafo único do art. 143 da Lei do Serviço Militar aplica-se às praças que, não podendo reengajar por força desse artigo e do 142 da referida Lei, permanecem ainda nas fileiras por motivo da suspensão do licenciamento e atingiram a graduação de 1.^a Sargento.

IV. O engajamento ou reengajamento previstos neste aviso deve ser contado da data em que se publicar a sua concessão.

V. Este aviso substitui o de número 1.597, de 27-6-45.

(*) (Reproduz-se por ter saído com incorreções no Diário Oficial, de 14 do corrente, a pág. 12-18, 3.^a coluna).

(Aviso n.º 1.693 de 10 — D.O. de 19-7-945).

PRAÇAS QUE DESEJAREM RETIRAR-SE DESTA CAPITAL —
(Transporte).

— Em aditamento ao disposto no item IX do Aviso n.º 1.548, de 14 de junho de 1945, declaro que as praças nôle referidas, que desejarem retirar-se desde logo desta Capital, serão mandadas adir a corpos, repartições ou estabelecimentos militares, designados pela Diretoria das Armas, mais próximos aos lugares em que forem residir e onde aguardarão reforma.

AGOSTO DE 1945 . A DEFESA NACIONAL

Aos Comandanets do Centro de Recompletamento do Pessoal ou Corpos que tenham praças naquela situação, compete :

- a) enviar à Diretoria das Armas os nomes das mesmas praças com as informações necessárias;
- b) providenciar, junto ao Serviço de Embarque, quanto ao transporte.

(Aviso n.º 1.684 de 9 — D.O. de 11-7-945).

REGULAMENTO DA DIRETORIA MOTO-MECANIZAÇÃO — (Aprovação).

O Diário Oficial n.º 157 de 11-7-1945, (pagina n.º 12.035) publica o Decreto-Lei n.º 19.052, que aprova o Regulamento da Diretoria de Motomecanização.

REGULAMENTO DE CONTINENCIA — (Solução de consulta).

— Tendo o Tenente Coronel Canrobert Penn Lopes da Costa, Sub-cmt. de 3.º R.A.D.C., consultado se está em vigor o art. 111 do Regulamento de Continência, Honras e Sinais de Respeito (Decreto n.º 8.736 de 10-2-42), em face do que dispõe a III Parte do Regulamento de Toques e Marchas (ordenanças) além da prática costumeira em todo o País, dos compassos de marcha batida à chegada de Oficial General aos quartéis, em solução declaro que só deve ser executado o que prescreve o art. 111 do Regulamento de Continências, Honras e Sinais de Respeito, ficando abolida a execução de compassos iniciais de marchas por corneteiros (clarins) isolados à chegada de Oficial gerais aos quartéis.

(Aviso n.º 1.688 de 4 — D.O. de 6-7-945).

RELAÇÃO PARA QUALIFICAÇÃO — (Ordem).

— Em aditamento ao Aviso número 1.558, de 16 do corrente, fica subentendido que só deverão figurar nas relações para qualificação ex-officio de que trata o art. 23 do Decreto-lei n.º 7.586, de 28 de maio último os nomes de oficiais em serviço ativo que desejarem usar dessa faculdade, quanto ao alistamento, de vez que, em virtude do art. 4.º do referido Decreto, não estão os mesmos subordinados ao voto obrigatório.

REGULAMENTO PARA O CORPO DE OFICIAIS DA RESERVA — (Modificação).

— O Diário Oficial n.º 163 de 19-7-945, (pagina n.º 2310) publica o Decreto-Lei n.º 19.207 de 16, que modifica dispositivos do Regulamento para o Corpo de Oficiais da Reserva.

— Aprovo o toque de corneta para as Unidades de Manutenção, de conformidade com a notação musical anexa. Esse toque deverá ser procedido do sinal correspondente ao escalão: companhia ou batalhão.

(Viso n.º 1.576 de 19 — D.O. de 21-6-945).

Visita do Sr. Fernando Costa a Conceição de Itanhaém

O povo recebe o chefe do executivo paulista e sua comitiva com grande demonstração de entusiasmo — A inauguração da estátua de José de Anchieta — Brinde de honra ao Presidente da República e ao Interventor Federal — Inauguração do busto do Senhor Fernando Costa — Lançamento da pedra fundamental do Grupo Escolar “Benedito Calixto”.

Dando fiel cumprimento ao seu programa de auxílio e assistência aos municípios do interior o Sr. Fernando Costa, Interventor Federal no Estado de São Paulo, em dias deste mês visitou Conceição de Itanhaém pitoresca cidade do litoral paulista, onde fôra, acompanhado de sua comitiva, a fim de presidir a várias solenidades, dentre as quais se destacava a inauguração da estátua de José de Anchieta.

Num domingo dos mais festivos foi o Sr. Fernando Costa recebido pelas autoridades e população locais, sob vibrantes aclamações de simpatia e entusiasmo, numa demonstração evidente de reconhecimento a S. Ex. pelo muito que tem feito e promete fazer, em benefício de seu município.

Viajando de automóvel para Santos, dali seguiu, com sua comitiva, em trem especial da E. F. Sorocabana até Itanhaém. Ao desembarcar na estação foi o Chefe do Governo paulista festivamente recebido por numerosas autoridades locais e representantes dos municípios vizinhos, tendo sido alvo das mais calorosas ovacões populares, durante o trajeto da estação ao largo principal. Em ali chegando, à frente da histórica matriz construída pelos jesuítas, em 1761, o Sr. Fernando Costa e sua comitiva assistiram à solene missa campal celebrada pelo padre Roberto Drumond Gonçalves.

Após o ofício religioso, teve lugar a inauguração da estátua de José de Anchieta, trabalho do escultor Luiz Morrone, erigida no centro da praça principal. Dando inicio à cerimônia, o Interventor hasteou a bandeira nacional, levantando, em seguida, sob uma salva de palmas da assistência, o pan o que cobria a estátua. Nesse momento fez uso da palavra o professor Cândido Mota Filho, da Academia Paulista de Letras, pronunciando um belo e substancioso discurso, no qual estudou a personalidade do eminentíssimo jesuíta.

Finda a solenidade inaugural o Interventor Fernando Costa e sua comitiva, sempre sob vivas aclamações populares, se dirigiram ao Hotel Balneário, onde lhes foi servido um “cock-tail”. Ao meio-dia, no

A DEFESA NACIONAL

Hotel Pollastrini, teve lugar um almoço oferecido pelo povo de Itanhaém. Durante o ágape, falou, inicialmente, o sr. José Tolosa, oferecendo o almoço e pronunciando vibrante discurso. Fizeram-se ouvir outros oradores, sendo o brinde de honra ao Presidente da República e ao Interventor Federal levantado pelo sr. Antônio Feliciano, em breve improviso.

Agradecendo a expressiva manifestação de apreço, o Sr. Fernando Costa pronunciou, de improviso, o seguinte discurso:

"Meus prezados amigos de Itanhaém:

Poderia ter trazido um discurso escrito, para agradecer as homenagens tão cativantes que acabais de prestar ao meu Governo e à minha pessoa. Não quis fazê-lo, porém, preferindo falar de improviso, com o coração na mão, diante das impressões magníficas que recebi neste ambiente tão simpático e tão brasileiro.

Aqui vim, para vos visitar, para visitar a vossa terra, a vossa gente, e verificar de perto os vossos anseios, as vossas necessidades tão reclamadas pela comissão quer há pouco tempo, foi aos Campos Elíseos solicitar a atenção do Governo para estas plagas.

Vim, também, para prestar a minha homenagem à memória de Anchieta, esse vulto inconfundível da nossa História que, da terra Luzitana, atravessando o oceano, aqui veio lançar as bases desta cidade e pelos sertões afora foi implantando o trabalho, a religião, a moral, e os fundamentos do nosso progresso social. Subindo a Serra do Mar, fundou o colégio no planalto de Piratininga Colegio que foi o berço da nossa civilização.

Essa civilização foi se estendendo pelo interior a dentro em busca de terras férteis, de terras de melhores qualidades do que esta, de terras, também, que não fossem tão castigadas pela malaria e por outras endemias próprias da região.

Criou-se, assim, em São Paulo, uma civilização potente e movediça, que foi deixando para trás as terras litorâneas, quase que em abandono.

Se Anchieta aqui voltasse, hoje depois de 413 anos, quem sabe pouca melhoria havia de encontrar na terra que ele quasi que fundou — Itanhaém.

Progredindo demais nas zonas de terra roxa, São Paulo não teve tempo de olhar para o seu litoral. E não podia fazê-lo pois o território era grande e havia escassez de população para povoar os cafezais do planalto de Piratininga, os canaviais, as terras das demais culturas e também a nossa indústria. A população litorânea ia, portanto, diminuindo, à medida que a prosperidade ia avançando no planalto.

A DEFESA NACIONAL

As cidades se formam e se desenvolvem condicionadas, pelas atrações ou pelas possibilidades da região. Hoje, as atenções se voltam para as nossas praias. As populações já muito aumentadas, como acontece na Capital, onde existe uma grande, uma pujante indústria, necessitam do ar livre, do ar puro que retempera as suas forças físicas. Portanto, as nossas vistas já se voltam para o litoral, a fim de trazermos para ele a gente do planalto que vem recuperar a saúde e renovar as energias para novos trabalhos e novos esforços em prol da grandeza da Patria. (Palmas).

Esta é a missão que está reservada, futuramente, ao litoral paulista. Ele receberá, semanalmente, mensalmente, anualmente, levas enormes de paulistas para contemplarem as belezas do nosso oceano e, ao mesmo tempo, receberem o ar iodado dom que o seu organismo recuperará as energias desgastadas na vida agitada de nossos dias.

Assim pensando, hoje, nesta visita que vos faço, lembrei-me de providenciar a elaboração de um projeto de decreto, logo que chegasse em São Paulo, a fim de criar, aqui, uma estação climática. (Palmas prolongadas). Assim, o município receberá do Estado, anualmente, a importância necessária para os melhoramentos que façam deste recanto um lugar ideal de repouso para os visitantes da Capital do Estado e dos demais pontos do Interior.

Além disso, mandarei para cá um engenheiro urbanista a fim de traçar um plano de renovação da cidade, plano que será executado gradativamente. Na mesma ocasião, pedirei um crédito ao Conselho Administrativo do Estado, a fim de proporcionar energia elétrica à vossa cidade, para melhorar o serviço de águas e esgotos, para calçar uma parte da cidade e para iniciar a construção da estrada que ligará Itanhaém à via Anchieta. (Aplusos prolongados). Com este serviço, prestaremos uma homenagem a Anchieta, dando-vos facilidade para o vosso desenvolvimento e prosperidade.

Resolvendo, assim, os vossos problemas, nas condições em que faremos voltar para este município uma prosperidade grande, beneficiando-se, assim toda a sua região e toda a sua população.

Levo, desta visita, uma recordação saudosa e me sinto muito honrado com a vossa cativante cortezia, demonstrada pela palavra eloquente do vosso representante.

Daqui sairei pensando em todos vós e resolverei com rapidez o que vos prometi, para que o vosso município figure entre os grandes municípios de São Paulo, na estrada larga do nosso engrandecimento e da nossa prosperidade". — S.P.

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal, 32, Ministério da Guerra
Colaborações: Ten. Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadual de Imprensa

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar

Telefones 43-9918 e 23-1451

OFICIAIS

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/45	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

SARGENTOS E PRAÇAS

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$	Cr\$
Renovadas	Cr\$ 35,00	Cr\$ 20,00
Novas a partir de 25/2/45	Cr\$ 50,00	Cr\$ 25,00

A PUBLICIDADE NA A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápi-
caba, 61 — 4.º andar — Telefone 2-5841.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua
Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de
Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar),
Avenida 15 de Agosto.

Colaboram neste número:

Gen. Onofre Gomes de Lima.

Gen. Castro Ayres.

Cel. R. B. Nunes.

Cel. J. B. Magalhães.

Cel. Felício Lima.

Maj. A. C. Muniz de Aragão.

Maj. Eximino de Almeida Moraes.

Cap. Marcio de Menezes.

Cap. D. C. C.

Orlando M. Carvalho.

Virgílio Corrêa Filho.



Cr\$ 5,00

Editora e Oficina Gráfica À NOITE

Av. Mal. Eusébio, 15 e 21 — Rio.